



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

PROJETO AUTONOMIA:
Uma história em construção no Distrito Federal

RAFAELLA SOUZA CERVEIRA

BRASÍLIA – DF
OUTUBRO DE 2012

RAFAELLA SOUZA CERVEIRA

PROJETO AUTONOMIA:

Uma história em construção no Distrito Federal

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Pedagogia, Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Alexandra Militão Rodrigues.

BRASÍLIA – DF
OUTUBRO DE 2012

RAFAELLA SOUZA CERVEIRA

PROJETO AUTONOMIA:
Uma história em construção no Distrito Federal

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Pedagogia, Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Alexandra Militão Rodrigues.

Comissão Examinadora:

Professora Doutora Maria Alexandra Militão Rodrigues (Orientadora)
Faculdade de Educação/Universidade de Brasília

Professora Doutora Fátima Lucília Vidal Rodrigues (Examinadora)
Faculdade de Educação/Universidade de Brasília

Professora Doutora Regina Lúcia Sucupira Pedroza (Examinadora)
Instituto de Psicologia/Universidade de Brasília

Professora Mestre Simone Gonçalves de Lima (Examinadora)
Instituto de Psicologia/Universidade de Brasília

Brasília, 10 de outubro de 2012.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por me dar saúde e paz na caminhada diária.

À minha família, por ser minha raiz e constituir quem sou. Por me amar, apoiar e puxar minha orelha quando necessário: Josemária, Ruy, Rômulo, Ranielle, Ruan e Rafael.

Agradeço a professora Helena, uma pessoa que me ensinou a ler e a escrever de uma forma amorosa e ainda faz parte da minha concepção de professora.

A todos os companheiros de movimento estudantil nacional e vida universitária que tanto contribuíram para minha formação como pessoa e pedagoga, são muitos, por isso deixo apenas o meu agradecimento.

Aos companheiros do Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária – PRONERA 2008/2010 que tanto me ensinaram sobre trabalho coletivo, responsabilidade social e luta por direitos.

Aos amigos que me incentivaram e estiveram presentes em várias ocasiões de felicidade e dificuldade: os amigos do Colégio Militar e grupos de email, “fórum” e “lixão”.

Às minhas amigas-educadoras do Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação e Práticas Inovadoras – GEPEPI.

Agradeço aos conspiradores do Projeto Autonomia que não tiveram medo de arriscar, e ao arriscarem abriram espaço para transformação da sociedade por meio de atitudes tão simples como levantar o dedo em uma reunião. Pais, professores, estudantes, educadores, entusiastas e crianças - principalmente as crianças- obrigada de coração!

Ao grupo do “Projeto de Extensão Diálogos Com Experiências Educacionais Inovadoras: Projeto Autonomia” pela troca de aprendizado, risos, lágrimas, mais acima de tudo, agradeço pela certeza que mesmo não sendo muitos, somos persistentes na luta por uma escola pública sadia, democrática e Feliz!

Às professoras do Instituto de Psicologia Simone Gonçalves de Lima e Regina Lúcia Sucupira Pedroza pelo carinho sempre demonstrado, o conhecimento compartilhado e a paciência nos momentos de dificuldade.

Agradeço aos professores da Faculdade de Educação, minha referencia de educadores e formadores completos que mudaram minha concepção de educação e visão de mundo ao questionar minhas certezas e buscar tirar o melhor de mim, Álvaro Sebastião Teixeira, Fátima

Lucília Vidal Rodrigues, Norma Lucia Queiroz, Renato Hilário Reis e Tadeu Queiroz Maia.

Em especial agradeço a minha orientadora por ser simplesmente quem é: uma pessoa inspiradora. Obrigada por cada palavra poética, gesto doce e dedicação que teve comigo, gostaria de ter toda a cumplicidade que ela tem com as palavras para conseguir descrever o que meu coração sente, mas por enquanto o meu obrigado sincero deverá bastar.

Por último agradeço a você leitor(a), pois se está lendo esse trabalho é porque se interessa em experiências e práticas inovadoras. Espero que seja mais um no grupo de conspiradores.

Muito Obrigada!

Se, na verdade, não estou no mundo para simplesmente a ele me adaptar, mas para transformá-lo; se não é possível mudá-lo sem um certo sonho ou projeto de mundo, devo usar toda possibilidade que tenha para não apenas falar de minha utopia, mas participar de práticas com ela coerentes.

Paulo Freire

SUMÁRIO

RESUMO	x
ABSTRACT	xi
LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS	xii
LISTA DE QUADROS	xiv
LISTA DE GRÁFICOS	xvii
PARTE 1	18
MEMORIAL EDUCATIVO	19
Os primeiros passos	19
Memórias de infância	19
Terra Brasília	20
Olá, Universidade!	22
a) Vivências universitárias	23
a.1) Centro Acadêmico de Pedagogia – CAPE	23
a.2) Escola de Pais e Filhos	23
a.3) Filosofia na Escola	24
a.3) Projeto de Educação como Protagonista do Desenvolvimento Integral, Sustentável e Solidário do Município de Carinhanha, Bahia	25
a.4) Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária – PRONERA ...	26
a.5) Estágio no Tribunal de Contas da União – TCU	26
a.6) Projeto Rondon	27
Novos rumos	27
a) Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação e Práticas Inovadoras – GEPEPI ..	28
b) Projeto Autonomia	28
PARTE 2	30
METODOLOGIA	35
A pesquisa documental	35
O Projeto Autonomia como pesquisa-ação	36
Entrevista semiestruturada	37
CAPÍTULO 1 – UM SONHO QUE SE SONHA JUNTO	39
1.1 Como tudo começou	39

1.2 As crianças cresceram e o projeto nasceu.....	40
1.3 Os primeiros conspiradores	41
1.4 Parcerias: fortalecendo alianças.....	44
1.5 Palestra de José Pacheco: agregando conspiradores.....	45
1.6 Dever de casa: a busca por escolas e salas para o Projeto	48
1.7 Possibilidades de parceria com as escolas	53
1.8 Construção da metodologia de apresentação do Projeto nas e às escolas	54
1.9 Metodologia e apresentação.....	56
1.10 1ª. Carta ao Emílio.....	59
CAPÍTULO 2 – DE MÃOS DADAS.....	62
2.1 Estabelecendo novos espaços de discussão e aprendizagem	62
2.2 Ambiente Aprender: espaço on-line.....	65
2.3 Curso de Extensão: Projeto Autonomia – Módulo I	72
2.3.1 Primeira Quinzena: presencial e virtual	74
2.3.2 Segunda Quinzena: presencial e virtual.....	80
2.3.3 Terceira Quinzena: presencial e virtual	83
2.3.4 Quarta Quinzena: presencial e virtual.....	90
2.3.5 Quinta Quinzena: presencial e virtual	92
2.4 2ª. Carta ao Emílio.....	93
CAPÍTULO 3 – PRIMEIROS PASSOS	96
3.1 Curso de Extensão: Projeto Autonomia – Módulo II: Práxis na Escola	96
3.2 Vamos pensar nossos passos?.....	96
3.3 Reviver	99
3.4 Intervenções na Escola Classe 209 Sul.....	100
3.4.1 Observações na sala	100
3.4.2 Caixa de brinquedos	101
3.4.3 Oficinas de Matemática	101
3.4.4 Reuniões pedagógicas com os professores.....	101
3.4.5 Monitores	102
3.5 Semana de Extensão da Universidade de Brasília 2011	103
3.6 Projeto 3 e 4.....	103
3.7 Presença do educador José Pacheco, ex-diretor da Escola da Ponte	103
3.8 E agora, José?	104

3.9 3ª. Carta ao Emílio.....	105
CAPÍTULO 4 – MANTENDO A CAMINHADA	107
4.1 Pluralidade	107
4.2 Coletivo: momentos de organização e reflexão	108
4.3 Espaços de formação do grupo: oficinas, palestras e participação em encontro..	116
4.3.1 Corpo e Movimento.....	116
4.3.2 Roda de Trabalho com José Pacheco.....	118
4.3.3 Roda de Planejamento na escola.....	120
4.3.4 Oficina de Yoga, Arte e Educação	122
4.3.5 IV Seminário Nacional de Educação Integral – Programa Mais Educação .	124
4.3.6 Lourdes Danezy: Desenvolvimento e inclusão de crianças com necessidades especiais.....	124
4.3.7 Luciana Campolino: A experiência da EMEF Desembargador Amorim Lima	125
4.4 Ação com as crianças.....	126
4.4.1 Perguntas e Ideias	126
4.4.2 Contação de Histórias	129
4.4.3 Corpo e Movimento.....	131
4.4.4 Teatração	132
4.4.5 Yoga, Arte e Educação	134
4.5 Daqui pra frente.....	135
4.6 Construindo caminhos	137
4.6.1 Projeto Autonomia: Ciências	140
4.6.1.1 Relato do Projeto	140
4.6.2 Oficinas	143
4.6.2.1 Perguntas e Ideias.....	144
4.6.2.2 Contação de Histórias e Ateliê Criativo	146
4.6.2.3 Batucada.....	148
4.6.3 Roda de Planejamento na escola.....	148
4.7 4ª. Carta ao Emílio.....	157
REINICIANDO A RODA	159
PERSPECTIVA	160
PARTE 3	161
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	162

ANEXOS	167
ANEXO “A” – Primeira Versão da Proposta do Projeto Autonomia.....	168
ANEXO “B” – Carta escrita pelo GEPEPI apresentando o Projeto Autonomia	186
ANEXO “C” – Letra da música “A Ponte”.....	187
ANEXO “D” – Programação com José Pacheco – Novembro de 2011.....	188
ANEXO “E” – Convite: Roda de Conversa com o Professor José Pacheco – Novembro de 2011	189
ANEXO “F” – Carta entregue às professoras da Escola Classe 209 Sul.....	190
ANEXO “G” – Painel sobre o Projeto Autonomia – 3º ENaRC.....	195
ANEXO “H” – Entrevista realizada com Gabriela Almeida e Juliana Arraes.....	196
ANEXO “I” – Entrevista realizada com Mônica Padilha.....	204
ANEXO “J” – Entrevista realizada com Tamine Cauchioli	209

RESUMO

O presente trabalho foi construído no formato de ensaio e visa obtenção de título de licenciada em pedagogia pela Universidade de Brasília. O objetivo foi investigar a história do Projeto Autonomia, como experiência inovadora na educação do Distrito Federal, desde seu início em 2010, com pais desejosos de mudar a educação oferecida aos seus filhos, até setembro de 2012, com um grupo mais amplo organizado na Universidade de Brasília – Faculdade de Educação e Instituto de Psicologia – em um processo colaborativo com escolas associativas e públicas, em especial a Escola Classe 209 Sul. Durante a narrativa apresento os atores envolvidos, os processos formativos vivenciados nesse coletivo, as dificuldades e avanços na construção de uma educação mais democrática e autônoma. Tendo sido parte atuante nesse processo pedagógico, utilizo como instrumentos de análise a minha própria memória, além de documentos, fotos, entrevistas e discussões em ambientes virtuais. A narrativa do processo vivido está organizada em quatro momentos. Ao final de cada um deles faço uma reflexão mais subjetiva por meio de cartas ao meu tataraneto fictício “Emílio”.

Palavras-chave: Inovação educativa. Formação de professores. Práxis educativa.

ABSTRACT

This work was built in essay format and aims to obtain the title of a degree in pedagogy from Universidade de Brasília. The objective was to investigate the history of Projeto Autonomia, innovative experience in education as Distrito Federal, since its inception in 2010, with parents willing to change the education offered to their children, until September 2012, with a wider group organized at Universidade de Brasília – Education Faculty and Psychology Institute - in a collaborative process with public schools and associations, in particular the Escola Classe 209 Sul. During the narration presenting the actors involved, the formative processes faced by this collective, the difficulties and advances in constructing an education more democratic and autonomous. Having been an active part of this educational process, using analysis tools like my own memory, as well as documents, photos, interviews and discussions in virtual environments. The narrative of the living process is organized into four stages. At the end of each of them I make a more subjective reflection by writing letters to my fictitious greatgrandson "Emílio".

Keywords: Education innovation. Teacher training. Education praxis.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BA	- Bahia
CAPe	- Centro Acadêmico de Pedagogia
CDI	- Comitê para Democratização da Informática
CDS	- Centro de Desenvolvimento Social
CEAD	- Centro de Educação à Distância
CEF	- Centro de Ensino Fundamental
CMB	- Colégio Militar de Brasília
DF	- Distrito Federal
EAPE	- Escola de Aperfeiçoamento dos Profissionais de Educação
EC	- Escola Classe
EIC	- Escola de Informática e Cidadania
ENADE	- Exame Nacional de Desempenho de Estudantes
EPF	- Escola de Pais e Filhos
FE	- Faculdade de Educação
GDF	- Governo do Distrito Federal
GEPEPI	- Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação e Práticas Inovadoras
GO	- Goiás
IBRAM	- Instituto Brasília Ambiental
IP	- Instituto de Psicologia
MS	- Mato Grosso do Sul
ONG	- Organização Não Governamental
PA	- Pará
PCN	- Parâmetro Curricular Nacional
PEAC	- Projeto de Extensão e Ação Continua
PPP	- Projeto Político Pedagógico
PRONERA	- Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária
SEDF	- Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal
SIGPROJ	- Sistema de Informação e Gestão de Projetos
SOE	- Setor de Orientação Educacional

- TCC - Trabalho de Conclusão de Curso
- TCU - Tribunal de Contas da União
- UnB - Universidade de Brasília

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -	José Pacheco, Roberta (diretora da Escola Classe 304 Norte), Rodrigo Klobitz e Dioclécio Luz – 25/11/2010.....	47
Figura 2 -	Palestra com José Pacheco na Escola Classe 304 Norte – 25/11/2010.....	48
Figura 3 -	Sala de reuniões Faculdade de Educação 3 – Apresentação do espaço virtual – 29/04/2011.....	70
Figura 4 -	Sala de reuniões Faculdade de Educação 3 – Apresentação do espaço virtual – 29/04/2011.....	70
Figura 5 -	1º Encontro do Curso de Extensão do Projeto Autonomia – Sala Papiros/Faculdade de Educação 1 –vespertino 04/05/2011.....	75
Figura 6 -	1º Encontro do Curso de Extensão do Projeto Autonomia: Momento de observar o mural com as palavras do grupo – Sala Papiros/Faculdade de Educação 1 – vespertino 04/05/2011.....	77
Figura 7 -	1º Encontro do Curso de Extensão do Projeto Autonomia: espaço dos Sentimentos – Sala Papiros/Faculdade de Educação 1 – vespertino 04/05/2011.....	78
Figura 8 -	3º Encontro presencial do Curso de Extensão do Projeto Autonomia – Sala Papiros/Faculdade de Educação 1 – vespertino 18/05/2011.....	81
Figura 9 -	Reunião de planejamento do Curso de Extensão – gramado em frente a sala de recursos pedagógicos – Faculdade de Educação 5 – 26/05/2011...	83
Figura 10 -	Reunião de planejamento do Curso de Extensão – Bruna , Thayanne, Amanda Mota e Fátima – Faculdade de Educação 5 – 26/05/2011.....	84
Figura 11 -	3º encontro presencial do Curso de Extensão do Projeto Autonomia – Sala Papiros/Faculdade de Educação 1 – matutino 01/06/2011.....	86
Figura 12 -	3º encontro presencial do Curso de Extensão do Projeto Autonomia – Sala Papiros/Faculdade de Educação 1 – vespertino 01/06/2011.....	87
Figura 13 -	3º Encontro presencial do Curso de Extensão do Projeto Autonomia – Sala Papiros/Faculdade de Educação 1 – vespertino 01/06/2011.....	88
Figura 14 -	3º Encontro presencial do Curso de Extensão do Projeto Autonomia – Sala Papiros/Faculdade de Educação 1- Vespertino.....	88

Figura 15 -	3º Encontro presencial do Curso de Extensão do Projeto Autonomia – Sala Papiros/Faculdade de Educação 1 – vespertino 01/06/2011.....	89
Figura 16 -	3º Encontro presencial do Curso de Extensão do Projeto Autonomia – Sala Papiros/Faculdade de Educação 1 – matutino 01/06/2011.....	90
Figura 17 -	Roda de Conversa com professor José Pacheco – Centro de Excelência em Turismo/UnB – 24/11/2011.....	104
Figura 18 -	Reunião Projeto Autonomia – Faculdade de Educação 5 – sala LAOS – 04/04/2012.....	111
Figura 19 -	Reunião do Projeto Autonomia – Faculdade de Educação 5 – sala LAOS – 04/04/2012.....	112
Figura 20 -	Reunião do Projeto Autonomia – Faculdade de Educação 5 – sala LAOS – 25/04/2012.....	113
Figura 21 -	Reunião de Trabalho com o professor José Pacheco – Pacheco, Masa e Simone – Faculdade de Educação 5 – sala 11 – 27/04/2012.....	114
Figura 22 -	Reunião Projeto Autonomia – Faculdade de Educação 5 – sala LAOS – 16/05/2012.....	115
Figura 23 -	Oficina com professores da Escola Classe 209 Sul – Escola Classe 209 Sul – 11/04/2012.....	117
Figura 24 -	Roda de Trabalho com José Pacheco – Faculdade de Educação 5 sala 11 – 27/04/2012.....	118
Figura 25 -	Roda de Trabalho com José Pacheco – Faculdade de Educação 5 – sala 11 – 27/04/2012.....	119
Figura 26 -	Roda de Trabalho com José Pacheco – Rafa (eu), Regina, Andrea, Jéssica e Wellington – Faculdade de Educação 5 – sala 11 – 27/04/2012..	120
Figura 27 -	Projeto Autonomia – reunião pedagógica – Escola Classe 209 Sul – 09/05/2012.....	121
Figura 28 -	Oficina de Yoga, arte e educação – Escola Classe 209 Sul – 23/05/2012...	122
Figura 29 -	Oficina de Yoga, Arte e Educação – Escola Classe 209 Sul – 23/05/2012.	123
Figura 30 -	Oficina Perguntas e ideias – Rotina construída Coletivamente –Escola Classe 209 Sul – 14/05/2012.....	127
Figura 31 -	Oficina Perguntas e Ideias – construção do filme – Escola Classe 209 Sul – 18/06/2012.....	128
Figura 32 -	Oficina Perguntas e Ideias – Escola Classe 209 Sul – 11/06/2012.....	129

Figura 33 -	Oficina de Contação de Histórias – Escola Classe 209 Sul – 28/05/2012..	130
Figura 34 -	Oficina de Corpo e Movimento – Escola Classe 209 Sul – 28/05/2012.....	131
Figura 35 -	Oficina de Corpo e Movimento – Escola Classe 209 Sul – 26/06/2012.....	132
Figura 36 -	Oficina de Teatração – Escola Classe 209 Sul – 30/05/2012.....	133
Figura 37 -	Oficina de Teatração – Escola Classe 209 Sul – 07/10/2012.....	134
Figura 38 -	Projeto Autonomia – matutino 4º ano - Escola Classe 209 Sul – 11/09/2012.....	141
Figura 39 -	Projeto Autonomia - Matutino 4º ano – Escola Classe 209 Sul – 18/09/2012.....	142
Figura 40 -	Projeto Autonomia – matutino 5º ano – Escola Classe 209 Sul – 01/10/2012.....	143
Figura 41 -	Oficina Perguntas e Ideias – Escola Classe 209 Sul – 10/09/2012.....	144
Figura 42 -	Oficina Perguntas e Ideias – Escola Classe 209 Sul – 24/09/2012.....	145
Figura 43 -	Oficina de Contação de Histórias – Escola Classe 209 Sul – 10/09/2012..	146
Figura 44 -	Oficina Ateliê Criativo – Escola Classe 209 Sul – 01/10/2012.....	147
Figura 45 -	III Encontro Nacional da Rede Românticos Conspiradores pela Educação Democrática – plenária inicial – 29/07/2012.....	150
Figura 46 -	III Encontro Nacional da Rede Românticos Conspiradores pela Educação Democrática Projeto Âncora Cotia /SP - 29/07/2012.....	150
Figura 47 -	Visita à escola Politeia – sala de aula 6º ao 9º ano – 31/07/2012.....	151
Figura 48 -	Visita à Escola Politeia – espaço de organização das atividades semanais da sala de aula do 1º ao 5º ano – 31/07/2012.....	152
Figura 49 -	Visita à escola Teia Multicultural – sala de aula – 31/07/2012.....	153
Figura 50 -	Visita à Escola Teia Multicultural – espaço de divulgação das atividades artísticas das crianças – 31/07/2012.....	154
Figura 51 -	Desenhos dos sentimentos do grupo-Reunião Projeto Autonomia – Faculdade de Educação 5 – Sala LAOS – 19/09/2012.....	156
Figura 52 -	Expressão escrita dos sentimentos do grupo Reunião – Faculdade de Educação 5 sala LAOS – 19/09/2012.....	156

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 -	Diálogo 1.....	43
Quadro 2 -	Diálogo 2.....	44
Quadro 3 -	Convite Palestra Escola Classe 304 Norte.....	46
Quadro 4 -	Contato convite.....	50
Quadro 5 -	Diálogo 3.....	52
Quadro 6 -	Criação da primeira lista de discussão.....	53
Quadro 7 -	Iniciação.....	62
Quadro 8 -	Construindo espaços.....	66
Quadro 9 -	Carta-convite Curso Presencial.....	69
Quadro 10 -	Integrantes PEAC Diálogos com experiências educacionais inovadoras...	73
Quadro 11 -	Tutoria espaço Aprender – Universidade de Brasília.....	79
Quadro 12 -	Horários do Projeto Autonomia – 1º. Semestre de 2011 – turno Vespertino.....	109
Quadro 13 -	Horários do Projeto Autonomia – 1º. Semestre de 2012 – turno Vespertino.....	112
Quadro 14 -	Horários do Projeto Autonomia – 2º. Semestre de 2011 – turno Diurno....	137
Quadro 15 -	Horários Escola Classe 304 Norte.....	139

PARTE 1

MEMORIAL EDUCATIVO

Escrever essa primeira parte do projeto final é acima de tudo um processo prazeroso, uma experiência de reflexão do como cheguei ao tema desse trabalho e de uma descoberta de um pedaço de mim.

Parto do princípio que todos os lugares e pessoas que passaram durante esses anos na minha vida foram importantes para o meu desenvolvimento como pessoa e me ajudaram a tomar as decisões que me fizeram chegar aqui, nesse estudo. Infelizmente não colocarei todos esses episódios nesse memorial, mas deixo registrado como sei que tudo foi essencial.

Durante a minha vida o ambiente escolar e todos os seus espaços foram importantes para a minha formação, assim como todas as cidades e locais onde morei. Por isso no decorrer de meu memorial educativo essas características estarão bem presentes.

Os primeiros passos

Nasci em Natal no Rio Grande do Norte no dia 10 de abril de 1987, caçula em uma família de três filhos. Meu nome, Rafaella, foi muito bem escolhido pelo meu pai, Ruy, que teve o carinho de colocar a herança do “R” e ainda deixá-lo com um toque especial dos dois “L”. Não me recordo muitos dos primeiros anos de vida. Sei que os primeiros meses convivi com meus parentes maternos, meu pai Ruy que já era militar ficou com meus irmãos mais velhos, Rômulo e Ranielle, em Nioaque no Mato Grosso do Sul. Foi em Natal que comecei a descobrir o mundo... A andar, a brincar e a me comunicar.

Memórias de infância

Acho que o quintal onde a gente brincou é maior do que a cidade. A gente só descobre isso depois de grande. A gente descobre que o tamanho das coisas há que ser medido pela intimidade que temos com as coisas. Há de ser como acontece com o amor. Assim, as pedrinhas do nosso quintal são sempre maiores do que as outras pedras do mundo. Justo pelo motivo da intimidade. [...]

Manoel de Barros – Memórias Inventadas: a infância.

Quando estava com uns 07 meses de idade, fui com minha mãe morar em Nioaque, Mato Grosso do Sul – MS, e fiquei até os 03 anos quando meu pai, militar, foi transferido para Marabá, Pará – PA.

Marabá é a minha cidade nostálgica, a minha casa de infância é onde guardo minhas primeiras imagens de vida, de sociedade, de família e de educação. Nos anos em que morei em Marabá desfrutei de brincadeiras nas ruas, no quintal, em vários cantos da Vila Militar que era extensa e cheia de bosques, matas e clubes.

Em Marabá estudei na escola “A Fazendinha” e com ajuda da professora Helena, pessoa mais dedicada e amorosa que poderia encontrar, alfabetizei-me por intermédio de lendas e estórias da região que explicavam desde o nome do município até o surgimento da planta aquática vitória-régia. Durante esses anos participei do grupo de teatro, de dança, fui representante de turma e me aventurava em qualquer brincadeira que surgia na escola. A fazendinha era uma continuidade da minha casa, conhecia a diretora, muitos professores e estudantes de várias séries, pois meus irmãos e colegas de Vila Militar estudavam no mesmo local e minha mãe lecionava biologia.

Nos anos em que morei em Marabá tive um vínculo maior com as pessoas e fiz verdadeiras amizades, pude desfrutar da alegria de ser criança. Como meu pai era militar sempre tive amigos de várias partes do país e assim me acostumei a conviver com pessoas com costumes diversificados.

Terra Brasília

No meio da 4ª série meu pai foi transferido para Brasília, então fomos todos para o cerrado. Foi um momento muito difícil, pois deixei meus amigos para trás e percebi que teria que me adaptar a uma cidade com clima diferente, pessoas diferentes, cultura diferente e espaços diferentes.

Cheguei com minha família em Brasília no final de 1997, pois meus pais acreditavam que na capital tínhamos uma melhor qualidade de vida e oportunidade educacionais, principalmente no Colégio Militar. Ao chegar observei muitos prédios, muito cimento, poucos lugares ao ar livre, com poucas árvores e animais... Então percebi que estava em um ambiente “bastante” urbano. Foi a primeira vez que morei em um apartamento, não tinha mais o quintal para correr, o muro para pular, a horta para plantar nem as árvores para subir e colher o fruto. Adaptei-me a condição de novata em todos os ambientes e fui conhecendo cada novo espaço.

Ingressei na quinta série do Colégio Militar de Brasília – CMB em 1998. Apenas no primeiro dia de aula, apesar de todas as coisas que meus irmãos falavam, pois já estudavam lá há cerca de um ano, vi como aquele lugar seria um mundo totalmente novo e diferente para mim, existem situações que devemos vivenciar para entender. No CMB tivemos que aprender durante uma semana a marchar, a entender os comandos por uma corneta, a nos vestir corretamente com o uniforme, a cantar os hinos e a respeitar e obedecer à hierarquia militar, contudo também tivemos grandes privilégios no decorrer dos anos como às aulas de inglês ou espanhol, educação física em um centro específico de educação física, de informática e artes durante algumas séries, de filosofia, além das áreas curriculares como matemática, história e etc.

O colégio era um lugar fascinante e amedrontador ao mesmo tempo, tudo era diferente, ao mesmo tempo em que era um colégio, era um exército, ao mesmo tempo em que alguns professores tentavam abrir nossa mente, nos reprimiam com o poder que possuíam. Não podíamos soltar o cabelo, não podíamos namorar, não podíamos usar brincos grandes, não podíamos construir uma identidade por meio das roupas ,acessórios, devíamos ser todos iguais e ninguém nos escondia esse desejo.O ser humano único e criador que cada um de nós éramos, definitivamente não era respeitado. Os conhecimentos que tínhamos? A maioria não gostaria de saber...

Durante esses sete anos que estudei no Colégio Militar de Brasília reconheci muitos pontos favoráveis, como a participação na equipe de atletismo, as feiras de ciências e de artes, as amizades e os conhecimentos curriculares que obtive na sala de aula. Entretanto acredito que a opressão, a falta de diálogo tenha sido o mais negativo. Ainda muito jovens percebíamos certas injustiças e tentávamos ser ouvidos, mas essas atitudes eram consideradas apenas problemáticas. Como não era comum nem favorável para o colégio alunos tão questionadores, meus amigos e eu passávamos boa parte dos nossos dias no Setor de Orientação Educacional – SOE, para mim a SOE era o lugar de conforto do colégio onde as pessoas te ouviam e tentavam resolver seus problemas e aflições com os comandantes (diretores) de cada série e a cima de tudo, de pessoas que lutavam por você. Ao recordar, acredito que isso me ajudou a colocar a pedagogia ou psicologia como uma das possibilidades de carreira.

Como a maioria dos estudantes egressos do ensino médio não sabia ao certo o que fazer ao final do colégio, só tinha a certeza que faria uma faculdade e seria em uma universidade pública, de preferência a Universidade de Brasília – UnB, por já morar na

cidade. Fiquei em dúvida entre psicologia, pedagogia, antropologia, sociologia, serviço social, comunicação social e história. Porém uma amiga iria fazer para pedagogia e resolvi entrar no curso com ela. Assim como em outros casos, acabei passando e ela não.

Olá, Universidade!

Foi amor à primeira vista, cheguei a Universidade de Brasília e me apaixonei! Tudo me encantava, o espaço aberto e sem grades que parecia apenas a continuidade da asa norte, o fato de ver as pessoas e sua diversidade em todos os ambientes, cada pessoa querendo se descobrir e ser livre... Via-se pessoas conversando na grama, dançando, cantando, estudando... Era uma grande manifestação de cultura, discussão e festa em vários cantos.

No meio de março começaram as aulas na Faculdade de educação e então me percebi uma pessoa muito podada, pois tinha medo dos professores, como se eles fossem a representação de alguns militares do meu antigo colégio. Meus novos colegas sempre brincavam comigo, pois era a única que não saia da aula para beber água, não gostava de expressar minhas opiniões contraria aos professores, lembrando agora acredito que a recepção aos calouros me fez questionar bastante essa minha postura nas relações de aprendizagem tanto dentro como fora da sala de aula.

No primeiro semestre já me envolvi com o Centro Acadêmico, inicialmente pela Recepção aos Calouros, e isso me ajudou a refletir sobre as ações do pedagogo, o que era ser pedagogo, que vai além de ser professor, e me aceitar como futura educadora. Não posso negar que apesar da alegria de entrar em uma universidade pública ainda estava meio em dúvida sobre o profissional da área de educação e o fato dos meus amigos terem passado para cursos mais reconhecidos socialmente também me ajudaram nessa dúvida de seguir a carreira.

Esse primeiro semestre foi muito rico e uniu todos os novos estudantes, nos integrou aos demais estudantes da faculdade, olhando para trás percebo como os calouros na pedagogia tem mais regalias do que qualquer aluno de outro semestre no curso. Acreditava que as metodologias, que as aulas seriam diferentes, mas apenas mudamos o nome da instituição e as matérias... Não posso negar que os professores pediam muito nossa participação, opinião, tentaram buscar o que sabíamos para dialogar com os novos conhecimentos, mas no fundo... Não percebi grandes diferenças dentro das quatro paredes da sala de aula. Na Oficina Vivencial com o professor Armando foi possível mostrar e conversar bastante sobre esse medo/alegria/novidade no mundo universitário.

Nos semestres seguintes todas as disciplinas me ajudaram a entender um pouco mais do curso, da educação, das pessoas, das metodologias necessárias. Contudo acredito que foram as vivências “fora da sala” que contribuíram de forma mais eficaz em meu desenvolvimento.

a) Vivências universitárias

Com objetivo de conhecer melhor quem era esse pedagogo completo, sócio-educativo, resolvi me inserir em espaços diversificados de práxis pedagógica.

a.1) Centro Acadêmico de Pedagogia – CAPE

Assim que entrei na Pedagogia, na primeira semana, comecei o convívio com os integrantes do CAPE, logo em seguida já estava organizando o primeiro Sarau dos Calouros e me envolvendo em discussões da Diretriz Curricular do curso e da prova do Exame Nacional de Desempenho de Estudantes – ENADE. No espaço de aprendizagem do movimento estudantil pude começar a agir conscientemente, foi no CAPE que tive uma larga experiência como gestora e educadora durante os anos que fui da gestão eleita.

Particpei dos Encontros Distritais e Nacionais de Pedagogia, além de fóruns e reuniões, tive a oportunidade de ter um contato mais profundo com as concepções do curso de Pedagogia nacional, a me posicionar e argumentar na frente de várias pessoas, além de trabalhar com coletivos da própria UnB como de outras faculdades do Distrito Federal – DF com visões totalmente diferente das minhas. Não posso deixar de destacar a ocupação da reitoria em 2008 e a organização do Encontro Nacional de Pedagogia em Brasília, grandes conquistas e responsabilidades.

a.2) Escola de Pais e Filhos

No meu segundo semestre tive o prazer de participar do projeto de extensão “Escola de Pais e Filhos – EPF” junto ao Centro de Desenvolvimento Social – CDS de Sobradinho, cidade do entorno de Brasília, com os adolescentes em conflito com a lei e suas famílias, desenvolvendo oficinas temáticas. Nesse projeto comecei a dialogar com outros saberes por meio de estudantes de outros cursos que participavam pela UnB, além dos psicólogos e

assistentes sociais que trabalhavam no CDS. Nessa época o professor Rogério Córdova, que às vezes participa das reuniões do projeto de extensão e também era meu professor de projeto 2, nos apresentou alguns educadores como o francês Célestin Freinet, o ucraniano Anton Makarenko e o brasileiro Antônio Carlos Gomes da Costa e nos provou que outro tipo de metodologias era possível respeitando a Autonomia dos educandos.

O objetivo do projeto EPF era inserir os meninos e meninas de volta a sociedade restaurando progressivamente os laços familiares por meio de diálogos baseados em oficinas que buscassem uma reflexão sobre a sociedade e o mundo em que estavam. Inicialmente fazíamos as oficinas em dupla e por isso tive grandes momentos de planejamento e estudos junto com a amiga de curso Renata Freire e a orientação da professora Sandra Magda von Thiessenhausen, Depois observamos como os adolescentes gostavam de chegar mais cedo para nos ajudar, então começamos a oferecendo mais autonomia e responsabilidade àqueles jovens.

a.3) Filosofia na Escola

Ainda em 2006 me inseri, com o término do EPF, no Filosofia na Escola, que possuía uma metodologia parecida de oficinas, porém com crianças de 1ª à 4ª série do ensino fundamental sobre temas variados do cotidiano. No começo tive um pouco de dificuldade, pois esperava que sempre chegássemos ao ponto certo, a uma resposta final nas oficinas, nesses momentos os professores Álvaro Sebastião e Tadeu Queiroz sempre estavam perto para questionar essas atitudes.

Com o passar dos encontros percebi como era interessante viver a “experiência do pensar” e ver como ela se desenvolvia em cada pessoa, em cada encontro. Era claro que sempre surgia um conhecimento novo, uma nova experiência, um novo fazer e um novo como fazer entre os mediadores e professores. Ressalto também que nesse projeto não existia o ensinar filosofia, mas sim o fazer filosofia em conjunto, e que esse saber era cheio de opiniões diferentes, pois aceitávamos que cada pessoa possuía um contexto e por isso sua visão do mundo era diferente, logo considerada verdadeira. O questionar, o explorar, o repensar, o re-agir... Isso é o Filosofia.

Durante o projeto discutíamos muito sobre a escola, os professores nos apresentavam textos instigantes como os do Walter Kohan, José Pacheco, Jorge Larrosa, Foucault, tirinhas da Mafalda, do Calvin e tudo que pudesse gerar um bom questionamento. No Filoesco, como

chamávamos carinhosamente, descobri a escola Vivendo e Aprendendo, Summerhill e mais sobre a Escola da Ponte. Tenho certeza que esta experiência proporcionou descobertas necessárias para me tornar uma pessoa mais questionadora, que vive na constante procura de novas perguntas e pontos de vista.

a.3) Projeto de Educação como Protagonista do Desenvolvimento Integral, Sustentável e Solidário do Município de Carinhanha, Bahia

Esse projeto foi um convênio realizado pela UnB em parceria com a Prefeitura de Carinhanha, cidade do interior da Bahia – BA e que tinha como coordenadora geral a professora Sonia Marise. Aceitei o convite realizado pelo professor Álvaro Sebastião em 2007, que também estava começando no projeto.

Entramos, inicialmente, no eixo de educação e saúde, mas participei de todos os outros: economia solidária gestão educacional e educação ambiental. Por meio do projeto pude adquirir novas experiências, como conhecer a realidade social e educacional de algumas cidades do interior do Brasil; aproximei-me da educação popular, educação à distância, observei empiricamente o trabalho com economia solidária, participei de trabalhos de coordenação pedagógica para construção de documentos educacionais e oficinas de educação ambiental. Acredito que a maior aprendizagem foi trabalhar tão perto da realidade do interior do Brasil e observar no dia-a-dia o trabalho de pesquisa. Sempre me recordo dos cursos realizados na associação de trabalhadores e visitas nas agrovilas para acompanhamento do trabalho e busca de novos dados.

Participava do projeto no Município de Carinhanha que trabalha com economia solidária e me interessei pelo tema, então resolvi buscar um pouco mais dos conhecimentos teóricos no curso de extensão que a professora Sônia Marise ofereceu juntamente com o projeto 3.

No curso aprendemos os princípios da economia solidaria: abordagem no campo da política e educação, a relação de trabalho x emprego e o mundo atual. Trabalhamos em conjunto com líderes de cooperativas, participamos de uma feira de economia solidária e avaliamos- a junto com os expositores. Participar do curso foi um importante momento de reflexão – pratica – reflexão das minhas ações tanto no projeto de Carinhanha como na vida.

a.4) Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária – PRONERA

Assim que ingressei na pedagogia em 2005 alguns colegas do CAPE já participavam do Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária – PRONERA e foi por eles que tive o primeiro contato com o programa, todos eram muito envolvidas e acreditavam no programa, contudo foi apenas na gestão de 2008 que comecei a participar efetivamente como voluntária, conhecendo alguns assentamentos e definindo plano de ações com o grupo. Logo depois virei bolsista.

O PRONERA deu-me a certeza que quero ser pedagoga e de contribuir socialmente para este País com minha profissão. Agradeço muito todo carinho e paciência que a professora Norma Lúcia teve conosco, bolsistas do projeto, durante os anos que ficamos juntos no PRONERA. A experiência de nossas reuniões e de nossas discussões para prepararmos os cursos de formação dos educadores, o material didático e as metodologias para sanar as dificuldades encontradas durante as vistas foi um grande aprendizado. Pude mais uma vez compreender e perceber as relações de poder nas reuniões de coordenação geral além de me aproximar da realidade do campo, da luta por uma vida digna e pelo direito a educação para todos.

Foi graças aos conhecimentos adquiridos durante esse projeto que consegui meu primeiro estágio.

a.5) Estágio no Tribunal de Contas da União – TCU

Ingressei no Tribunal de Contas da União – TCU, em agosto de 2008, como estagiária na área de educação de jovens e adultos com indicação de uma colega de PRONERA, Ana Paula Severino. Devo a este estágio, o gosto pela docência. Nele, descobri a sala de aula, e mais uma vez me apaixonei em trabalhar com os jovens e adultos que buscavam com tanta vontade o conhecimento.

Fiquei quase dois anos em duas frentes: na sala de aula, dividindo meu tempo com outros educadores e na Escola de Informática e Cidadania – EIC como educadora pelo Comitê para Democratização da Informática – CDI.

a.6) Projeto Rondon

Descobri o projeto em 2006 quando uma professora me convidou a participar, na época não me interessei muito, pois ela havia falado que as maiorias dos estudantes rondonistas estavam no final do curso.

Em 2008 depois de conversar com alguns colegas que haviam participado do projeto resolvi matricular-me na disciplina, o semestre foi bem interessante, mas as professoras orientadoras do grupo desistiram e acabou que os estudantes também. Em 2009 após conversas sobre vivências com o professor Álvaro Sebastião e descobrir que um grupo havia visitado Marabá (PA), não resisti e voltei, pois apesar da minha decepção o espaço do Rondon era prazeroso e extremamente educativo.

No Projeto há uma busca da integração dos saberes acadêmicos de várias áreas para desenvolver soluções e contribuir com a melhoria de comunidades no interior do país. Tivemos que pesquisar as comunidades que pretendíamos visitar, entrar em contato com a população, pensar, planejar e desenvolver atividades que buscassem o bem-estar daquela população, vale lembrar que o estudante desenvolve as atividades que julgar interessante ou importante para comunidade, sendo sua total responsabilidade aplicá-la.

Viajei em fevereiro de 2010 por duas semanas com minha equipe para o Córrego do Ouro e sua zona rural no interior de Goiás e desenvolvemos, reformulando sempre que necessário, nossas atividades de acordo com os anseios da comunidade. No Rondon vivenciei a metodologia de projetos em todas as etapas.

Novos rumos

Como fica claro nas linhas anteriores, sempre busquei por espaços de aprendizagem que fugissem do convencional, assim, apesar de estudar a escola e o pedagogo dentro da sala de aula também fui me aproximando dos movimentos sociais. Contudo ninguém “foge ao que é, ao que acredita ou deseja”, dessa forma fui levada após a palestra do professor José Pacheco, idealizador da Escola da Ponte em Portugal, na associação de educação infantil em Brasília Vivendo e Aprendendo, por minha certeza que todos estamos no mundo para ele transforma-lo e me uni com outras colegas de curso a pensar em como mudar a educação bancária que predomina hoje no ensino regular para formas diferentes e mais dialógicas, autônomas e realmente transformadoras.

a) Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação e Práticas Inovadoras – GEPEPI

A maioria do grupo se conheceu na Faculdade de Educação – FE da UnB, mais especificamente no curso de Pedagogia, por meio, principalmente do movimento estudantil.

Durante a graduação nos projetos e espaços de aprendizagem extra-acadêmicos cada integrante começou a se inserir na luta por uma educação de qualidade para todos. Entretanto, após a conclusão do curso, aos poucos surgiu a necessidade de participar no desenvolvimento contínuo das ações educativas em rede, espaços que todos participavam ativamente durante a graduação.

As ideias iniciais do grupo surgiram em Agosto de 2010 quando surgiu uma brincadeira na minha página de comentários do *Gmail* sobre a criação de uma escola. Posteriormente formamos um grupo de e-mail e começamos a convidar pessoas inquietas a construir coletivamente e colaborativamente propostas educativas inovadoras. Esse convite foi intitulado como a “Escola dos Sonhos”.

Esse movimento culminou em algumas reuniões e depois de poucas discussões presenciais e muitas virtuais o grupo formado teve a certeza de não poder desperdiçar pessoas que juntas tinham imensa capacidade coletiva de construir algo transformador.

Discutimos primeiramente como seria montar uma escola, associação, cooperativa, Organização Não Governamental – ONG etc. Porém, resolvemos então apostar em uma formação em processo para nos fortalecermos como grupo, conhecendo as inúmeras experiências educativas, metodologias, projetos, espaços que desenvolviam propostas alternativas ao modelo tradicional. Com o grupo em formação, as discussões e possibilidades práticas, pesquisa e colaborações nos espaços públicos do Distrito Federal foram surgindo e nessa caminhada descobrimos o Projeto Autonomia.

b) Projeto Autonomia

O projeto surgiu na urgência de pais que lutavam pela “condição de experiência” do brincar, do viver e do aprender para seus filhos, ao acreditar que era possível esse rico ambiente em um espaço público se uniram e colocaram seus sonhos no papel com objetivo de apresentar a outros também sonhadores e assim reunir um grupo de conspiradores capazes de construir essa realidade nas escolas públicas do Distrito Federal. Pelo coletivo do Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação e Práticas Inovadoras – GEPEPI me uni ao grupo e sobre

isso escrevi esse trabalho final de curso.

PARTE 2

INTRODUÇÃO

A discussão sobre o papel político e transformador de cada ser humano em diversos espaços me acompanhou durante toda minha trajetória acadêmica. Esses questionamentos começaram já em 2005 no ingresso na Faculdade de Educação – FE da Universidade de Brasília – UnB, inicialmente pelo contato com o Centro Acadêmico, na semana de atividades direcionadas aos estudantes do 1º semestre, conhecida como Semana de Recepção aos Calouros, e posteriormente nas disciplinas e projetos oferecidos.

Ainda nos primeiros semestres, seguindo o Projeto 2 e seu caráter de descoberta dos espaços de atuação do pedagogo, conheci práticas inovadoras que modificaram meu olhar sobre a escola, seus atores e a relação com o conhecimento.

Posteriormente participei de *locus* diversificados de atuação do pedagogo, por meio de projetos de extensão. Nessas vivências comecei a refletir sobre o meu papel como profissional da educação que possui instrumentos de luta pela qualidade da educação e melhoria da sociedade. Depois de muitos semestres dentro da dinâmica desses espaços educativos me percebi um ser transformador da minha realidade, uma pessoa mais colaborativa, responsável, curiosa e feliz, um ser em uma imensa troca com pessoas de várias culturas, áreas de conhecimento e idades.

Então parei e comecei a me perguntar: por que eu não tive essa vivência na educação básica? Algum dia a educação básica seria capaz de favorecer do mesmo modo os educandos-educadores que ali passam? Essas questões amadureceram em minha cabeça até que, em novembro de 2009, fui informada de uma palestra na escola Vivendo e Aprendendo com o professor José Pacheco, idealizador da escola da Ponte, em Portugal, uma escola pública com uma filosofia que seguia as ideias que eu acreditava. A fala daquele educador sobre os desafios e conquistas da escola que eu tanto respeitava fez com que toda esperança adormecida em meu coração acordasse e me voltasse para começar a pensar na Escola dos Sonhos em Brasília.

A palestra me impulsionou a começar a estudar por conta própria e questionar alguns amigos mais próximos que acabaram se juntando e formando um “nós” na busca por práticas inovadoras que nos ajudassem a pensar como seria uma escola dos nossos sonhos. Muitos questionamentos surgiram: “Por que não mudar a escola para um espaço que realmente ajudasse a criança a se desenvolver de forma completa e que contribuísse na construção diária

da autonomia, solidariedade e criatividade?”, “Por que a escola pública não pode escutar a criança e suas experiências?”, “Nós, como pesquisadoras, educadoras e cidadãs, o que podemos fazer? Como faremos? Com quem faremos? Como retribuir e repensar todas essas práticas e estudos acumulados durante a graduação?”. E então esse pequeno Grupo de Pesquisa em Educação e Práticas Inovadoras – GEPEPI começou a expressar suas vontades e sentimentos aos amigos, colegas, companheiros de sonhos, fomos conspirando e nos agregando a outros conspiradores, até que nos unimos ao Projeto Autonomia.

Esse Projeto representa uma grande união de educadores e instituições, desencadeada por ex-pais da Associação Pró-Educação Vivendo e Aprendendo que buscavam uma educação de qualidade para os seus filhos nos anos iniciais do ensino fundamental, na educação pública de Brasília. Após o III Seminário de Educação Infantil da Associação Pró-Educação Vivendo e Aprendendo “Porque sim não é resposta!” em 2009, com a presença do educador José Pacheco, os pais-educadores amadureceram as reflexões dessa nova proposta e colocaram os planos no papel. Em 2010, já com apoio de professores da UnB, pais-educadores da Vivendo e Aprendendo e demais conspiradores aproveitaram a volta do amigo José Pacheco para divulgar a ideia do projeto e agregar pessoas, escolas e instituições interessadas em contribuir para essa nova concepção de escola no Distrito Federal – DF.

Já em 2011, quando me vinculei ao grupo do Autonomia no 1º semestre do curso de Extensão Diálogos com Experiências institucionalizado por iniciativa de professores da Pedagogia e da Psicologia na UnB para discussão do que buscávamos para essa nova escola, me percebi em um ambiente inovador, pois pela primeira vez trabalhamos com vários grupos que pensavam juntos todos os processos do curso: havia professores da Psicologia, da Pedagogia, educadores da Vivendo e Aprendendo, escolas públicas de Brasília, estudantes da UnB, o GEPEPI, educadores interessados na proposta e educadores da Casa dos Pássaros, uma iniciativa que surgiu junto com o Projeto Autonomia, mas voltada para a construção de uma escola associativa.

Atualmente o projeto recria, reconstrói, repensa e re pratica educação na Escola Classe 209 Sul no DF, mantendo-se também conectado à experiência inovadora da Casa dos Pássaros.

Nesses meses de Autonomia levamos em nossos corações e práxis as palavras de Paulo Freire (1987), quando diz afirma que a educação acontece em processo de colaboração para entender e modificar o mundo em que vivemos.

Por tudo que já mencionei e pretendo acrescentar, acredito que a relevância social deste estudo do Projeto Autonomia destaca-se pela contribuição na construção e maior abertura para discussão de práticas inovadoras em ambiente escolar. É importante o diálogo com todos envolvidos no processo de aprendizagem, essa participação e reflexão gera um melhor resultado na formação de todos os atores da educação e proporciona cidadãos mais competentes e comprometidos com o meio em que integram.

Com este trabalho, reconheço a relevância política do assunto para que as autoridades competentes construam e implementem cursos e programas que utilizem a teoria com uma prática educativa. Esta pesquisa discute a relevância epistemológica da temática da formação do profissional da educação dentro do espaço escolar. Desperta interesse em estudiosos no campo da educação escolar, de práticas inovadoras que é um campo pedagógico comprometido com o desenvolvimento de reflexões críticas sobre o papel da escola, objetivos e atores sociais. Enfoca também o papel do educando e educador no processo de construção cultural indissociável do seu papel como cidadão.

A partir do que foi apresentado, anseio como objetivo geral organizar a memória do Projeto Autonomia como prática inovadora na educação pública do Distrito Federal.

Escolhi narrar essa história no formato de *ensaio* por não possuir esta uma estrutura acadêmica tão rígida, possibilitando uma escrita mais livre (SEVERINO, 1986 *apud* SILVEIRA, 1991). Pretendo ainda nesse estudo, de acordo com os objetivos específicos seguintes,

- contextualizar as origens do projeto Autonomia: concepção, experiências inspiradoras, expectativas e princípios norteadores;
- caracterizar as instituições e grupos envolvidos no projeto;
- refletir sobre a vivência de atores sociais do projeto na sua ação educativa transformadora;
- investigar os dispositivos, práticas pedagógicas e marcos do projeto que estimulam a formação de um coletivo envolvendo criatividade, responsabilidade, solidariedade e autonomia;
- acompanhar a implementação do Projeto Autonomia na escola pública 209 Sul em Brasília;
- organizar e disponibilizar a documentação de natureza escrita e audiovisual referentes ao projeto;
- contribuir para a discussão e formação de pesquisadores interessados na área de

práticas transformadoras em ambiente escolar.

METODOLOGIA

A metodologia de pesquisa nesse estudo é de base qualitativa, considerando que essa abordagem é mais adequada para responder ao objeto de investigação. A escolha deste tipo de abordagem no âmbito da pesquisa educacional permite um maior aprofundamento, dado que “supõe o contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente” (LUDKE; ANDRÉ, 1986, p. 11), além de levar em conta o que pensam os sujeitos da pesquisa sobre o assunto investigado, “a maneira como os informantes encaram as questões que estão sendo focalizadas” (LUDKE; ANDRE, 1986, p. 12). Atribui-se, assim, uma suma importância aos diferentes pontos de vistas dos participantes, revelando o dinamismo e a pluralidade das concepções e experiências sobre o tema do ensaio.

Trata-se essencialmente de uma pesquisa documental, que busca informações em fontes de diferentes suportes – textuais, iconográficos e audiovisuais – por meio de entrevistas e gravações existentes, bem como amplia, mediante investigação, essas informações para dar suporte o trabalho. O trabalho envolve também entrevistas semiestruturadas, conforme Lüdke e André (1986).

Em sequência explanarei um pouco mais sobre a metodologia, fontes e instrumentos que usarei no meu estudo:

A pesquisa documental

O trabalho envolve essencialmente uma pesquisa documental com relação ao Projeto Autonomia. Nesse tipo de pesquisa segundo Phillips (1974 *apud* LUDKE; ANDRE, 1986) é possível analisar quaisquer materiais escritos como fonte de informação. Os documentos selecionados podem ser uma mescla do tipo técnico, pessoal e instrucional, segundo Ludke e Andre (1986).

O diário de bordo do grupo foi utilizado no trabalho como um registro da experiência vivida no decurso de um processo de pesquisa-ação, sendo redigido por um grupo ou um subgrupo e representa “o caderno de inteligência do grupo em direção à realização do seu objetivo” (BARBIER, 2007, p. 143) “no qual cada um aponta o que sente, o que poetiza, o que retém de uma teoria, o que constrói pra dar sentido à sua vida” (BARBIER, 2007, p. 113).

Consultei em minha pesquisa os seguintes documentos:

- Projeto Político Pedagógico – PPP do Projeto Autonomia;
- Documento de criação do projeto de extensão e ação contínua: Diálogos com Experiências Pedagógicas Inovadoras – Projeto Autonomia;
- Relatórios pessoais e acadêmicos dos estudantes da Universidade de Brasília – UnB;
- Relatórios dos professores da UnB;
- Diário de bordo individual;
- Diário de bordo coletivo;
- Discussões nos espaços virtuais do projeto (e-mail e página do projeto no ambiente “Aprender” da UnB);
- Documentos que contêm registros da discussão e criação do projeto Autonomia: trabalho de final de curso da pedagoga Tamine Cauchioli “Vivendo e Aprendendo a ser Educadora: diálogos com memórias e práticas educativas de uma escola de educação infantil” e Projeto educativo da Casa dos Pássaros.

O projeto analisado na pesquisa documental foi desenvolvido na perspectiva de pesquisa-ação, na qual “não se trabalha sobre os outros, mas e sempre com os outros” (BARBIER, 2007, p. 14). Em uma pesquisa-ação pode-se utilizar diversos instrumentos de pesquisa desde que ajudem a resolver o problema da pesquisa.

O Projeto Autonomia como pesquisa-ação

Faz-se necessário esclarecer que a história do Projeto Autonomia, reconstruída e analisada neste trabalho essencialmente por meio da pesquisa documental, foi desenvolvida com a metodologia da pesquisa-ação, na perspectiva de Barbier (2007).

Em sua obra *A Pesquisa-Ação*, Barbier explica o objetivo da pesquisa-ação:

[...] uma transformação de práticas, de situações, de condições, de produtos, de discursos em função de projeto-alvo que exprime sempre um sistema de valores, uma filosofia de vida, individual e coletiva (BARBIER, 2007, p. 106).

O pesquisador na pesquisa-ação busca “ser compreendido e de poder agir eficazmente” (BARBIER, 2007, p. 125). Deste modo, demanda tempo, uma escuta sensível e elaborada com o grupo para construir uma confiança conseguindo “atribuir sentido aos dados

coletados” (BARBIER, 2007, p. 125). Então o grupo poderá escutá-lo e propor novas reflexões em um processo de construção colaborativa.

Esse foco de estudo assumi uma perspectiva emancipatória que comporta três pontos importantes, segundo Barbier (2007):

- Considerar o processo educativo como um objeto de estudo e pesquisa;
- Perceber a natureza política e social da sua ação como pesquisador e suas consequências em curso;
- Compreender a pesquisa como algo ideológico.

E possui as seguintes dimensões como caráter participativo (LAPASSADE, 1977, *apud* BARBIER, 2007):

- A meta da pesquisa é a mudança da realidade social e melhoria de vida da comunidade que a compõe. Sendo os próprios membros beneficiários e agentes da ação;
- O problema da pesquisa nasce na comunidade. Ela define, analisa e resolve;
- O pesquisador implica-se ativamente e aprende durante todo o processo, sendo engajado no processo;
- Os procedimentos da pesquisa geram conscientização e mobilização dos recursos dos pesquisadores;
- Trata-se de um método com análise mais precisa e mais autêntica da realidade, graças à participação da comunidade.

A pesquisa-ação é, então, uma ação de transformação que possui um duplo objetivo: “transformar a realidade e produzir conhecimentos relativos a essas transformações” (HUGON; SEIBEL, 1998 *apud* BARBIER, 2007, p. 13).

Entrevista semiestruturada

Outro instrumento aproveitado para análise foi a entrevista semiestruturada, já que de acordo com Lüdke e André (1986), esta constitui uma forma de obtenção de informação do que as pessoas sabem, creem e esperam sobre determinado assunto. A utilização da técnica não serve apenas para fins de coleta de dados, mas também para diagnóstico e orientação da pesquisa.

Na entrevista semiestruturada existe um esquema básico de perguntas e organização, porém é permitido ao entrevistador fazer adaptações sempre que necessário. Um ponto importante desse instrumento é que permite a obtenção imediata de informações que não foi possível adquirir pelos outros instrumentos de pesquisa.

Dos atores escolhidos para serem entrevistados porque estiveram presentes durante marcos do projeto e foram importantes para o desenvolvimento do mesmo, foi possível apenas realizar as entrevistas com:

- Mônica Padilha, Gabriela Almeida e Juliana Arraes, todas graduadas em pedagogia pela Faculdade de Educação e integrantes do projeto pelo Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação e Práticas Inovadoras.
- Tamine Cauchioli, estudante de graduação da Faculdade de Educação – FE e estagiaria na Associação Pró-Educação Vivendo e Aprendendo, integrante do projeto desde a sua origem antes de institucionalizado pela UnB, posteriormente bolsista durante o ano de 2011.

Fica claro que a análise de dados qualitativos é um processo criativo que exige muita dedicação: não existe um jeito melhor ou mais correto de proceder, mas sim uma integração do método escolhido com ações que prezem o objetivo do estudo.

CAPÍTULO 1 – UM SONHO QUE SE SONHA JUNTO

Para se compreender o trabalho faz-se necessário contextualizar o Projeto Autonomia a partir das suas origens na Associação Pró-Educação Vivendo e Aprendendo, uma escola associativa em Brasília de educação infantil.

1.1 Como tudo começou

Em 1982, foi fundada a Associação Pró Educação Vivendo e Aprendendo por pessoas que buscavam uma escola com espaço mais participativo e democrático para a própria inserção e de seus filhos na educação infantil. A ideia foi incorporar práticas educacionais inovadoras com a vivência em associação, dessa forma a comunidade Vivendo e Aprendendo está sempre em processo de formação e contribui coletivamente em todas as instancias referentes à escola – quantos educadores em cada sala, horário de funcionamento, festas, seminários etc. Atualmente é reconhecida como excelência em pedagogia infantil.

Após um desses seminários organizados pela associação – III Seminário “Porque sim não é resposta!” - em novembro de 2009, com a presença do educador e idealizador da Escola da Ponte em Portugal, professor José Pacheco, um grupo de pais inspirados por essa presença e experiências vividas como associados se organizaram e intensificaram as discussões para estenderem a ideia de educação democrática – onde o estudante é ativo e protagonista de seu aprendizado - aos anos iniciais do ensino fundamental em uma escola público no Distrito Federal.

Ao optar por direcionar esse diálogo ao sistema escolar público, o grupo defendeu a escola como espaço de decisão coletiva e acesso a todos, onde pais, escola e comunidade podem refletir a forma de organização da escola, da sala de aula e da própria aula de forma construtiva e responsável. Os cidadãos então reunidos democraticamente organizaram os seus ideais e concretizaram suas ações de acordo com as mudanças que ocorrem ao longo do tempo, respeitando as necessidades do coletivo. A escola torna-se então uma impulsionadora de atores sociais coparticipes de seus processos educativos e “visa contribuir com a rede pública de educação do Distrito Federal ao propor, na prática, uma metodologia de ensino com base na construção da autonomia, da solidariedade e da responsabilidade” (PROJETO AUTONOMIA, 2010, p. 3). Possui como meta colaborar com a formação de indivíduos

criativos, responsáveis, solidários e autônomos.

1.2 As crianças cresceram e o projeto nasceu

Os filhos da Vivendo e Aprendendo estavam “grandes”, já não podiam ficar na escola, então seus pais resolveram começar a mover forças para colocar em ação as ideias iniciadas dentro da associação com objetivo de uma nova práxis na escola pública. Nesse contexto foi elaborado um documento norteador, com o título “Projeto Autonomia” (vide Anexo “A”), que se tornou uma referência para o percurso que seria desencadeado a partir desse momento. O então batizado “Projeto Autonomia” tinha como um dos seus pilares o desenvolvimento da autonomia não só pelas crianças, mas por todos que participassem do projeto.

No plano inicial do documento do Projeto Autonomia (2010), os pais-educadores colocaram suas preocupações em como educar para uma sociedade dos valores e das relações humanas, onde a sala de aula e a gestão do conhecimento devem ser questionadas. O objetivo tornou-se refletir, na prática, metodologias que contribuíssem para solidariedade, autonomia e responsabilidade em uma escola que mais do que informações, dedica-se a “viver com o aluno o seu processo de construção e consolidação do conhecimento. Aprender a aprender – como disse Paulo Freire” (PROJETO AUTONOMIA, 2010, p. 3). Assim, o Projeto Autonomia tomou como base a associação carinhosamente conhecida como Vivendo e Aprendendo e a Escola da Ponte.

A Escola da Ponte, conhecida institucionalmente como EBI Aves/São Tomé de Negrelos, é uma escola pública localizada em Vila das Aves, no distrito de Porto em Portugal, que mudou sua proposta pedagógica na década de 1970 por acreditar que todos os estudantes são únicos e suas diferenças devem ser respeitadas. Na Ponte não existem salas de aula, mas sim espaços de trabalhos onde há diversos recursos e matérias para que os educandos se responsabilizem pelo seu processo educativo com ajuda dos outros colegas e orientação dos professores. Essa escola se tornou fonte de inspiração para várias educadores no mundo e referência como educação.

A partir de seus inspiradores e contextualização do que buscava em um espaço escolar, o grupo Autonomia assumiu então os seguintes princípios: solidariedade, autonomia e responsabilidade. E as seguintes características pedagógicas:

- Inclusão: todas as pessoas possuem dificuldades em algum aspecto da vida, algumas têm dificuldades em matemática, outros têm dificuldades de audição, pensando nisso a escola deve oferecer formas de apoio a todas as crianças e permitir que elas se relacionem, se sintam acolhidas e felizes. “Todas as crianças possam entender e ser solidárias com a especificidade do outro” (PROJETO AUTONOMIA, 2010, p. 4.).
- Autonomia: A escola deve proporcionar que a criança seja ativa no seu processo de aprendizagem, colaborando na transformação de um indivíduo criativo e pesquisador, “o conhecimento é um caminho e cada um seguirá o seu. A criança precisa sair da escola sabendo caminhar“ (PROJETO AUTONOMIA, 2010, p. 5), ela deve saber questionar, procurar os objetos para suas respostas e interpretá-los.
- Solidariedade: Só se aprende a ser solidário vivendo em um ambiente solidário. Sendo a escola um espaço educativo deve fomentar um ambiente de apoio à colaboração onde as crianças se conheçam, interajam e dialoguem.
- Responsabilidade: Surge a partir do momento que acreditamos nas crianças. Por isso é importante criar espaços de participação ativa da criança na criação de dispositivos e espaços para desenvolver essa atitude, com fóruns para criação de combinados, grupos de responsabilidades e utilização do dispositivo como o “Eu sei/Não sei/Posso Ajudar”.

1.3 Os primeiros conspiradores

Com o projeto em mãos, o pequeno coletivo, liderado por dois pais da Vivendo e Aprendendo, Rodrigo Koblitz e Dioclécio Luz, foi agregando mais interessados em sonhar junto essa nova escola, outros ex-pais e professores da Faculdade de Educação – FE e Instituto de Psicologia – IP da UnB foram contatados e/ou apresentados ao projeto, visando um fórum avaliativo e permanente de educadores e a participação dos graduandos como estagiários.

Outro profissional que deve estar presente nas salas é o estagiário. O estagiário é fundamental para o desenvolvimento de atividades artísticas e corporais mais específicas; para essa troca de saberes entre a escola/pais/educadores/crianças e a academia; e para promover o seu aprendizado prático (PROJETO AUTONOMIA, 2010. p. 16).

Entre várias escolas públicas o grupo encontrou espaço para pensar essa nova prática na Escola Classe 304 Norte – EC 304 Norte, pois alguns filhos já estudavam na escola, existia uma aproximação com projetos e estágios da UnB e a direção compartilhava desses princípios de reformulação do espaço escolar. Tal projeto tomou forma em setembro de 2010, em um plano piloto para duas turmas no início do calendário letivo em 2011, na referida escola, pois alguns pais já haviam matriculado os filhos nessa escola e ela já avançava em espaços de gestão democrática e trabalho coletivo.

O grupo também entrou em contato com a Escola da Natureza, um espaço acolhedor onde as crianças das escolas públicas vivenciariam atividades ambientais uma vez por semana, de acordo com o proposta do Projeto Autonomia.

Entre encontros e desencontros houve uma aproximação entre pais e a UnB, construída no “Sebinho livraria café e bistrô” na 406 Norte. Sonhos, ideias, metodologias e esperanças foram compartilhadas e todos decidiram se unir para concretizar esse sonho.

Junto com o grupo de discussão do projeto Autonomia também se formava outro coletivo, o Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação e Práticas Inovadoras – GEPEPI, composto por ex e atuais estudantes da FE, que se propunha a refletir e pesquisar novas práticas da educação. Mesmo sendo um coletivo recém-criado, o nosso grupo decidiu participar. Algumas de nós já tinham sido educadoras da Vivendo e Aprendendo e havia também a Mônica Padilha, tia de crianças que lá estudaram, portanto ficou sabendo pelo seu irmão José Ricardo, ex-pai da Vivendo, sobre o movimento para essa construção de um novo olhar no processo de aprendizagem e resolveu compartilhar com o grupo para juntas descobrirmos mais sobre esse projeto inovador.

No dia 09 de Novembro de 2010, no Seminário Museu da Educação: Uma realidade em Construção, realizado na Universidade de Brasília, eu e a Mônica encontramos com a professora Maria Alexandra Militão Rodrigues da Faculdade de Educação e então combinamos uma conversa na mesma semana, uma sexta-feira, entre nós, representantes do GEPEPI e dois pais-educadores, Rodrigo Koblitz e Dioclécio Luz, para conhecermos um pouco mais sobre a concepção do Projeto. Logo após essa primeira conversa, levamos informações ao resto do grupo e esperamos o projeto sistematizado para discutirmos e entrarmos definitivamente como mais um grupo dentro do Projeto Autonomia. Participar da ação e desejo de mudança do Projeto já era um espaço que estávamos a procura desde as primeiras reuniões do GEPEPI, estávamos esperando apenas o “vamos nessa!” de todas as integrantes para colocar o nome do grupo como parceiro na empreitada.

Novas parcerias foram formadas e a volta do professor José Pacheco a Brasília no dia 25 de novembro de 2010 começou a movimentar ainda mais os conspiradores. Com a visita do Pacheco surgia a oportunidade de divulgação do Projeto Autonomia às escolas públicas e interessados em colaborar.

Já com objetivo de começar a utilizar os espaços públicos para as atividades, as reuniões eram marcadas as quartas na EC 304 Norte, como mostra uma semiata de reunião:

Quadro 1 – Diálogo 1.

Senhores,

Incluo a Mônica Padilha (eventual mestrande da UNB, portanto vamos torcer para ela) e Rafaella, estudante da UnB e entusiasta da ideia. Sejam muito Bem vindas!

Tem também a Ana Márcia, educadora da 304 e que contribuiu ENORMEMENTE nas discussões de hoje. Seja também Ana, muito bem vinda!

Tenho a ata aqui, mas não vou conseguir traduzir agora.

Alguns Pontos:

- O Diego, nosso diretor de TI, criou uma pagina que já está funcionando, mas alguém precisa explicar para o Dioclécio como funciona.

- A Simone Lima falou de possibilidades de parceria com a UNB. Algumas que agregassem um curso de formação do professor.

- Precisamos conversar com a escola e o dia do Pacheco aqui pode aumentar a disposição das pessoas em dialogar conosco.

- Dia 25, para a conversa com o Pacheco, teremos inscrições on line onde o público alvo seriam: professores da 304 e da escola da natureza, pais da 304, professores da rede pública em geral e pessoas da vivendo e aprendendo (porque é sempre bom ter essa galera perto);

- antes da conversa com o Pacheco precisamos conversar com a Roberta e o time da 304 norte.

- sábado, dia 20, terá um evento na 304 que fomos convidados. Bora?

- Surgiu umas ideias bem interessantes de funcionamento, mas isso não vou contar aqui... assim... de mão beijada... vamos discutindo.... (na verdade, quando eu ou a Angélica terminarmos a ata mandamos aqui.... ou não... eheh.)

- Teremos reunião semanal daqui até dia 15 de dezembro (quartas) para ir dialogando e nos conhecendo (acho que é por isso né?)

Uma impressão: essa discussão virtual é necessária, mas nada ultrapassa o famoso e querido cara-a-cara.

Foi boa a reunião, não foi?

muitos beijos, Koblitz”

1.4 Parcerias: fortalecendo alianças

No dia 18 de novembro de 2010, uma das primeiras reuniões com o novo grupo de conspiradores do Projeto Autonomia aconteceu com a seguinte pauta:

Quadro 2 – Diálogo 2.

Pessoal,

a pauta de hoje, até o momento, é a seguinte:

- 0) apresentação dos presentes (nome e interesse no projeto)
- 1) relato do que foi feito até agora (contatos, conversas, propostas) e do que falta definir
- 2) próximos passos (vinda de Pacheco, contatos, etc....)
- 3) pessoal da unb, Alexandra, ... informe: sobre como pode ser viabilizada a parceria e o que temos de concreto para que isso ocorra.
- 4) debate sobre o conteúdo do projeto
- 5) informes gerais.

Claro, a pauta pode ser modificada. depende de nós. se alguém tiver sugestões que faça agora ou apresente na hora.

sugiro que sejamos sucintos quando for preciso.

Sugiro que, antes de começar a reunião, elejamos um relator para botar no papel e na internet o que for falado e decidido pelo grupo.

sugiro que alguém fotografe essa reunião histórica e revolucionária.

Dioclécio

Fonte: LUZ, D. *Reunião e passos além [mensagem pessoal]*. Mensagem recebida por rafinhasc@gmail.com em: 18/11/2010.

Nesta reunião o primeiro espaço virtual do Projeto Autonomia¹ foi apresentado com o objetivo de otimizar a organização das inscrições e coleta de dados dos interessados na palestra do Pacheco.

Além do espaço de entrosamento entre os conspiradores, a reunião serviu para as professoras de psicologia, Simone Gonçalves de Lima e Regina Lúcia Sucupira Pedroza, apresentarem ao coletivo a proposta de um projeto de extensão pela UnB em parceria com os professores Tadeu Queiroz Maia, Maria Alexandra Militão Rodrigues, Fátima Lucília Vidal Rodrigues e Cristina Coelho da Faculdade de Educação. Ainda não estava certo se seria um projeto com os dois departamentos, ou seria dois projetos de cada grupo. As reuniões e conversas para desenhar a proposta já tinham começado e foram comunicadas aos

¹ Disponível em: <<http://www.projetoautonomia.org>>.

conspiradores.

O grupo de professores da FE, pensando na formação dos graduandos que participariam como estagiários nas escolas começaram a pensar e desenhar a oferta dos Projetos 3 e Projeto 4 – específicos no currículo do curso de Pedagogia da UnB – como espaço de apresentação, estudo, reflexão e atuação dos e nos espaços de prática dos pedagogos, direcionado à práticas inovadoras em ambiente escolar.

O GEPEPI, pela aproximação com a FE, se interessou tanto pelo projeto extensão que estava sendo construído com o grupo do IP quanto pela oferta dos Projetos 3 e 4 na grade do curso de Pedagogia. Em dezembro de 2010 nos reunimos na sala da professora Alexandra para a primeira conversa sobre o que era, como seria e de que forma poderíamos nos inserir nessa dinâmica dos Projetos 3 e 4.

Acho também que foi uma conquista a FE pelo projeto 3 topar uma proposta como essa de intervenção nas escolas... Pelo que conheço de projetos 3 acho que a metodologia de projetos é uma das coisas mais inovadoras na formação dos pedagogos. Mas eu acho que foi uma conquista esse formato diferenciado de fazer uma coisa construída junto com os professores, os estudantes não saem da UnB para ter uma prática na escola que já está toda consolidada, que as pessoas sabem onde estão pisando... Os estudantes também sabem... eles estão alí para entrar no jogo, sabe? Não, eles estão alí todos para construir ao mesmo tempo, entendeu? Acho que foi uma conquista isso acontecer assim (ARRAES, Juliana. 09 de maio de 2012. Entrevista concedida a Rafaella Cerveira).

1.5 Palestra de José Pacheco: agregando conspiradores

O convite para palestra começou a ser divulgado no dia 20 de novembro de 2010, conforme exposto no quadro a seguir.

Quadro 3 – Convite Palestra Escola Classe 304 Norte.

Olá,

gostaria de divulgar para vcs uma palestra do Pacheco no dia 25. Será uma conversa sobre o funcionamento da escola da ponte e sobre o Projeto Autonomia. Este por sua vez é um projeto que pretende utilizar uma forma de convivência (mais do que um método pedagógico) na escola pública.

Para esse evento gratuito, precisamos fazer uma inscrição, afinal pode ter mais pessoas do que cabem na escola. A Vivendo é um público alvo do evento (porque é uma fonte de inspiração e é muuuuito bom estar perto dessa galera), portanto convidem quem acharem que deva ser convidado, mas principalmente para professores da rede pública e internamente na vivendo, ok?

A palestra irá ocorrer no dia 25 de novembro, quinta que vem, na escola classe 304 norte, às 19:30.

Para os que tiverem interesse, se cadastrem em:

<http://bit.ly/pacheco>

Inscrição Palestra - José Pacheco

Por favor, preencha este formulário para fazer sua pré-inscrição para a palestra do educador José Pacheco, criador da Escola da Ponte de Portugal. A palestra irá ocorrer no dia 25/11/2010, quinta-feira, das 19:30hs às 21:30hs, na Escola Classe da SQN 304, Brasília, DF.

Por favor preencha as informações solicitadas abaixo:
*Obrigatório

Nome: *

Instituição:
Preencha o nome da instituição onde trabalha, instituição de estudo ou onde seu filho estuda.

E-mail:

Telefone:

Tecnologia [Google Docs](#)

[Denunciar abuso](#) - [Termos de Serviço](#) - [Termos Adicionais](#)

é bem simples essa inscrição. De novo, ela só está ocorrendo porque pode ser que tenham mais pessoas do que cabem na escola....

forte abraço,

Koblitz

Fonte: KLOBITZ, R. *Pacheco em Brasília dia 25/11 !![mensagem pessoal]*. Mensagem recebida por rafinhasc@gmail.com em: 20/11/2010.

Após alguns acertos com a direção da EC 304 Norte e convocação do coletivo do Projeto Autonomia para arrumar o espaço da palestra, o Zé Pacheco brindou pais, professores, diretores, educadores, estudantes e interessados apresentando, a partir das perguntas dos presentes, a Escola da Ponte.



Figura 1 – José Pacheco, Roberta (diretora da Escola Classe 304 Norte), Rodrigo Klobitz e Dioclécio Luz – 25/11/2010.

Fonte: Da autora.

O pátio da escola estava lotado, uma média de cem pessoas compareceram ao local, essa palestra foi um momento mágico, naquele dia e com as palavras do Pacheco os corações inquietos e sonhos de várias pessoas se uniram. Apesar do Projeto Autonomia já ter nascido antes daquele momento, foi na palestra que se mostrou a sociedade.

Todos estavam muito curiosos para conhecer um pouco mais sobre o dia-a-dia daquela escola tão famosa que conseguiu ajudar seus estudantes a terem autonomia necessária para decidirem o rumo dos seus estudos.

Durante a conversa, o Zé da Ponte, instigando a participação dos presentes, somente falava sobre temas e perguntas levantados pelo grupo, deixou claro que se recusava apenas a ficar em pé “tagarelando”. Contou-nos sobre pontos importantes que todas as escolas precisam, nos falou que sem a comunidade a escola não existira, pois foi o desejo da comunidade em desenvolver um projeto tão inovador que ia contra ao modelo pré-definido e defendido pelas autoridades do país, que mantém o projeto da Escola da Ponte vivo até hoje. Acrescentou que ser professor vai além de ensinar conteúdo ou discursos, que o professor transmite o que é por meio de atitudes, que não podemos esquecer que a importância da escola está nas relações entre as pessoas, no respeito, na colaboração, na amizade e no amor, o

conhecimento de conteúdos jamais deveria ser mais importante do que a construção do caráter e valores de cidadão.



Figura 2 – Palestra com José Pacheco na Escola Classe 304 Norte – 25/11/2010.

Fonte: Da autora.

Antes de se despedir nos lembrou dos ensinamentos diários que tem com as crianças, fase em que a curiosidade e criatividade estão tão presente. Ao final nos deixou cheios de inspiração para mudar a realidade que vivíamos e como bom professor, nos deixou um dever de casa para que ele fosse mais presente: conseguir três escolas ou três salas para o começo prático do projeto.

1.6 Dever de casa: a busca por escolas e salas para o Projeto

Motivados pela recente visita do professor José Pacheco, o grupo continuava a se reunir no mínimo uma vez por semana para discutir o documento do projeto e planejar formas de efetivar o sonho, além de pensar como cumprir o dever de conseguir no mínimo três salas de aula.

Depois da palestra do Pacheco na 304 a gente passou uma lista e pegou e-mail com pessoas interessadas em participar do projeto..Então a partir desse 1º movimento surgiram outras pessoas envolvidas...Aconteceu uma reunião ampliada e surgiu por exemplo o Bruno e a Natália que tinha um projeto de contraturno com algumas crianças...Teve um pessoal que passou rapidamente do Política na Escola e outras escolas parceiras...209 sul, uma do lago sul...e uma outra professora da 304 norte..Ah e o Pacheco...Acho que foi isso (PADILHA, Mônica. 16/05/2012. Entrevista concedida a Rafaella Cerveira).

Várias ideias foram levantadas em uma reunião ampliada divulgada na palestra do Pacheco, e que aconteceu uma semana após a mesma. Das ideias sugeridas a mais impactante foi a busca de escolas junto as regionais de ensino onde poderíamos implementar o projeto. Após a visita do Rodrigo Klobitz e do Dioclécio Luz em uma das regionais, o grupo descartou a prática por considerar extremamente burocrático, acreditando também que o desenvolvimento de uma nova atitude dentro da escola era mais uma busca do coletivo da escola do que um pedido das regionais, contudo as visitas serviram como divulgação do Autonomia. Em outra reunião os conspiradores da EC 304 Norte informaram que muitos professores seriam remanejados para outra função e/ou escola, com essa notícia começamos a busca para sistematizar lista de possíveis professores recém empossados pela Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal – SEDF que se interessariam em participar do projeto atuando na EC 304 Norte.

Apesar das últimas tentativas de unir educadores na mesma escola não terem sido efetivadas, o grupo estava crescendo. Tínhamos uma lista com e-mail de todos os presentes na Palestra do Pacheco na EC 304 Norte e decidimos convidá-los mais uma vez a se juntar ao grupo com objetivo de descobrir novas possibilidades de espaços para darmos o “pontapé inicial” com as três salas ou escolas, como o Zé Pacheco havia nos pedido.

Quadro 4 – Contato convite.

“Olás,

Se você está recebendo esse email é porque foi na palestra do Pacheco na 304 norte.

Para não receber mais eu não tenho ideia de como fazer. Pode pedir pra mim diretamente, mas costumo me enrolar com tantas informações.

De outro modo, caso você tenha interesse em se tornar um conspirador, ou já seja um, coloco muita fé de que esse espaço é apropriado.

O projeto autonomia começou com o intuito de trazer um misto da escola da ponte e da vivendo e aprendendo para uma escola pública.

O projeto cresceu e com novas parcerias, como a escola da natureza, UnB e a própria 304 norte, ele está sendo amadurecido e algo novo, discutido na realidade da escola pública do DF está surgindo. Não melhor, não pior, mas do jeito que será.

Vamos nos juntar e conspirar de verdade por uma revolução no nosso ensino. Cada um de nós é extremamente importante para construir um caminho coletivo.

Temos uma pagina:

www.projetoautonomia.org

certamente organizaremos algumas coisas por lá, inscreva-se.

Mais abaixo apresento uma série de links interessantíssimos sobre educação e escola da ponte, vale a pena conferir!

Senhores,

vamos criar uma realidade?

fé e força,

Koblitz”

Fonte: KLOBITZ, R. *Projeto Autonomia [mensagem pessoal]*. Mensagem recebida por rafinhasc@gmail.com em: 17/12/2010.

O coletivo estava cada vez maior, com integrantes de vários movimentos, havia representantes de Organização Não Governamental – ONG, pais com formações diversas, professores de associação, escolas públicas e particulares, pedagogos, estudantes universitários engajados em vários movimentos e pesquisadores. Com um grupo maior também houve a necessidade de repensar a forma de organização e pautas de discussão, um relator e mediador deveria ser escolhido no começo de todas as reuniões, a pauta deveria ser discutida pré-reunião por e-mail e divulgada a todos, dependendo do número de presentes se via necessidade de delimitar tempo para fala e de termos o cuidado de não terminarmos as reuniões sem direcionar ações por meio dos encaminhamentos. As reuniões começaram a serem realizadas em outros espaços, não apenas na EC 304 Norte, o grupo também se encontrou na UnB, Centro Educacional da Asa Norte, Escola Classe 102 Sul – EC 102 Sul e

Escola Classe 209 Sul – EC 209 Sul.

Após um breve recesso o coletivo voltou a conspirar e desenhar as parcerias construídas até o início de 2011. Ficou claro que o Projeto estaria aberto aos grupos que estivessem dispostos a ajudar de alguma forma. Entre os pontos mais discutidos nessa retomada foi a necessidade de um espaço de formação do grupo voltado para os professores que começariam o Projeto Autonomia. Esses professores eram a chave principal do projeto, visto que direcionariam essa mudança de gestão de conhecimento e relações dentro da sala e da escola. Não sabendo ao certo como ocorreria essa formação, algumas ideias foram colocadas para discussão, pensou-se em mediar a formação pela Escola de Aperfeiçoamento dos Profissionais de Educação – EAPE, que tem como missão promover a formação dos profissionais da educação da rede pública do Distrito Federal, essa proposta foi guardada para posteriormente. O grupo enxergou que inicialmente seria importante um círculo de estudos apenas dos interessados no Projeto Autonomia para fortalecimento da prática da proposta e depois uma articulação mais estruturada com a EAPE, no intuito de um curso para toda rede de educação.

Houve questionamentos sobre a escolha das escolas que participavam do Projeto, entretanto foi esclarecido que era aberto aos interessados, porém os que apareceram foram do Plano Piloto como expresso no e-mail do Dioclécio Luz:

Quadro 5 – Diálogo 3.

Nosso foco tem sido o plano piloto apenas por razões contingenciais: até o momento somente (salvo exceções) apareceram interessados do plano o que facilitou os encontros. mas isso foi o início. hoje a gente nota que a ideia do Autonomia está espalhada pelo DF e pode chegar ao entorno, temos tido contato com as mais diversas pessoas.

Como disse na reunião o projeto não está acabado, ele é uma proposta. que não tem dono, tampouco é para uma escola específica, a 304 norte. ele é para onde for possível. como a 304, que já tem um projeto avançado, foi a primeira escola a nos ouvir e abrir as portas para uma discussão, estamos mais próximos dela. O projeto não é para determinado grupo de pais ou professores. ele não é de um grupinho ou para um grupinho. mas de quem ousar implementá-lo. Como não está acabado, e por ser uma proposta, o projeto autonomia se permite correções, ajustes, adequações, por todos e todas.

Existem propostas mais ousadas que esta elaboradas por pais ou educadores. Ou somente pensadas. o importante é considerarmos que buscamos um ensino de qualidade e que estamos juntos de todas as boas propostas. Eu, particularmente, não apoio nenhuma proposta ruim e muito menos um educador ruim. Queremos o melhor em educação pública. e devemos brigar por isso. e estamos brigando por isso.

A educação pública deve ser de qualidade e extensiva a todos e todas. não podemos abrir mão dessa meta. por isso o projeto autonomia apresenta uma boa proposta de educação. e por isso todos aqui acreditaram nele, ou no que é possível fazer sobre ele. De qualquer modo, há algo não visível no projeto autonomia. que é o fato dele lembrar - como tantas outras propostas modernas - que a educação não é a sala de aula, ou um professor, ou um quadro, ou o aluno, ou a direção, ou a escola, ou os pais. educação é responsabilidade de todos.

Mais eu já falei muito,

Dioclécio

Fonte: LUZ, D. Re: *Projeto Autonomia [mensagem pessoal]*. Mensagem recebida por rafinhasc@gmail.com em: 25/01/2011.

Apesar das reuniões presenciais, o *e-mail* continuava como uma forma de articulação essencial ao coletivo. Como o grupo era grande sempre existia a preocupação de não se esquecer de encaminhar ou responder a todos uma mensagem, então foi decidido e criado a primeira lista de e-mail do Projeto Autonomia: proj_autonomia@googlegroups.com.

Quadro 6 – Criação da primeira lista de discussão.

Car@s,

Conforme conversamos ontem na reunião, criei esta lista de discussão para facilitar a prosa. Assim não precisamos ficar mandando o email para um monte de gente, que inclusive não é uma boa prática, pois expõe o email das pessoas. Peço que confirmem que estão recebendo esta mensagem e que a partir de agora mandem as mensagens para esse endereço: proj_autonomia@googlegroups.com .

Se vocês quiserem adicionar ou remover alguém peçam aqui na lista que eu faço isso.

Como não precisamos mais colocar o título da mensagem como Projeto Autonomia, peço também que todos tenham a atenção de colocar títulos nas mensagens que sejam relativos aos assuntos tratados. Caso uma pessoa queira tratar de outro assunto, não responda uma mensagem e sim crie outra nova com o título de acordo com o assunto que quer tratar. Isso facilita muito para buscarmos o que foi tratado depois e também para que as pessoas escolham o assunto que querem acompanhar.

Em breve mando a Ata da reunião de ontem.

Bom fim de semana para todos.

Bruno”

Fonte: REIS, B. *Criação da lista do grupo*. Disponível em: proj_autonomia@googlegroups.com 28/01/2011.

1.7 Possibilidades de parceria com as escolas

As demandas foram surgindo, os conspiradores debatiam sobre o documento do Projeto Autonomia na esperança de clarear o máximo possível a atuação dos profissionais por dispositivos e métodos que primassem por uma interação formal e social voltada para transformar a forma de produção cultural na comunidade educativa (PROJETO AUTONOMIA, 2010, p. 5-8.). Avaliávamos a partir de experiências pessoais o real envolvimento das crianças nos “grupos de responsabilidades”, da importância de definição dos objetivos e criação desses grupos pela necessidade do coletivo, desenvolvendo a responsabilidade, solidariedade e inclusão das crianças. Refletiu-se também sobre a utilização do “Gostei” e “Não Gostei”, que é um dispositivo no qual a criança é incentivada a falar sobre o que ocorreu com ela. Ao estimular a verbalização do “não gostei”, a criança percebe que “a resposta, dentro de um ambiente solidário, é mais eficiente que o apelo para a violência” (PROJETO AUTONOMIA, 2010, p. 8).

Todas as discussões melhoraram o dialogo e a sensação de pertencimento ao Projeto. Nessas reuniões também houve mapeamento das pessoas envolvidas no Projeto, porém ainda faltava definir os parceiros/escolas para começarmos a práxis que resultaria em uma mudança real. Para que isso ocorresse deveríamos apresentar a proposta às escolas como um todo: direção, coordenação, professores e pais. Assim conheceriam a ideia para então optarem em construir conjuntamente esse nova prática.

A professora diretora da 304 Norte que acolheu o Projeto Autonomia foi convidada para assumir o cargo de Diretora na Regional do Plano Piloto e Cruzeiro. Com a sua saída ficamos sabendo que uma nova professora assumiria a direção da EC 304 Norte e tudo se encaminhava para começarmos o projeto nessa escola que tanto já havia nos acolhido, entretanto como os novos professores e a própria diretora não tinham participado das discussões do projeto, se fazia necessário uma apresentação formal. Além da EC 304 Norte, a partir da palestra do Pacheco, outros professores, pais ou educadores vinculados a outras escolas da rede pública se envolveram e buscaram o grupo para apresentarmos o Projeto em suas instituições. Agendamos essas apresentações entre os dias 16 e 30 de março de 2011 também com a EC 209 Sul, pela professora Regina Célia Garcia de Freitas, a Escola Classe QI 15 Lago Sul e a Escola da Natureza como bem relatado em entrevista pela Mônica Padilha.

Me lembro de uma mãe que fazia Yoga, Katia, que propôs a escola do filho dela, 209 Sul, se não me engano... E foi meio isso... Fomos perguntando em escolas que a gente conhecia e tal... A escolha foi meio assim, por pessoas envolvidas e interesse (PADILHA, Mônica. 16 de maio de 2012. Entrevista concedida a Rafaella Cerveira).

O cronograma combinado foi:

- Dia 16 às 08h00min – EC 304 Norte.
- Dia 16 às 10h30min – Escola da Natureza.
- Dia 16 às 14h00min – EC 209 Sul.
- Dia 30 às 09h00min e às 15h00min – Escola Classe QI 15 Lago Sul.

1.8 Construção da metodologia de apresentação do Projeto nas e às escolas

No decorrer das articulações das prováveis escolas que o projeto se iniciaria, também ocorriam reuniões de entrosamento do grupo e de estudos das concepções e metodologias que estavam inseridos no documento de criação. Entre essas discussões os conspiradores pensaram e resolveram testar no próprio grupo formas de apresentar a proposta nas escolas, assim avaliaram as percepções e problemas que as metodologias poderiam deixar aos participantes da apresentação.

Inicialmente foi pensado em começar por uma apresentação de slides para explicar a metodologia e as escolas inspiradoras, posteriormente, no dia 16 de fevereiro de 2011 na Escola Classe 102 Sul em uma reunião específica para estruturar como seriam as visitas nas escolas, essas ideias foram modificadas ao serem discutidas mais profundamente.

Discutiram se o fato de apresentar os dispositivos da Escola da Ponte não refletiria que estávamos tentando impor uma metodologia de trabalho que deveria surgir a partir do trabalho na escola pelos professores e estudantes. O grupo concordou que se fazia necessário apresentar os dispositivos como um exemplo de como tem sido feito em outros contextos, mas não como uma obrigação de como deveria ser feito pelos professores, mais importante do que detalhar os dispositivos era deixar claro os princípios que fundamentam a proposta. Ficou decidido que a apresentação deveria conter elementos vivenciais, os slides, caso necessário, apenas seria utilizado para sistematizar algumas ideias, considerando que algumas pessoas precisam dessa sistematização para uma melhor compreensão. Também foi levantado na reunião a questão dos professores questionarem se o conteúdo ficaria solto e/ou o risco do currículo não ser cumprido. A sugestão foi deixar clara a existência do Mapa do Saber, que contribui para que todo o currículo seja abordado durante o ano, respeitando o interesse das crianças por cada assunto.

O Mapa do Saber é uma sistematização gráfica dos conhecimentos e habilidades básicos que serão construídos, de acordo com as faixas etárias das crianças e dos adolescentes, com base nos Parâmetros Curriculares do MEC e nas atitudes necessárias para o exercício dos princípios e dos dispositivos da escola. O mapa orienta a atuação dos educadores e facilita o planejamento individual dos estudantes (Projeto Educativo da Casa dos Pássaros, 2010, p. 5).

Apesar de vários consensos sobre os pontos importantes a serem destacados na apresentação, ainda não havia uma proposta de metodologia confirmada, apenas ficou definido que a apresentação seria um vídeo, uma dinâmica, uma discussão e a sistematização de alguns pontos.

Ao final da reunião o educador da Associação Pró-Educação Vivendo e Aprendendo, Pablo Martins, levantou uma reflexão importante ao grupo, como descrito na relatoria da reunião compartilhada no grupo de e-mail pela Natalia Teles.

O processo não é fácil, muitas coisas darão errado, e que por isso é preciso termos claros os motivos que nos levam a querer romper com o modelo atual. Mais do que saber para onde vamos, é preciso saber onde não queremos mais estar. (TELES, N. *Reunião 21* Disponível em: proj_autonomia@googlegroups.com 23 jan 2011).

1.9 Metodologia e apresentação

A reunião do dia 16 de fevereiro de 2011 para construção da metodologia de apresentação nas escolas gerou avanços, tanto para discussão da proposta e reflexão do motivo daquele grupo ter se reunido desde o final de 2010, quanto para o formato de apresentação que motivasse o desejo de desenvolver uma nova forma de educação. No entanto, o método e procedimentos ainda não estavam estruturados para começarem as visitas, por isso ficou decidido que antes da reunião seguinte, no dia 21 de fevereiro, aconteceria uma reunião na UnB para sistematização da dinâmica de apresentação. Quando questionada sobre o objetivo da dinâmica no grupo de e-mail, a estudante de psicologia e mãe da Vivendo e Aprendendo Amanda Mota enviou ao grupo do Projeto Autonomia o seguinte esclarecimento:

O que queremos com essa dinâmica é principalmente propor um espaço de experiência que leve as pessoas a pensar sobre as desvantagens da educação tradicional. Outro objetivo é que elas entrem em contato, também desta forma mais experiencial e afetiva, com os princípios filosóficos que norteiam a nossa proposta de educação (MOTA, A. *Reunião 16: Lista de discussão sobre Projeto Autonomia*. Disponível em: proj_autonomia@googlegroups.com em 17 fev 2011).

A própria Amanda Mota com a Tamine Cauchioli, educadora da Vivendo e Aprendendo e na época estudante de pedagogia, e a integrante do GEPEPI, Gabriela Almeida, se encontraram e elaboraram a metodologia que foi vivenciada e discutida pelo grupo na reunião do dia 21 de fevereiro de 2011.

No dia 21, primeiramente em roda, as mediadoras pediram aos presentes que dissessem o nome, de onde eram e algo que acreditavam ser muito importante para as pessoas aprenderem. Depois todos caminharam pela sala, onde estavam espalhadas algumas frases de Paulo Freire sobre educação, bem como algumas figuras. Havia também três perguntas:

- Qual o papel do professor?
- O que as crianças querem aprender?
- Qual a necessidade de uma escola ser dividida por séries?

Durante o caminhar as mediadoras reforçaram a importância de o grupo prestar atenção às perguntas. Logo depois, pediram que todos se agrupassem em dois pequenos coletivos que iriam discutir um dos três questionamentos. Cada pequeno grupo ganhou um material relacionado à pergunta escolhida. Os grupos leram o material, discutiram

por aproximadamente vinte minutos e então se reuniram com todos os presentes para compartilhar o que tinham pensado.

Após o coletivo compartilhar a discussão dos pequenos grupos, as mediadoras explicaram a concepção dos momentos e todos refletiram se seria essa a metodologia de apresentação nas escolas. Então definiram:

- Manteriam toda a dinâmica inicial com as três perguntas, pois oferecem às pessoas a oportunidade de escolher o que gostariam de discutir. Em vez de colocar perguntas sobre educação para discutir os princípios filosóficos, trocaria por perguntas interessantes e contextualizadas sobre diversas coisas, por exemplo: o que é o novo horóscopo? Como nasceram as estrelas? Como surgiu a escola? etc. As perguntas seriam colocadas em um quadro para cada pessoa escrever o seu próprio nome embaixo do questionamento que a interessou mais e assim formariam os grupos de interesse. Cada grupo de interesse receberia o material sobre o tema.
- Depois no mesmo quadro haveria um espaço onde as pessoas colocariam o seu nome após o momento de pesquisa no grupo de interesse, escreveriam no quadro “Posso ensinar” e “quero aprender” sobre outra pergunta que não haviam escolhido no primeiro momento, mas que também gerou interesse. “Com esse dispositivo, que requer uma responsabilidade sobre si e sobre o outro, cada integrante se autoavaliará se já sabe o assunto e poderá ajudar o colega” (PROJETO AUTONOMIA, 2010, p. 10).
- Quando todos terminassem, chamariam a atenção do grupo para o quadro, falando que nos dias seguintes eles poderiam procurar uns aos outros, para ensinar e aprender sobre aqueles assuntos.

O grupo do Autonomia decidiu que depois da dinâmica voltariam a discutir com o coletivo das escolas a importância da motivação no aprendizado, do trabalho em grupo, da pesquisa, destes e outros processos na educação, além de levantar a possibilidade de como perguntas interessantes iniciais podem abrir para uma série de outros questionamentos e pesquisas. Finalizada a discussão, colocariam o vídeo da Escola da Ponte, seguido de uma breve apresentação em slides focada mais nos princípios da educação que acreditamos do que nos dispositivos, como haviam discutido em outra reunião.

Apresentado o Projeto em algumas escolas, de acordo com o esquematizado em reuniões, o grupo relatava e discutia por e-mail impressões, sensações e possíveis encaminhamentos.

Na 304 que foi onde eu participei não deu tempo de passar o vídeo, e sentimos que poucas professoras se interessavam, que já havia muitos projetos na escola, como o de matemática do professor Cristiano da FE. A questão é que o Projeto Autonomia não podia ser visto como “mais um projeto” na escola, mas como uma toda reformulação da estrutura da escola. (PADILHA, Mônica. 16 de maio de 2012. Entrevista concedida a Rafaella Cerveira).

Achei que o tempo na 304 N foi insuficiente. Acho que houve uma perda de foco no momento do debate, um grau significativo de resistência e outro de dúvidas em relação aos nossos objetivos. Mas, acho que o momento foi bastante válido, que precisamos voltar e deixar mais claras as nossas intenções pra que a nossa contaminação positiva seja mais efetiva. Já na Escola da Natureza senti maior recepção, embora uma ideia um pouco equivocada em relação ao projeto. Como se houvesse algo pronto a ser implantado. Acho importante deixarmos clara a nossa disponibilidade em estar presente, dialogar, construir... Não há nada a ser testado, avaliado, replicado... (LIMA, A. *Relato sobre as apresentações*. Disponível em: proj_autonomia@googlegroups.com 20 mar 2012).

Algumas escolas acreditavam que já levaríamos o projeto pronto e outras não tinham clareza dos princípios ou questões epistemológicas. Então o coletivo do Autonomia resolveu retomar a ideia do círculo de estudos por meio de um curso na Universidade de Brasília, assim possibilitaria uma maior clareza das pretensões, papéis e possibilidades do Projeto nas escolas. Com o curso haveria também a possibilidade de uma maior diálogo e começo de mudança na escola pelos professores e estagiários das professoras da psicologia, Simone Gonçalves de Lima e Regina Lucia Sucupira Pedroza, do professor da pedagogia Tadeu Queiroz Maia e professoras da pedagogia, Fátima Lucília Vidal Rodrigues, Maria Alexandra Militão Rodrigues e Cristina Coelho, além dos estagiários de extensão pelo Projeto de Extensão e Ação Contínua – PEAC que estavam começando a elaborar.

Desde o começo do nosso movimento existia a perspectiva de fazermos um curso online mesmo onde a gente poderia discutir a escola da ponte de uma forma estruturada. Esse curso, dado por um cara muito bom com ajuda de professores da Escola Amorim Lima e Casa Escola é pago. Na reunião passada, a Mônica sugeriu esse fórum de discussão. Nas apresentações ficou claro que os professores precisam saber mais para optar por entrar nessa. Sugestão: vamos dar esse curso! (KOBBLITZ, R. *Relato e Futuro*. Disponível em: proj_autonomia@googlegroups.com em 20 mar 2012).

Começava a organização mais sistemática do curso pela UnB.

1.10 1ª. Carta ao Emílio

Querido Emílio,

Fiquei muito feliz em receber sua carta em uma época que as pessoas não mandam nem e-mail, apenas mensagem de voz e vídeo, agora acredito que você presta bastante atenção nas conversas com a sua Tata.

Imagino que não contou nada aos seus pais sobre o assunto da carta, certo? Pelo que te conheço acredito que não... Gostaria de ser uma mosquinha no dia que descobrirem que você vai largar a medicina para seguir seu sonho de cineasta. Não conte para eles, mas achei genial sua escolha para falar do “Abril Verde” em Brasília, quando a comunidade foi ao Congresso pedir mudanças nas legislações educacionais do Distrito Federal.

Como bem você perguntou, um dos primeiros movimentos em Brasília para reestruturação da gestão de conhecimentos e relações na escola pública foi com o Projeto Autonomia, no começo do século, em 2010. Inicialmente com ex-pais de uma associação infantil e posteriormente agregando de uma forma muito inspiradora todos que tinham ímpeto para mudar a forma vigente da escola naquela época. Por isso sempre te digo meu querido, não se esqueça que toda ação é um ato político, esse movimento de tantos anos anteriores foi um dos passos para a gestão do aprendizado nas escolas atuais.

Hoje você tem uma concepção diferente da escola pública, mas tenho que te esclarecer que antigamente a escola que você entrou, em que “se pensa, em que se atua, em que se cria, em que se fala, em que se ama, se adivinha, a escola que apaixonadamente diz sim à vida.”, conforme escreveu em 1997 (p.42) o grande educador Paulo Freire, não era exatamente assim. Antigamente a comunidade escolar era em sua maioria apática e não oferecia autonomia aos estudantes, confesso que muitas vezes nem nós, professores, tínhamos essa autonomia! Muitos cadernos para preencher de acordo com os assuntos que tínhamos que ensinar em exato tempo e enviar aos burocratas da educação. Os professores que tentavam inovar se viam solitários e acabavam sendo engolidos pela “cultura da performatividade competitiva” que gerava “sentimentos de incerteza e insegurança ontológica”(CANÁRIO, R, MATOS, F e TRINDADE, R. 2004, p.31). Ficávamos preocupados com a comparação de nossos estudantes, resultados e nos indagávamos se realmente o nosso trabalho caminhava para o que esperavam, se o tempo dedicado era suficiente, se éramos qualificados e etc... Por isso hoje te digo, Emílio, o problema não eram os professores, esses tentavam bastante, o problema era a cultura escolar e social, tão difícil de mudar.

Os estudantes não se viam como parceiros do conhecimento, disputavam para saber quem tirava a maior nota e ficava em primeiro lugar. Perguntava-me como fomentar a colaboração em um ambiente que desenvolvia esse tipo de ranking? Como defendíamos a inclusão se mostrávamos que deveriam ser iguais, porém alguns eram melhores que os outros? Muitos brigavam e se dirigiam aos colegas com palavras duras, principalmente se o colega fugisse um pouco do padrão físico e intelectual estabelecido na época. Já que você não vivenciou, também te informo que existiam livros extensos avisando tudo que os estudantes deveriam aprender e o momento da vida que isso deveria acontecer, eles só podiam trabalhar com outros estudantes da mesma idade, quando estudavam com colegas de “séries” diferentes a atividade era considerada inovadora.

Apesar de todas essas atitudes impregnadas, existiram escolas que mudaram radicalmente esse “modelo”, uma delas é a escola pública de Portugal, Escola da Ponte, e a associação aqui de Brasília, Pró – Educação Vivendo e Aprendendo que ainda existem e foram inspiração para começarmos o nosso movimento em busca da Autonomia.

A Escola da Ponte, por exemplo, proporcionava experiências iguais as que você vivenciou, todos tinham suas responsabilidades e seguiam o plano quinzenal elaborado com o tutor. Cada criança decidia o momento de sua avaliação e pesquisava a partir de projeto de interesse. Existiam momentos de debates e

atividades coletivas, os grupos eram pequenos, em média 5 estudantes por tutor, e heterogêneo, dessa forma exista um acompanhamento real do desenvolvimento das crianças e inclusão, por meio da convivência e colaboração entre todos. No grupo havia dificuldades diversas e idades também.

Um ponto muito interessante é sobre as assembleias, momento semanal de debate coletivo, organização e formação das crianças. Nesses espaços elas falavam na frente de todos, questionavam decisões e propunham alternativas, eram realmente responsáveis pela escola. Das assembleias, como de outros espaços, também surgiam grupos de responsabilidade e tarefas, as crianças ajudavam muito umas as outras. Posso te dizer, querido, que sempre que víamos vídeos ou falávamos da Ponte, em nossos rostos surgiam no cantinho da boca um sorriso.

Sabendo desse contexto que o grupo pioneiro do projeto se encontrava, voltamos ao movimento em busca da Autonomia.

Como te falei, no começo da carta, o projeto começou com pais, seres agregadores, o fato de terem começado por pais, à parte geralmente externa da escola responsável pela educação, já transformou esse movimento em algo único. Contudo, esses pais tinham formação de educadores, pois participavam ativamente da gestão da antiga escola infantil de seus filhos, que na verdade era uma associação. Além de organização administrativa, discutiam sobre princípios da escola, metodologias, organizavam seminários e atividades educativas tanto para o público interno da Associação quanto para comunidade em geral. O que quero te mostrar, meu Bem, é que eles se formaram educadores nesse tempo dentro da escola dos seus filhos. Agora reflita se naquela época uma escola que unia, em formação, pais, educadores e comunidade, será que já não era uma experiência inovadora?

Assim os pais, quando seus filhos saíram da educação infantil, se uniram a outros pais e decidiram que não podiam esperar a lenta transformação da educação, queriam uma educação autonomia, solidária e inclusiva imediatamente, pensarem então, por que não construir coletivamente essa proposta educativa em um espaço de direito da sociedade? A escola pública!

Escola Pública entendida como instituição educativa realmente democrática, pois a ela é garantido acesso e qualidade a todos, constituindo um espaço de formação não só de estudantes e professores, mas sim da comunidade em geral.

Os pais, Emílio, foram os propulsores do sonho de transformação e eles também trouxeram ao projeto muitos questionamentos e pontos de vista a partir da família, que geralmente não entra nesse debate dentro das escolas - naquela época, é claro. Eles com uns princípios já meio delineados no papel fruto de um aprofundamento teórico, buscaram apoio à outra instituição conhecida como produtora de conhecimento, de ciência. Entraram então na Universidade de Brasília e buscaram apoio com professores, ex-pais da Vivendo e Aprendendo.

A Universidade instituição que tem como um dos deveres para com a sociedade: “incubação de inovação, promoção de cultura científica e técnica”(SANTOS, B. de S. 2004,p. 54) sendo “participante ativa da coesão social, luta pela democracia” (SANTOS, B. de S. 2004, p. 54) não era vista pela sociedade como um espaço aberto para a comunidade, na verdade a comunidade, geralmente, não procurava a universidade, e sim o contrário. Por isso outro ponto de destaque desse movimento foi a entrada da comunidade na universidade de forma inversa ao que acontecia.

Juntaram-se ao grupo cinco professores da Educação e da Psicologia. Os professores eram pessoas tão inspiradoras quanto os pais, trouxeram ao grupo conhecimento teórico e experiências de outros projetos, traziam também mais reflexão à roda de pais e juntos começaram a desenhar possibilidades. Adicionaram-se a iniciativa os estudantes da universidade que estavam em formação e em pouco tempo, quando saíssem da escola, atuariam nesse mesmo contexto de educação. Mas agora esses estudantes em sua “práxis acadêmica” não se limitariam a observar ou entender o modelo de educação. Iriam, coletivamente com os outros segmentos integrantes, transformar a escola para algo que sem saber exatamente o que seria, já tinham certeza que não era o que viam – e vamos combinar,não gostavam.

Querido Emílio, espero que você esteja compreendendo a especificações desse movimento. Foi um “encontrar” de pessoas, um conspirar junto, antes nunca feito no Distrito Federal.

Nesse momento de articulações, também se aproximou ao coletivo, por meio de uma professora da educação, o grupo o qual eu fazia parte, o GEPEPI. Nós, recém formadas, em sua maioria, estávamos estudando e pesquisando práticas inovadoras, buscando uma formação continuada, porém sem espaço prático de participação. Com apoio da professora Alexandra – se não me falha a memória, era esse o nome dela, uma pessoa muito inspiradora também – nos unimos ao grupo e entramos com nossas experiências e estudo na prática do Autonomia.

Tínhamos família, universidade e um grupo social organizado (GEPEPI), mas nos faltava o espaço e os professores do governo. Com essa constatação, entramos em contato com o educador José Pacheco – Emílio, o Zé foi um dos idealizadores da Escola da Ponte, aquela que menciono no começo da carta – parceiro do grupo de pais por meio da associação que eram vinculados. O Zé topou um evento aberto para promover a proposta e juntar pessoas que acreditassem em outro tipo de relações dentro da escola.

A Escola que abriu as portas para essa atividade era uma escola na Asa Norte que já utilizava alguns dispositivos com as crianças, sendo essa escola uma das pensadas para “experimentarmos” o projeto inicial da Autonomia. Lembro que houve uma série de mudanças de professores e direção, ao final o grupo da escola achou que já estavam caminhando com Autonomia e recusaram a implementação. Pensando agora, acho que a escola já andava realmente para esse caminho.

Nessa palestra novas pessoas se juntaram na busca de mudança ao coletivo, foi um dia marcante. O Zé, neste dia, nos avisou que entraria no projeto, mas precisaríamos conseguir um grupo dentro das escolas para que ele ficasse mais próximo, além de uma parceria com o governo, afinal, estávamos trabalhando em prol de uma instituição pública: a escola, e o estado também deve ter sua responsabilidade para com essa instituição.

Juntamos todos que estavam dispostos a mudar a escola, nos unimos, nos fortalecemos como grupo, discutimos métodos, teóricos, conceitos e fizemos do projeto um espaço de formação. Nesse tempo também fomos a várias escolas apresentar a proposta, de forma que cada grupo de professores que estavam sendo apresentados a ela pudessem vivenciar um pouquinho do que o projeto poderia oferecer. Descobrimos nessas visitas, que muitos não entendiam a vivência dos princípios na prática e por isso um curso, vinculado à UnB, para estudo de experiências inovadoras e vivência dos dispositivos seria preciso.

Foi assim que a UnB institucionalizou o projeto, tenho certeza que se não fosse isso poderíamos ter perdido ótimas pessoas na correria da vida.

Amado Tata, espero que tenha compreendido a importância e especificidades do começo do Projeto Autonomia.

Aguardo novas cartas, seu Tata está me ligando!!

Um grande beijo e não esqueça o casaco na viagem...

Tata Rafa

CAPÍTULO 2 – DE MÃOS DADAS

2.1 Estabelecendo novos espaços de discussão e aprendizagem

Quadro 7 – Iniciação.

Temos uns 15 educadores da rede interessados nessa aproximação.

Alguns acham pouco, eu acho (na verdade isso é um plágio escancarado) que a prática é o critério da verdade e essa é a nossa. Se repararmos na diferença do olhar desses 15 para o restante, a impressão que fica é que somos maioria esmagadora. Confesso que na minha loucura acho que somos mesmo. Quando vejo o infinito que se tornará cada uma dessas salas... putz, quanta reflexão. Sem poesia redigida, mas entranhada nas palavras e no calendário, sugiro que organizemos:

Curso de extensão da UNB. Começa na Semana do dia 25 a 29 de abril a semana de 20 a 24 de junho. 2 horas presenciais/semanais. 4 horas via on line.

Ministradores:

Presencial: Pesquisadores da UNB.

Via On line: Pesquisadores da UNB e Professor Pacheco!

Preparação para o curso. Dessa semana até o dia 15 de abril discutimos o formato entre os educadores e outros que irão fazer o curso. Estabelecendo horários e etc...

Então? vamos continuar nosso samba?

Forte Abraço,

Koblitz

Fonte: KOBLITZ, R. *Iniciação*: Disponível em: proj_autonomia@googlegroups.com 04/04/2011.

As conversas interdepartamentais e departamentais entre os professores do Instituto de Psicologia – IP e da Faculdade de Educação – FE já ocorriam, todos já tinham decidido que elaborariam o Curso de Extensão.

Do ponto de vista da participação da UnB, minha compreensão é de que agora, montado o projeto de extensão, começamos a trabalhar no dia-a-dia com os professores que se dispuseram/ se dispuserem a dialogar conosco para a construção de uma prática educacional fundamentada no respeito à pessoa de cada aluno. Isso vai envolver entrada em sala de aula via nossos alunos, oficinas, reuniões, mini-cursos e etc nas escolas, reuniões com a equipe da escola e com o nosso grupo de pais, professores e alunos, mas em cima de um fazer concreto (LIMA, S. *Re: Pauta/Objetivos de seguir as reuniões do grupo*. Disponível em: proj_autonomia@googlegroups.com. em: 23/03/2011).

O grupo da FE desenvolveria conjuntamente o Projeto 3 – Experiências Pedagógicas Inovadoras – que corresponde a “vivência da prática do fazer pedagógico em diferentes contextos institucionais, articulando, no processo formativo, as atividades de extensão,

pesquisa e ensino” (EMENTA PROJETO 3), e do Projeto 4, “momento de realização do "estágio" em sua formulação legal, compreendendo ao todo 240 horas” (EMENTA PROJETO 4) nas escolas vinculadas ao Projeto de Extensão e Ação Contínua – PEAC. Os estagiários da Psicologia também entrariam no apoio a esse novo papel do educador nas instituições de ensino a partir do olhar do Projeto Autonomia.

O educador, ao abrir mão da postura de detentor do saber, passa a desempenhar o papel de facilitador da construção individual e coletiva do conhecimento, auxiliando cada estudante no desenho de sua trajetória individual, com base nos interesses, necessidades e habilidades de cada um, bem como na integração e aproveitamento dos demais dispositivos (Projeto Educativo da Casa dos Pássaros, 2010, p. 5).

Cada grupo propôs criar um PEAC a partir do seu departamento com possibilidade de mais bolsistas, entretanto atuariam em parceria tanto na atuação na escola, quanto na construção e desenvolvimento do Curso de Extensão pela Universidade de Brasília – UnB. A ideia era que o PEAC oferecesse minicursos, oficinas, encontros, palestras e rodas de planejamento. Pensando inicialmente para o grupo de professores da Escola Classe 304 Norte – EC 304 Norte, posteriormente foi desenhado a todos os professores interessados no Projeto Autonomia.

Estamos pensando um formato que possibilitará aos professores refletir sua prática e também "renderá" pontos no Plano de carreira. Estamos formatando de modo a oferecer atividades que sejam aceitas/reconhecidas pela SEDF (LIMA, S. *Reunião 21*. Disponível em: proj_autonomia@googlegroups.com 21/04/2011).

A EC 304 Norte foi pensada desde o começo como lócus inicial do Projeto Autonomia, apesar da greve dos professores da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal – SEDF, mudança de professores e saída da diretora para um cargo importante na Secretaria de Educação, uma das educadoras decidiu começar o projeto em uma turma específica no turno vespertino, para isto os pais deveriam matricular seus filhos nessa turma. A escola participava do projeto do Distrito Federal – DF para educação integral, então haveria crianças no contraturno com atividades de reforço escolar, recreação e atividades mais artísticas. Para começar a turma regular de implementação do Projeto Autonomia pela tarde a professora precisaria de um número mínimo de crianças, quando foi proposto aos pais que mudassem o horário de aula dos filhos para tarde a maioria não aceitou, sem quorum não teve turma. Além da falta de quorum, a apresentação na escola não conseguiu agregar os novos

professores da escola no projeto para uma turma matutina, segundo a escola, eles já trabalhavam com autonomia e inúmeros projetos temáticos articulados com a Universidade.

Teve uma confusão da greve dos professores e o ano não começava... O ano não começava... E algumas pessoas foram se desmobilizando e quando começou o ano mudou quase todas as pessoas da 304 Norte, lembro que isso mudou os planos iniciais das pessoas que estavam participando, porque a ideia era começar o projeto na 304 Norte, por isso os pais inclusive colocaram os filhos na 304 Norte. Depois surgiu uma pessoa na 209 sul, que inclusive fizemos oficina nessa escola também. Aí quando deixamos de ser um pouco da 304 Norte as pessoas foram se murchando um pouco, perdendo aquele gás, sabe? Principalmente os pais porque não teriam os filhos no meio. Aí o que aconteceu que foram surgindo outras pessoas e a UnB entrou mais forte, assumindo mais forte a proposta (ALMEIDA, Gabriela. 09/05/2012. Entrevista concedida a Rafaella Cerveira).

Com o reinício das aulas nas escolas públicas existiu mais uma tentativa de aproximação do Projeto na EC 304 Norte com a ida da professora Maria Alexandra Militão Rodrigues, Rodrigo Koblitz e também outra visita da Regina Lúcia Sucupira Pedroza e suas estagiarias, porém o retorno foi negativo. Dessa forma, o coletivo do Autonomia também percebeu que deveria apostar as fichas em outras escolas que se mostravam interessadas, como a Escola Classe 209 Sul – EC 209 Sul.

Apesar dos professores da Universidade ainda estarem fechando o semestre anterior, continuavam, mesmo exaustos, a construir o projeto de acordo com as burocracias da UnB. O grupo de professores também discutia a necessidade de fechar o quanto antes o mínimo de salas para escrever no projeto e facilitar a contratação do professor José Pacheco junto à SEDF e/ou UnB.

Após algumas reuniões o grupo formado pelas professoras Maria Alexandra Militão Rodrigues, Fátima Lucília Vidal Rodrigues da Pedagogia, o professor Tadeu Queiroz Maia da mesma faculdade e as professoras da Psicologia Regina Lúcia Sucupira Pedroza e Simone Gonçalves de Lima se uniram e decidiram construir um único PEAC interdepartamental, uma conquista histórica para os dois departamentos, pois perceberam que o trabalho em grupo já aconteceria, então não havia necessidade de criar projetos separados. Com o intuito de agilizar a aprovação institucional o PEAC foi submetido a aprovação na Faculdade de Educação com coordenação inicial desta faculdade. A professora Maria Alexandra Militão Rodrigues assumiria a coordenação, dividindo as responsabilidades diárias do trabalho com os demais professores. No ano posterior quando fossem recadastrar o PEAC a coordenação seria passada ao IP.

Depois de problemas com Sistema de Informação e Gestão de Projetos – SIGPROJ, as professoras conseguiram cadastrar o PEAC “Diálogos com Experiências Educacionais Inovadoras”. Vale destacar que os PEACs têm como objetivo “*o desenvolvimento de comunidade, a integração social e a integração com instituições de ensino*” (DEX, p. 1.) e são desenvolvidos ao longo de um ano letivo. Em seguida o Projeto foi aprovado no departamento de Métodos e Técnicas na Faculdade de Educação e no dia 06 de maio de 2011 aprovado na 481ª reunião da Câmara de Extensão da UnB – UnBDoc 53345/2011. Posteriormente foi elaborado o Curso de Extensão semipresencial com o mesmo nome e vinculado ao PEAC. Os cursos de extensão têm o objetivo de suprir as “demandas não atendidas pela atividade regular do ensino formal de graduação ou de pós-graduação, podem ainda utilizar uma combinação de metodologias e modalidades” (DEX, p.1) e todos devem ser cadastrados no Sistema de Informação de Extensão, sendo o Curso de Extensão Diálogos com Experiências Educacionais Inovadoras apresentado pela professora Maria Alexandra Militão Rodrigues no dia 21 de junho de 2011 e aprovado no dia 14 julho de 2011 pelo Departamento de Métodos e Técnicas – UnBdoc 84581/2011 com essas aprovações começávamos a abrir possibilidades de conseguir mais apoio da Universidade.

2.2 Ambiente Aprender: espaço *on-line*

Apesar dos conspiradores não começarem o projeto efetivamente dentro de uma escola, o interesse germinado em educadores de várias escolas públicas e associativas para conhecer melhor a metodologia e concepções da proposta por meio do curso de extensão, aliada a institucionalização do Projeto na UnB, trouxe um novo ânimo ao grupo do Autonomia. Outra vantagem que o curso semipresencial, com espaço presencial e virtual, trazia era a possibilidade de diálogo com o José Pacheco durante todos os momentos, uma questão que já havia sido conversado com ele por meio do Rodrigo Koblitz e os professores da UnB.

Ao mesmo tempo que começaram as reuniões mais específicas para construção do documento do Projeto para UnB, também se iniciou a discussão do espaços de aprendizagem presencial, virtual e os Projeto 3 e 4, esses últimos mediados conjuntamente pelos três professores da Faculdade de Educação, agregando ao Projeto mais uma raridade de trabalho colaborativo desenvolvido em prol da proposta na Universidade.

Quadro 8 – Construindo espaços.

Aqui na FE o grupo vai hoje de tarde trabalhar na criação do curso na plataforma, na perspectiva de alternar encontros presenciais com os virtuais. Mônica, do GEPEPI, mais conhecida como Cacá, tinha-se oferecido como moderadora. Continua de pé a intenção? O grupo do Proj. 3 - Experiências Pedagógicas Inovadoras - está crescendo e estamos trabalhando juntos, Tadeu, Fátima e eu. É uma raridade ter 3 professores realmente JUNTOS em sala de aula aqui na UnB! Na segunda-feira passada, o primeiro dia, foi emocionante escutar nosso jovens alunos que também desejam a mudança. Tem gente da Vivendo, da Matemática, da Pedagogia e outros, gente com brilho no olhar! A palavrinha usada por Rodrigo na última mensagem ao Grupo traduz o que senti nesse dia: INICIAÇÃO. Não é apenas o início, significa também uma cerimônia de "ascensão de um nível (abandonado) de existência para um outro nível superior"(wikipédia). Não sei se superior, mas qualitativamente diferente. Talvez não exatamente um ritual, mas um processo coletivo, no nosso caso. Daremos notícias, na perspectiva de trabalharmos juntos. Tudo bem? Por vezes penso que parte destas mensagens deviam ir para o grupão, para que a UnB não apareça como a instância que oferece cursos, mas como um lugar educativo que trabalha e luta num coletivo pela mudança.

Beijos, Alexandra

Fonte: RODRIGUES, A. *INICIAÇÃO: [mensagem pessoal]* Mensagem recebida por rafinhasc@gmail.com em: 04/04/2011.

O espaço presencial seria a sala Papiros da FE 1 na UnB e o espaço virtual seria no espaço virtual da UnB², desenvolvido a partir do *software Moodle*, que já era utilizada pelos professores universitários do Projeto. O espaço virtual agregava também todos os conspiradores ou interessados que não poderiam participar das discussões e atividades presenciais no diurno, além de possibilitar uma maior flexibilidade de tempo para o desenvolvimento das atividades na vida dos professores das escolas vinculadas.

[...] pensamos que com um espaço presencial seria o momento das professoras a partir de suas necessidades colocar como estava a implementação do projeto para que conjuntamente atuássemos para resolvê-los. E com a atribuição dos horários e disponibilidade o espaço virtual serviria para que as pessoas entrassem nele de forma mais flexível com seus horários disponíveis, e também para que as pessoas que não pudessem participar presencialmente pudessem continuar atuando no projeto, principalmente os pais e pessoas que trabalhavam, visto que o curso era no turno da manhã e tarde. Em um momento até pensamos em realizar um curso noturno, mas não conseguimos. Os espaços, tanto presenciais como virtuais, foram pensados de maneira coletiva. (PADILHA, Mônica. 16/05/2012. Entrevista concedida a Rafaella Cerqueira).

Com os locais deliberados se fazia necessário definir os educadores inscritos, desenho do curso na plataforma virtual, material e mediadores do curso. O número de interessados era grande, o grupo também achou importante reservar vagas para os parceiros como: o grupo de pais e o Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação e Práticas Inovadoras – GEPEPI; projeto de contraturno de uma Mestranda da Psicologia, Natália Teles e um pai, Bruno Reis; dupla do Instituto Brasília Ambiental – IBRAM, que atuava na Escola da Natureza, sendo também

² Disponível em: <<http://www.aprender.unb.br>>>

parceiros do Pacheco em uma transformação em uma escola em Cavalcanti, Goiás – GO e as escolas associativas, Vivendo e Aprendendo e Casa dos Pássaros. Ainda convidaram as escolas públicas que o Projeto visitou como a EC 209 Sul e EC 304 Norte, houve também interesse de outras escolas que tiveram contato por meio de seus educadores que participaram da palestra do professor Pacheco na EC 304 Norte como a EC 104 Norte e até educadores da 2ª etapa do ensino fundamental do EC QI 15 do Lago Sul/Centro de Ensino Fundamental – CEF 06 do Lago Sul. Outros grupos que também agregaram de forma positiva e essencial ao Curso foram os estudantes do Projeto 3 e 4 dos professores da FE e as estagiárias das professoras da Psicologia.

Apesar da preocupação de montar o curso nos dois ambientes, o grupo também achava necessária ser uma construção coletiva de todos que participassem daqueles espaços, então ao mesmo tempo em que havia a preocupação em montar o espaço virtual e escolher material, também havia a preocupação de não ter o curso pronto apenas para ser aplicado durante os dias, mas construído durante todo o processo.

Precisamos de um encontro o quanto antes de GEPEPI + profs da FE + profs do IP + alunos do IP (ou ao menos um representante de cada um dos "sub-grupos) para acertarmos melhor esses ponteiros, incluindo um programa para as ações. (Indicações de textos/ materiais para a reflexão coletiva, oficinas, etc, embora em minha concepção devemos ter muuuita flexibilidade e ir trabalhando em resposta a demandas dos professores e problemas/ desafios do seu cotidiano. A gente iniciaria com uma literatura-base de referência e construiria o resto em torno do que a realidade nos trouxer. (LIMA, S. *Projeto Autonomia – comunicações, decisões e etc.*[mensagem pessoal] Mensagem recebida por rafinhasc@gmail.com em: 11/04/2011).

Na primeira reunião para resolver o curso de extensão o coletivo já avançava no Formato do Curso, decidiram que o encontro presencial seria as quartas-feiras pela manhã e pela tarde, inicialmente teria três momentos com possibilidade de criação de outros espaços ao longo do PEAC, dependendo da demanda do grupo:

- Presença dos estudantes estagiários da Psicologia, do projeto de extensão, Projeto 3 e 4 da FE nas salas de aula nas escolas junto aos professores;
- Quinzenalmente um encontro presencial com os professores e parceiros para aprofundamento da proposta do projeto e escolas inspiradoras; e
- Quinzenalmente um encontro virtual com todos/as.

A carga horária destinada aos espaços, virtual e presencial, seria 6h semanais e todos concordaram que no primeiro encontro a discussão deveria girar entorno das experiências educacionais onde cada um dos presentes aprendera, para em seguida apresentar a plataforma aprender.

A professora Maria Alexandra Militão Rodrigues e a Mônica Padilha levaram em outras reuniões uma proposta para o espaço virtual com a ajuda do professor Tadeu Maia Queiroz e da estudante de pedagogia Tamine Cauchioli. Depois dessa primeira estruturação onde delinearão o desenho do curso na plataforma virtual com colaboração de ideias enviadas pelo GEPEPI e demais parceiros do Projeto Autonomia, o grupo resolveu criar grupos de responsabilidades, pois surgiam muitas tarefas para fazerem até a data prevista para início do curso, 27 de abril de 2011.

As professoras Simone Gonçalves de Lima, Fátima Lucília Vidal Rodrigues e as estagiárias ficaram responsáveis por cadastrar o projeto no Sistema da UnB, o professor Tadeu Maia Queiroz e o GEPEPI terminariam de construir os espaços no *Moodle* e reservaria o laboratório de informática, o Rodrigo Koblitz enviaria o material da Escola da Ponte para ser colocado na plataforma aprender e faria contato com os educadores que ainda não haviam feito a inscrição no curso pelo espaço virtual, a professora Maria Alexandra Militão Rodrigues continuaria a articulação dentro da Faculdade para aprovação do PEAC e ajudaria um pouco em todas as frentes.

Mesmo com toda determinação o grupo achou melhor adiar o começo do curso para o dia 4 de maio de 2011, pois os professores das escolas ainda não haviam enviado os e-mails para cadastro no espaço virtual e não havia definição dos participantes das escolas Vivendo e Aprendendo e Casa dos Pássaros, que já tinham uma prática autônoma e inspiradora no seu dia-a-dia e se faziam tão importante para o momento inicial de acolhimento e integração do grupo do curso. Por causa desse adiamento o coletivo que estava organizando os espaços do curso de extensão teve mais tempo para elaborar novas formas de acolhimento e melhor inserção dos matriculados. Pensou-se em melhorar o contato com os professores por meio de uma carta convite, apresentar o projeto por uma carta de apresentação no primeiro dia de encontro e ajudar a relação com o meio virtual com um tutorial para cadastro.

Quadro 9 – Carta-convite Curso Presencial.

<p>Carta-convite</p> <p>Convidamos as educadoras e educadores conspiradoras/es a participar do 1º Encontro do Curso de Extensão Diálogos com Experiências Pedagógicas Inovadoras: Projeto Autonomia.</p> <p>Quando? no dia 4 de maio de 2011 - 4ª feira</p> <p>Que horas? Grupo da manhã: 8h-12h. Grupo da tarde: 14h-18h.</p> <p>Onde? Na sala Papyrus, na Faculdade de Educação da UnB.</p> <p>O que trazer? Seu entusiasmo e uma contribuição para um lanche (bebida, salgado ou doce).</p> <p>Ao longo do semestre o curso contará com dois espaços, o presencial e o virtual intercalados: uma semana o encontro presencial e na outra o virtual.</p> <p>- Os encontros presenciais serão quinzenais todas as quartas-feiras na Sala Papyrus.</p> <p>- Os encontros virtuais serão na plataforma Aprender (http://aprender.unb.br).</p> <p>O curso pretende sair das amarras dos cursos tradicionais. Afinal se propomos dialogar com experiências inovadoras na educação, precisamos começar a partir do nosso próprio ambiente!</p> <p>O convite é para embarcar em uma experiência coletiva onde os caminhos serão trilhadas com todos os pés, corações e mentes dos envolvidos.</p> <p style="text-align: center;">Vamos conspirar com a gente?</p>

Fonte: PADILHA, M. *Projeto Autonomia – convite*. [mensagem pessoal] Mensagem recebida por rafinhasc@gmail.com em: 01/05/2011.

A cumplicidade se fazia presente em cada nova ideia ou avanço que o coletivo conseguia, assim o grupo foi dividindo tarefas e somando conquistas que culminaram na última reunião pré-começo do curso, realizada na sala de reuniões da FE 3 na UnB, para apresentação do espaço virtual na plataforma aprender e acertos finais.



Figura 3 – Sala de reuniões Faculdade de Educação 3 – Apresentação do espaço virtual – 29/04/2011.

Fonte: Da autora.



Figura 4 – Sala de reuniões Faculdade de Educação 3 – Apresentação do espaço virtual – 29/04/2011.

Fonte: Da autora.

O espaço virtual deveria ser uma extensão de possibilidades das experiências que o Projeto Autonomia propunha por meio dos dispositivos nas visitas às escolas, na parte presencial do curso e no documento piloto do Projeto. Com esse pensamento foi acrescentando alguns espaços especiais na plataforma.

Já na primeira página os participantes encontravam a música Pedra Filosofal de Antonio Gedeão por meio do áudio e um pedaço da letra, além de uma bela imagem.

Eles não sabem que o sonho/ É uma constante na vida/ tão concreta e definida/ como outra coisa qualquer [...]. Eles não sabem, nem sonham / Que o sonho comanda a vida,/ que sempre que um homem sonha / O mundo pula e avança/ Como bola colorida/ Entre as mãos de uma criança (GEDEÃO, Antonio).

Em seguida eram apresentados ao espaço “Comunidade Autonomia”, visível a todas as pessoas interessadas em aprender sobre práticas inovadoras em educação e discutir colaborativamente sobre temas relacionados, mesmo sem estar inscrito no curso. Neste espaço os materiais de estudo da Biblioteca e Videoteca estavam liberados para visita, além do fórum específico de apresentação “Quem sou eu?”. Também foi criado um espaço chamado “Fórum Geral”, onde as pessoas poderiam abrir tópicos sobre temas variados para discutir, e trocar informações entre si.

Além do espaço para a “Comunidade Autonomia” existia o espaço do “Curso de Extensão” destinado à troca de conhecimento entre os educadores matriculados no curso, porém visível a toda Comunidade do Autonomia. Neste espaço colocaram uma apresentação simplificada do Projeto e metodologia, um fórum para “notícias e recados” pertinentes ao grupo, um fórum para apresentação do matriculados focando no espaço de atuação, modo como ficou sabendo do Projeto e expectativas, também pediram nesse fórum que os educadores enviassem uma imagem que representasse aquele momento de união de educadores que buscavam por outra forma de educação.

A proposta de atividade com imagem agregava ao objetivo de favorecer vivências com várias formas de expressão pelos educadores. Além desse espaço acrescentaram o fórum de “Re-encatamento” onde todos poderiam compartilhar no meio da correria do dia-a-dia algo que lhe causaram encantamento, como expresso no texto de apresentação do fórum escrito pela professora Maria Alexandra Militão Rodrigues:

Este é um recanto do nosso curso, escondido entre a tela do computador e a correria do cotidiano. É um convite a uma PAUSA. Um espaço de liberdade e espontaneidades sem pressa. Um espaço de refúgio para quando sentirem vontade de compartilhar manifestações da sensibilidade humana em forma de palavra, música, imagem, etc. Um espaço de descanso onde podem postar algo que verdadeiramente encantou vocês e que gostariam que fosse contemplado por seus(suas) companheiros(as) de curso. Pode ser, por exemplo, uma pintura, um poema, uma letra de música, uma foto. Pode ter sido feito por você ou não. Cuidem para que este seja um lugar muito especial. Por isso o denominamos de Re-encanto (UnB, Ambiente Aprender. Fórum Re-encanto).

Com a possibilidade dos participantes se encontrarem *online* e promovendo uma maior troca entre os diversos educadores, o coletivo também resolveu criar na plataforma o espaço do *chat* para bate-papo entre todos.

Além dos espaços específicos ao grupo de matriculados no Curso de Extensão e ao grupo da Comunidade Autonomia, existia na plataforma um espaço para cada semana do curso, assim no decorrer dos acontecimentos o grupo registraria as atividades, combinados e acontecimentos do curso no espaço virtual. Outro ambiente muito importante que tinha sido pensado desde as primeiras reuniões para elaboração do curso foi o espaço para construção do Diário de Bordo Coletivo, onde todos poderiam escrever livremente sobre as percepções do curso e do sua práxis nas escolas de forma colaborativa e coletiva. Todos tinham a oportunidade de escrever sobre os diversos espaços e vivências como o curso, trabalho e vida.

Pensado a composição do espaço e definida a metodologia do primeiro dia do curso no espaço presencial, a reunião se encerrava com esperança de um começo promissor e a divisão do pequeno coletivo por turnos:

- Matutino: Professora Fátima Lucilia Vidal Rodrigues, Professor Tadeu Maia Queiroz e a integrante do GEPEPI Mônica Padilha;
- Vespertino: Professoras, Maria Alexandra Militão Rodrigues, Simone Gonçalves de Lima e Regina Lucia Sucupira Pedroza; as estagiárias Amanda Lima, Amanda Mota, Bruna Souza; a estudante de pedagogia Tamine Cauchioli e as integrantes do GEPEPI Josiane Ribeiro e eu, Rafaella Cerveira.

2.3 Curso de Extensão: Projeto Autonomia – Módulo I

O curso começou no dia 04 de maio de 2011, quarta-feira, na sala Papiros da FE da UnB, o dois grupos que se disponibilizaram em horários distintos 8h às 12h e o outro 14h às 18h contou com a presença de integrantes de espaços diversificados, professores de escolas

públicas, professores de associações, professores universitários, estudantes de Graduação, Pós-Graduação e ex-estudantes universitários que pertenciam ao grupo comunitário de pesquisa.

Integrantes segundo o documento do PEAC Diálogos com experiências educacionais inovadoras 2011:

Quadro 10 – Integrantes PEAC Diálogos com experiências educacionais inovadoras (continuação).

Nome	Sigla	Tipo de Instituição	Participação
Faculdade de Educação	FE	Instituição Federal/Grupo Interno da Universidade	Participação por meio da coordenação, organização e oferecimento do curso. Participação de três professores mais estudantes interessados
Instituto de Psicologia	IP	Instituição Federal/Grupo Interno da Universidade	Participação por meio da coordenação, organização e oferecimento do curso. Participação de dois professores mais estudantes interessados
Associação Pró-Educação Vivendo e Aprendendo	VeA	Grupo Comunitário	A Associação Pró-Educação Vivendo e Aprendendo é uma associação de pais e professores que há quase 30 anos desenvolve um trabalho inovador em educação infantil. Sua participação se dará em trocas colaborativa no curso por meio de experiência de educadores envolvidos com prática pedagógica junto às crianças
Escola Classe 209 Sul	EC 209 Sul	Instituição Governamental Estadual	A escola participa abrindo suas portas para o estudo e construção de uma proposta pedagógica inovadora em diálogo com demais participantes do projeto.
Escola Classe 304 Norte	EC 304 Norte	Instituição Governamental Estadual	A escola participa abrindo suas portas para o estudo e construção de uma proposta pedagógica inovadora em diálogo com demais participantes do projeto.

Quadro 10 – Integrantes PEAC Diálogos com experiências educacionais inovadoras (conclusão).

Nome	Sigla	Tipo de Instituição	Participação
Escola Classe 104 Norte	EC 104 Norte	Instituição Governamental Estadual	A escola participa abrindo suas portas para o estudo e construção de uma proposta pedagógica inovadora em diálogo com demais participantes do projeto.
Casa dos Pássaros	CP	Grupo Comunitário	A Casa dos Pássaros é uma recente iniciativa no campo pedagógico brasileiro que oferece uma proposta de educação inovadora. Sua construção está sendo realizada em diálogo com este projeto.
Escola Classe QI 15 - Lago Sul	QI 15 CEF 6	Instituição Governamental Estadual	A escola participa abrindo suas portas para o estudo e construção de uma proposta pedagógica inovadora em diálogo com demais participantes do projeto.
Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação e Práticas Inovadoras	GEPEPI	Grupo Comunitário	O GEPEPI reúne estudantes de graduação, de pós-graduação e jovens profissionais da educação em torno da investigação de experiências pedagógicas inovadoras no Brasil e no mundo. A participação deste grupo dará em todos os espaços de discussão do PEAC e do Curso de extensão, incluindo o planejamento das ações.

Fonte: Cerveira (2012).

2.3.1 Primeira Quinzena: presencial e virtual

O primeiro encontro do grupo foi de acordo com a seguinte programação:

- 1º momento – Apresentação do Projeto Autonomia, breve histórico com a entrega da carta de apresentação.
- 2º momento – Qual foi sua experiência de aprendizagem mais marcante? Em duplas cada um faz sua narrativa (tempo estimado: 10 minutos).
- 3º momento – Escrever em um pedaço de papel colorido algumas palavras referindo a

que foi mais significativo nesse processo de aprendizagem.

- 4º momento – Colagem dos papéis em um mural coletivo tentando colocar as palavras em três espaços: O que?/Como?/Sentimentos – seguido de discussão no grande grupo.
- 5º momento – Apresentação do espaço Aprender. Algumas orientações iniciais práticas.
- 6º momento – combinado para semana virtual – Registro no espaço virtual - Diário de Bordo - como uma síntese da atividade.



Figura 5 – 1º Encontro do Curso de Extensão do Projeto Autonomia – Sala Papiros/Faculdade de Educação 1 – vespertino 04/05/2011.

Fonte: Da autora.

Pela manhã o grupo teve uma maior diversidade de agentes educativos, pela tarde o que marcou foi à presença de todos os educadores da EC 209 Sul mais a coordenação pedagógica, orientadora e direção. Segundo relato das próprias professoras essa grande participação foi devido à grande influência da professora Regina Freitas, responsável pela sala de recursos e decisão da diretora Luciana Rocha. Havia no grupo da escola tanto professoras com muitos anos de experiências como educadoras recém empossadas.

Começamos o encontro com a entrega da carta escrita pelo GEPEPI (vide Anexo “B”) que explicava um pouco o histórico de Projeto, neste momento foi possível tirar dúvidas do grupo e falar um pouco do curso.

Conversamos sobre o caráter dialógico que foi pensado para “o caminhar” no curso, onde construiríamos um projeto pedagógico a partir das reflexões teóricas e discussões de desafios práticos específicos no percurso dos educadores envolvidos, que, antes de tudo, respeitasse as crianças e oferecesse a elas um ambiente de desenvolvimento de sua autonomia, colaboração e solidariedade.

Também esclarecemos que o formato dos encontros respeitaria a curiosidade e necessidade do coletivo por experiências, métodos, teóricos que falassem de práticas inovadoras. Deixamos claro que o projeto não oferecia aos educadores participantes fórmulas prontas, mas sim “o estudo colaborativo de registros e análises de experiências pedagógicas inovadoras e inspiradoras assim como de ação conjunta para enfrentamento de desafios na prática cotidiana” (SIGPROJ, 2011, p. 6). Já a avaliação seria continuada, com espaço nos encontros para a reflexão individual e coletiva sobre a relevância e aproveitamento do processo.

Após o momento de apresentação fizemos a dinâmica em que cada pessoa contava uma experiência educativa marcante, o que gerou emoções, pois lembraram memórias da infância que originaram alegrias, tristezas, decepções e descobertas, principalmente entre educadores que trabalhavam juntos a muito tempo, mas não conheciam profundamente seus colegas. Com essa atividade foi possível refletir o porquê dessas experiências terem se tornando tão especiais.

Achei que a dinâmica de pensar numa experiência marcante de ensino foi um passo para o estabelecimento do grupo (por que pessoas trabalharam com pessoas que não conheciam) e realmente mobilizou várias emoções e cutucou a memória afetiva das pessoas sobre o seu processo de aprender. Uma variedade de experiências formais e informais, muitos relatos de situações que maltrataram as pessoas que nos atentam para o como não fazer e para o que estarmos atentos para não ferir as pessoas processo de ensino. E palavras que nos dão chaves para pensar o que faz do encontro educacional algo transformador e libertador: respeito, sentido, colaboração, dinamismo e mais... Que eu não vou lembrar agora (LIMA, S. *Ontem e próximos passos*. [mensagem pessoal] Mensagem recebida por rafinhasc@gmail.com em: 05/05/2011).

Fiquei com uma boa impressão da disponibilidade dos educadores ali presentes. Alguns pareciam conhecer e se afinar mais com a proposta, mas mesmo as educadoras que não demonstravam estar tão “por dentro”, me pareceram minimamente abertas e dispostas a dialogar. Isso me pareceu de imensa valia, principalmente porque estando tantos educadores de uma mesma escola presentes, pode ser possível fazer um trabalho mais integrado (MOTA, A. Relatório Final de

estágio de Licenciatura, 2011).



Figura 6 – 1º Encontro do Curso de Extensão do Projeto Autonomia: Momento de observar o mural com as palavras do grupo – Sala Papiros/Faculdade de Educação 1 – vespertino 04/05/2011.

Fonte: Da autora.

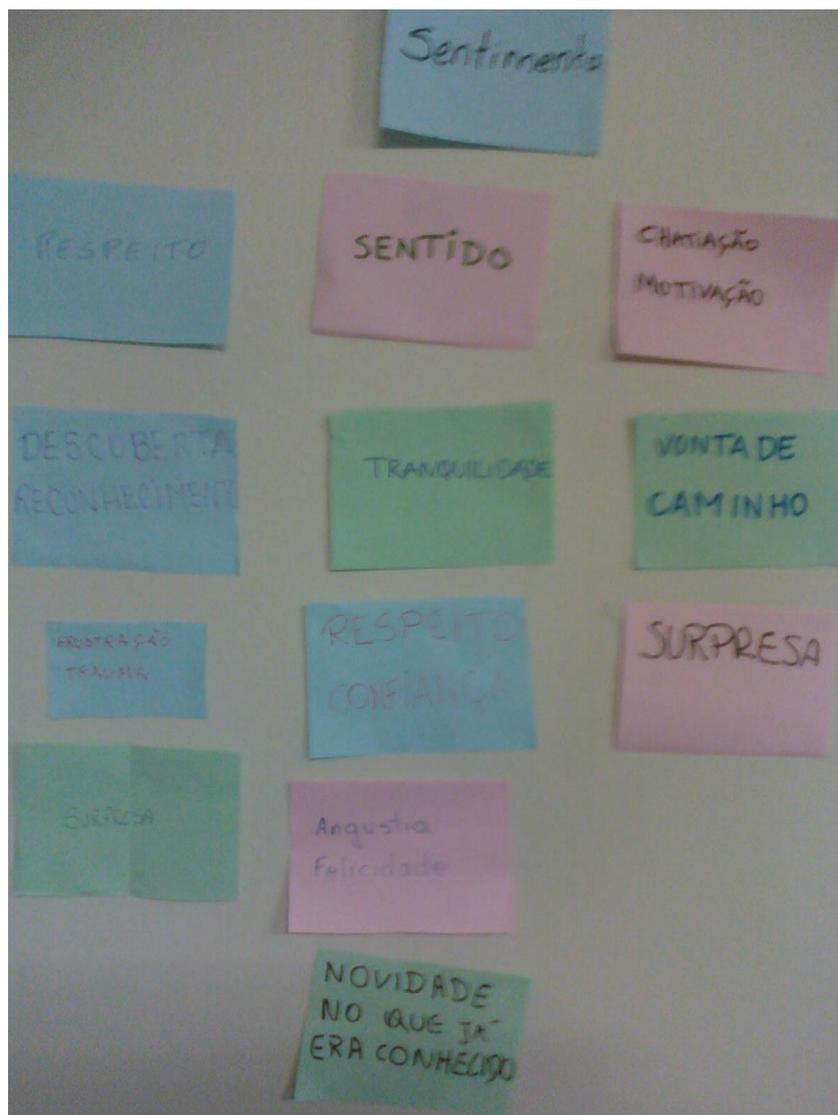


Figura 7 – 1º Encontro do Curso de Extensão do Projeto Autonomia: espaço dos Sentimentos – Sala Papiros/Faculdade de Educação 1 – vespertino 04/05/2011.

Fonte: Da autora.

Após o lanche coletivo, chegava o momento de apresentar a plataforma aprender para os professores. Neste instante uma das professoras mais antigas na escola disse que havia combinado com a diretora que não faria o curso se houvesse mediação virtual, todos os presentes se mostraram dispostos a ajuda-la, imprimindo os textos, digitando as discussões da professora na plataforma ou acessando com ela sempre que necessário. Apesar da resistência em relação ao ambiente virtual a professora continuou com o curso.

Ao final do encontro, combinamos da participação *on-line* por meio de algumas tarefas, como mostra a mensagem que enviei a todos no dia 09 de maio de 2011 pelo ambiente aprender, conforme se segue:

Quadro 11 – Tutoria espaço Aprender – Universidade de Brasília.

Olá, Conspiradores!! 😊
 Sejam bem-vindos ao espaço aprender, ambiente onde nos encontraremos virtualmente.

Essa semana as atividades importantes são:

- Fazer o perfil e colocar a foto.
- Apresentar-se no Fórum: O que eu estou fazendo aqui?

A nossa biblioteca já possui o início do projeto Autonomia e material sobre a Escola da Ponte. Na videoteca também já temos material sobre a Ponte!
 Não se esqueçam que todos os espaços são construídos por cada um de nós, se você possui algum vídeo, texto, foto ou outro material avise para colocarmos disponível na plataforma.

Explorar é a palavra da semana! Vasculhem todos os cantos do nosso ambiente e sempre que tiverem dúvidas entrem em contato respondendo essa mensagem.

Divirta-se e mãos à obra, 😊

Rafinha

Fonte: Da autora.

Apesar de alternarmos as semanas em presencial e virtual, achamos necessário nos reunirmos entre os encontros presenciais para avaliação do andamento do curso, procurar material, construir metodologias para os espaços de aprendizagem e definir responsáveis. Todos integrantes do curso eram convidados, porém as reuniões eram diurnas e geralmente apenas o grupo da UnB e o GEPEPI participavam.

Decidimos, na reunião pós primeiro encontro no Café Corbucci, atuar por rodízio de responsáveis na plataforma virtual, dessa forma a dupla que ficasse responsável na quinzena deveria fomentar a participação dos grupos no ambiente aprender e começar a apresentar o Diário de Bordo Coletivo do curso com as primeiras impressões dos educadores que já começavam a escrevê-lo.

Timidamente alguns educadores já enviavam suas poesias escritas no espaço do Re-encantamento e começavam a compartilhar quem eram, de onde viam e o que esperavam dos espaços no curso. Além da socialização, foi possível perceber a vontade de transformar suas escolas.

Se todos prezam por uma educação melhor...O que falta? Acredito que a pedagogia e a estrutura educacional da Escola da Ponte seja a quebra destes paradigmas (UnB, Ambiente Aprender. Diário de Bordo Coletivo, 2011).

Também estou muito feliz em ver tantas pessoas em busca de melhorar suas práticas, em ver tantos apaixonados pela educação, em ver a busca por mudança e conhecimento. Já disse é repito, eu acredito na educação (UnB, Ambiente Aprender. Diário de Bordo Coletivo, 2011).

2.3.2 Segunda Quinzena: presencial e virtual

O planejamento para o dia 18 de maio de 2011, a partir do combinado na semana presencial anterior e na reunião, ficou assim:

- Começar com alguma dinâmica corporal para exercitamos o corpo e mostrar como trabalhar o físico também é importante.
- Explicar e passar o papel para o grupo perguntando quem gostaria de apresentar/compartilhar algo que gostava de fazer com a turma no começo dos encontros presenciais.
- Leitura de um pedaço do Diário de Bordo com objetivo de fomentar a participação da turma nessa escrita e relembrar última reunião presencial.
- Relembrar as anotações do “Eu sei” e “Quero saber” do primeiro encontro presencial e depois três filmes sobre a Escola da Ponte.
- Momento de escuta interna: Deixar um minuto para cada um escrever o que mais chamou atenção do filme.
- Discussão livre em pequenos grupos e depois socializar no grupão.
- Fechar o encontro falando dos próximos passos no encontro virtual. Ver quem está com problemas para acessar a plataforma virtual.

O estudante de Pedagogia Thiago foi o convidado para fazer a atividade corporal com o grupo pela manhã e acabou nos falando um pouco do trabalho na Escola Moara e a pedagogia que ela segue. O Thiago, então professor de educação física na escola, falou sobre a Pedagogia Waldorf que é considerada uma educação voltada para ciência-espiritual que trabalha também o físico e cognitivo baseada em setênios – ciclos de 7 anos.

Foi um momento interessante e muito rico, pois muitas pessoas nunca tinham ouvido falar nessa pedagogia o que suscitou certa curiosidade de conhecer um pouco mais. Após o bate-papo rápido com o grupo pela manhã e apresentação da gravação do encontro reproduzido pela tarde, os grupos começaram a aprofundar sobre a Escola da Ponte.

Três curtas que duraram em média 20 minutos (Um dia na Escola da Ponte, Nobre Povo – Parte 1 e Nobre Povo – Parte 2) foram apresentados com os dispositivos da escola, o dia-a-dia a partir do olhar dos estudantes, um pouco da prática dos professores e o histórico do Projeto “Fazer a Ponte”. Descobrimos que a Ponte foi a primeira escolar a ter um contrato de autonomia assinado com o governo, aprendemos sobre o dispositivo “gostei” e “não gostei”, a

assembleia com voto apenas dos estudantes, descobriram também sobre as três fases trabalhadas na escola para que as crianças se tornem autônomas: iniciação, consolidação e aprofundamento. A *iniciação* é onde as crianças começam o processo para chegar à autonomia, ficam geralmente em um único espaço com uma maior intervenção dos professores “a saída deste nível verifica-se quando a criança revela competências de autoplanificação e avaliação, de pesquisa, e de trabalho em pequeno e grande grupo” (CANÁRIO; MATOS; TRINDADE, 2004, p. 66.).

A transição é o espaço, como o nome já diz, entre a saída da heteronomia para o começo da autonomia plena. As crianças ficam nessa etapa apenas o tempo necessário para conseguirem construir seu planejamento de aprendizagem.

No terceiro momento, aprofundamento, as crianças já conseguem se autorregular e possuem total liberdade para utilizar todos os espaços da escola, encontrando-se com seu tutor para avaliações do seu próprio planejamento.

Ficou claro a relação próxima entre as crianças e os tutores, carinhosamente chamados de “pais da escola” e a relação de colaboração entre as próprias crianças.



Figura 8 – 3º Encontro presencial do Curso de Extensão do Projeto Autonomia – Sala Papiros/Faculdade de Educação 1 – vespertino 18/05/2011.

Fonte: Da autora.

Com a anotação do momento mais interessante escolhido por cada pessoa, grupos foram formados para discussão. Ficou claro a curiosidade de todos em saber como era realmente o projeto da Ponte na prática, avaliação, currículo, alfabetização das crianças e o foco na formação do cidadão.

Já no momento de socialização do grupão as discussões retomaram um pouco não apenas as curiosidades e descobertas pelos vídeos, mas as relações daquelas práticas com a realidade que os educadores brasileiros passam na escola. Ressaltaram sobre o bem estar das crianças e os professores na escola da ponte. Nesse momento colegas que se agruparam com pessoas distintas puderam sanar dúvidas e levantar novas questões.

Como não houve tempo de acabar a discussão presencialmente ficou combinado de continuarmos a discussão no ambiente virtual, relacionando aquela vivência com a prática na escola por meio de algumas perguntas: O que faço ou já fiz que se parece com a Escola da Ponte? Como realizar práticas de acordo com nossas ideologias?

Vimos alunos explicando sobre como o aluno se organiza, mas, acho que o que interessa a nós professores é saber como é o processo do professor, como é o processo do gestor, como adaptar nossa realidade curricular? (UnB, Ambiente Aprender. Fórum Já Sei/Quero Saber da Ponte).

Achei muito interessante a forma como se organiza os núcleos da escola: iniciação, consolidação e aprofundamento. É tão importante que o tempo e os processos de aprendizagem das crianças sejam respeitados, e esse tipo de organização, permite que a criança se desenvolva sem pressões, sem cobranças que limitam seu desenvolvimento de forma plena. E em cada um desses núcleos existem crianças de diferentes idades, o que nos atenta para uma possibilidade de não padronizar o desenvolvimento infantil (UnB, Ambiente Aprender. Fórum Já sei/Quero Saber da Ponte).

Como fazer? Penso que o primeiro passo seja preparar uma cultura, entre os alunos e professor, de autonomia. Facilitar o caminho do aprender a fazer escolhas, ser responsável, solidário(que coisa difícil), construindo os quadros (com a participação verdadeira) do gostei /não gostei, grupos de responsabilidades, direitos e deveres (com fatos reais), dialogar e etc. O segundo passo é abrir oportunidades de escolhas de estudo e grupos de estudo com o currículo atual, selecionando os temas por semana, quinzena? avaliar quando o aluno se sentir pronto (já sei/preciso de ajuda/posso ensinar). Precisamos lembrar que os nossos alunos seriam as crianças da "Iniciação", com tudo para ser construído ainda, como aprender a aprender com autonomia. Será que dá para começar com o objetivo principal a formação do ser e irmos adequando conteúdos no meio do caminho? (UnB, Ambiente Aprender. Fórum Já sei/Quero Saber da Ponte).

Com os novas questionamentos o espaço virtual começava a atrair um pouco mais os conspiradores do curso, os comentários com as dúvidas remanescentes sobre a discussão presencial com ajuda do texto “Fazer a ponte” de José Pacheco - onde apresenta a função dos dispositivos na ponte, compreensão da gestão do tempo e função da escola - levantava ótimas

reflexões sobre a transformação da prática na escola.

2.3.3 Terceira Quinzena: presencial e virtual

A reunião de planejamento para 5ª semana do curso, terceira presencial, foi realizada entre o cantar de pássaros e flores. Rodeadas por tanta beleza a reunião poética desenvolveu um planejamento poético. O lúdico estava aflorado em todos e “fazer a ponte” para uma transformação na prática da escola nos fez buscar na música, no teatro, na imagem e na construção com tijolos formas de trazer essa reflexão ao grupo. Começávamos a diagnosticar as dificuldades de organização e pensar maneiras de melhorarmos.



Figura 9 – Reunião de planejamento do Curso de Extensão – gramado em frente a sala de recursos pedagógicos – Faculdade de Educação 5 – 26/05/2011.

Fonte: Da autora.

Planejamento para o dia 01 de junho de 2011:

- Começar com a música *A Ponte*, de Lenine e GOG (vide Anexo “C”).
- Leitura do texto do Ítalo Calvino, *Cidades Invisíveis*, e Da obra de Ana Maria Machado, *Abrindo Caminho*.

- Dinâmica dos tijolos – refletir a trajetória do grupo e as experiências pedagógicas individuais.
- Discussão sobre as questões surgidas.



Figura 10 – Reunião de planejamento do Curso de Extensão – Bruna , Thyanne, Amanda Mota e Fátima – Faculdade de Educação 5 – 26/05/2011.

Fonte: Da autora.

Surgiu na reunião os relatos da dificuldade de organização interna do grupo que estava planejando os encontros, como tinham muitas tarefas para realizar resolvemos dividir de acordo com o desejo do coletivo. Formamos comissões a partir da necessidade que se encontrava no momento:

- Comissão de registro (Amanda Lima e Thyanne): Registrar os encontros, organizar todo material de memória, fazer um portfólio da nossa trajetória e guardar o contato de todos.
- Comissão de acolhimento e acompanhamento dos participantes (Fátima): saber como as escolas estão se organizando e entrar em contato com os faltosos.
- Comissão de acompanhamento do ambiente Aprender (Rafinha e Cacá): abrir os fóruns, registrar as tarefas nas semanas, organizar os grupos, acrescentar materiais,

resolver problemas técnicos, tirar dúvidas sobre o *Moodle*.

- Comissão de sistematização e metodologia dos encontros presenciais (Amanda Mota e Tamine): registrar a metodologia dos encontros, viabilizar as dinâmicas e cuidar dos materiais necessários aos encontros.
- Comissão de comunicação (Alexandra e Simone): lembrar o pessoal das reuniões, fazer as informações e decisões circularem, fazer lista de e-mails dos participantes, fazer contato com Pacheco e escolas parceiras, cuidar do *e-mail* do Projeto³, conversar e chamar os parceiros, ser o elo aos novos interessados em participar.

O contato com o professor Pacheco era imensamente importante, pois foi uma das possibilidades discutidas durante a construção do PEAC e Curso de Extensão, a presença dele tanto no espaço virtual quanto no presencial enriqueceria as discussões e tiraria dúvidas em relação aos conhecimentos sobre a Ponte e demais projetos inovadores. A professora Alexandra ficou responsável de entrar em contato com o Pacheco e articular verba com a FE e o IBRAM por meio da Vanusa, representante do instituto no Projeto Autonomia. Posteriormente no dia 19/06/2011 a Vanusa enviou ao grupo um e-mail do próprio Zé avisando que seria impossível colaborar presencial com o coletivo de Brasília no primeiro semestre, pois como não obteve retorno do IBRAM nem da Secretaria de Educação acabou marcando compromisso com outros grupos, mas deixou claro que estava contente pelo grupo ter se unido e começado as discussões, nos deixou um abraço fraterno e um até breve.

No terceiro encontro, partimos para uma discussão a partir da prática. Inicialmente discutimos acerca do contexto lúdico e subjetivo de inspiração inicial “as pontes” e “caminhos” para a educação que o coletivo estava disposto a construir, como mostrarei em fotos e trechos do Diário de Bordo Coletivo do Curso:

³ Disponível em: <autonomiaprojeto@gmail.com>.



Figura 11 – 3º encontro presencial do Curso de Extensão do Projeto Autonomia – Sala Papiros/Faculdade de Educação 1 – matutino 01/06/2011.

Fonte: Da autora.

A ponte é o acesso ao outro lado, a uma outra forma de se estar no mundo. Atravessá-la significa a consciência de a que norte ou a que sul se pretende chegar. A música “Águas de março”, a que o livro faz menção, poetiza sobre uma obra na casa de Tom Jobim. É possível ter lirismo na frieza do concreto, do ferro e do cimento. A palavra obra se encaixa em diversos contextos: construção civil, música, artes plásticas, literatura etc. Poderemos transitar entre sonho e obra? Que ponte precisamos criar para tornar possível essa jornada? (UnB, Ambiente Aprender. *Diário de Bordo Coletivo*, 2011).

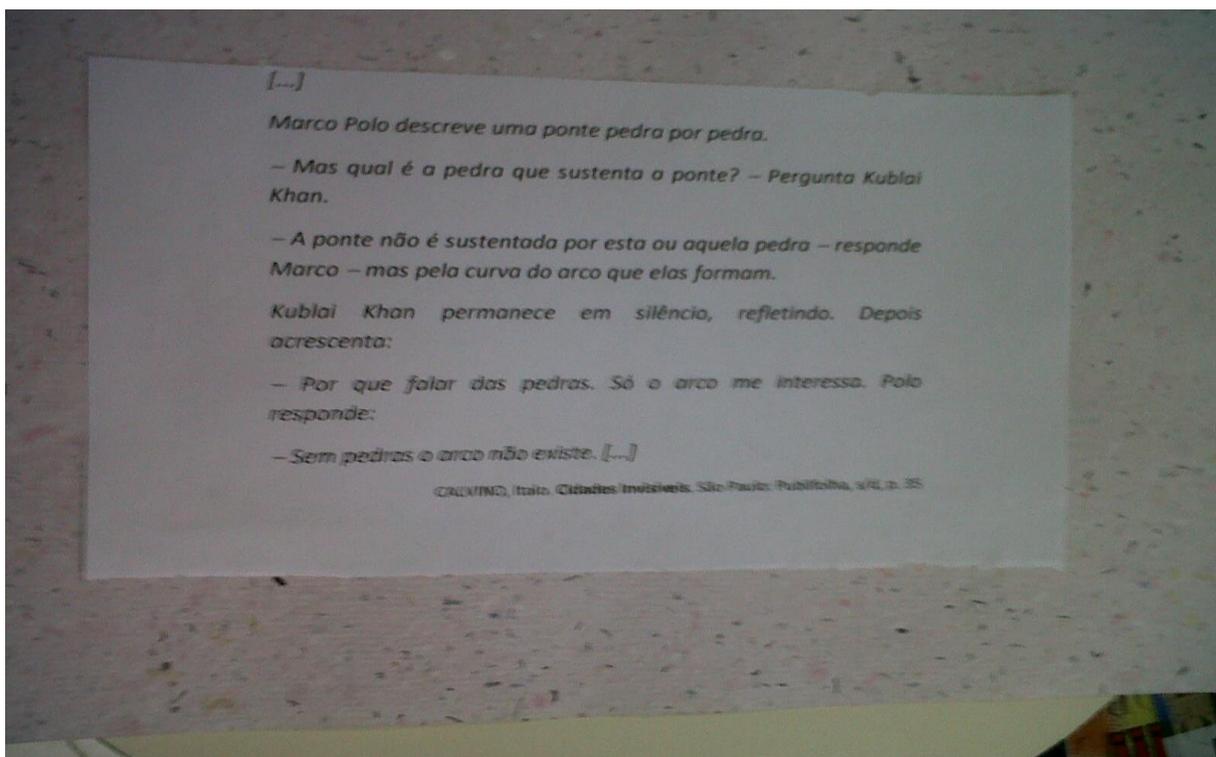


Figura 12 – 3º encontro presencial do Curso de Extensão do Projeto Autonomia – Sala Papiros/Faculdade de Educação 1 – vespertino 01/06/2011.

Fonte: Da autora.

[...] aquilo que nos suporta, pode também ser o que nos aprisiona. É muito difícil termos consciência de quando a base já não suporta a estrutura da obra. Mesmo a nossa cidade, seja ela Brasília ou Veneza, não resistem às mudanças do tempo. Já não são, exatamente, as mesmas. E ambas tem pontes e possibilidades (UnB, Ambiente Aprender. Diário de Bordo Coletivo, 2011).

A partir de questionamentos como: que pedra eu quero construir? Que dispositivo? Que mudança? Montamos grupos de discussão com pessoas que tivessem questões semelhantes ou próximas.

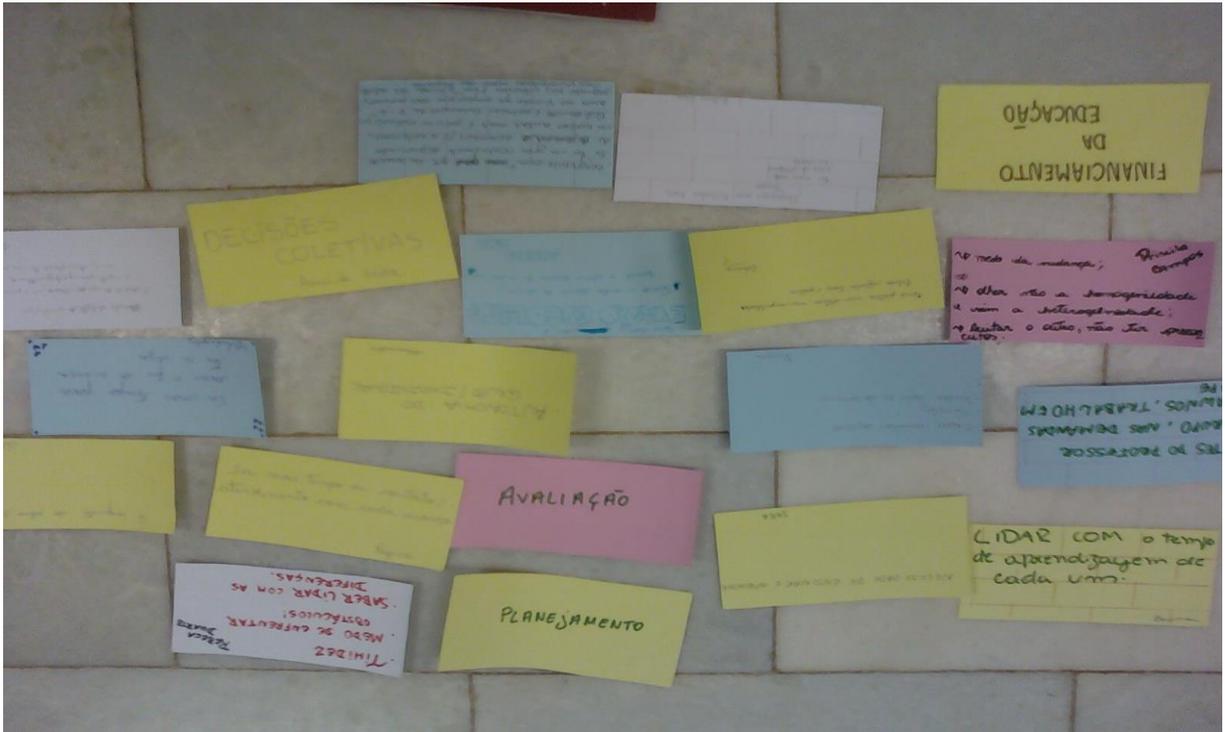


Figura 13 – 3º Encontro presencial do Curso de Extensão do Projeto Autonomia – Sala Papiros/Faculdade de Educação 1 – vespertino 01/06/2011.

Fonte: Da autora.



Figura 14 – 3º Encontro presencial do Curso de Extensão do Projeto Autonomia – Sala Papiros/Faculdade de Educação 1 – Vespertino.

Fonte: Da autora.



Figura 15 – 3º Encontro presencial do Curso de Extensão do Projeto Autonomia – Sala Papiros/Faculdade de Educação 1 – vespertino 01/06/2011.

Fonte: Da autora.

No grupo temático continuamos com a questão: qual minha necessidade de mudança na minha prática pedagógica atualmente? A discussão ficou mais aprofundada e neste dia não tivemos nem tempo de terminar. Nos encontros que se seguiram, estas discussões a partir da prática nos prosseguiram e alguns grupos pesquisaram ou desenvolveram reflexões na plataforma virtual sobre seus temas a partir de combinados.



Figura 16 – 3º Encontro presencial do Curso de Extensão do Projeto Autonomia – Sala Papiros/Faculdade de Educação 1 – matutino 01/06/2011.

Fonte: Da autora.

Combinado do Grupo Matutino: O que eu poderia realizar? Alguma atividade prática que gostaria de fazer? Que princípios sustentam essa prática? Cada grupo pesquisar os materiais sobre seu tema. Fazer o relato no encontro presencial seguinte.

Combinado do Grupo Vespertino: Explicar o que uniu o grupo, continuar a discussão iniciada na semana presencial.

O encontro foi um dos mais ricos do semestre, houve aprofundamento dos temas, surgiram às questões da escola, como o problema levantado sobre a má utilização do banheiro pelas crianças da EC 209 Sul e a sugestão, pela primeira vez, de assembleias com as crianças.

2.3.4 Quarta Quinzena: presencial e virtual

Percebemos que as ótimas discussões presenciais não seguiam para o ambiente virtual, o que dificultava inclusive a construção e aprofundamento dos subgrupos, estávamos divididos entre persistir com os temas dos subgrupos ou voltar às dificuldades cotidianas das escolas aliadas as práticas inovadoras brasileiras. A única certeza que tínhamos é que os grupos, matutino e vespertino, caminhavam cada um de uma forma e por um caminho.

O grupo da manhã havia apostado mais uma vez na tentativa de construção do planejamento coletivo com os educadores, porém fica inviável a contribuição dos mesmos por causa dos horários das reuniões, geralmente no diurno.

Começávamos a refletir se o virtual estava suprindo as nossas necessidades, visto que nem o grupo da UnB, que tinha mais experiência com o ambiente, não estava muito ativo naquele espaço, cada pessoa ficou responsável por convidar os outros colegas do subgrupo para discutirem na plataforma Aprender, o que não deu muito certo.

Após ponderações ficou claro que deveríamos caminhar a partir dos desejos de pesquisa do subgrupo, pois acabaríamos também pesquisando sobre intervenções das escolas inspiradoras e que aquela vivência fazia parte dos dispositivos que discutíamos.

Contudo era necessária que os assuntos fossem esmiuçados, dialogados, registrados e convertidos em projetos e ações nos contextos educacionais de cada um, por meio do aprofundamento da escuta e discussão dos grupos.

Ao final da reunião o Planejamento construído para o dia 15 de junho de 2011 foi:

- Dinâmica corporal desenvolvida por mim (Rafinha) e a Cacá;
- Visita à plataforma, para todo mundo reconhecer os espaços e registros realizados. Além de levantar quais as dificuldades encontradas;
- Reencontro aos temas levantados no último encontro: Manhã - definir como se dividirá os temas, quem ficará com quais temas. Tarde - retomar os grupos já formados;
- Nos grupos: discussão sobre os temas levantados e a planificação. O que sei/O que quer saber/O que sinto/O que quero fazer;
- Encaminhamentos para o encontro virtual e presencial seguinte. Tarefa para o virtual: disponibilizar a planificação na plataforma, ir atrás de materiais interessantes sobre seu tema e disponibilizar. Tarefa para o próximo encontro presencial: apresentar o que o grupo fez até o momento.

As atividades ocorreram normalmente, porém não se fazia presente todas as pessoas das semanas iniciais ao trabalho no curso. Foi essencial uma volta a plataforma virtual para o grupo observar os registros e memória do que já havia acontecido desde o começo do curso, também houve uma rediscussão do grupo sobre o temas nos subgrupos e encaminhamentos de pesquisa.

2.3.5 Quinta Quinzena: presencial e virtual

Na reunião de planejamento do dia 22 de junho de 2011, o grupo apresentou uma avaliação dos encontros vividos: angústias em não conseguir participar de todos os momentos – manhã, tarde, virtual e reuniões de planejamento –, o impacto da troca da coordenação em algumas escolas x participação no curso e a falta de identidade pela grande rotatividade de pessoas no turno da manhã.

Também já refletíamos nos encaminhamentos para serem discutidos com as escolas pensando no semestre posterior, a possibilidade de utilizarmos o horário da tarde com as crianças e propor reuniões nas escolas com planejamentos coletivos, vinculados à prática tanto do professor como do estagiário. O espaço virtual se tornaria mais um lugar de apoio e complemento que lócus de acontecimento do curso em si, pois o grupo não tinha facilidade com o tipo de linguagem.

Nos últimos encontros fizemos uma avaliação coletiva do processo. Houve leitura do texto da Madalena Freire “Aspectos pedagógicos do construtivismo pós-piagetiano” e a grata surpresa feita pela professora Elisângela, que nos brindou com o texto de Marina Colasanti “A moça Tecelã”.

Durante a discussão de avaliação o coletivo da manhã e da tarde considerou que o curso foi um momento inicial muito importante de integração do grupo e primeiras visitas nas escolas inspirados, para então, a partir do contexto em que se encontravam pensar em processos de transformação. Entenderam que o desenvolvimento coletivo é algo que leva um tempo para ser construído e levantaram a importância de que os estagiários, professores da universidade e os professores de Ensino Fundamental construíssem, no segundo módulo do curso, todo o planejamento dos encontros, estudos e ações de maneira coletiva, com a participação de todos os atores do processo.

Falou-se sobre a necessidade de organizar mais leituras, que acabaram pouco ocorrendo e de estudar outras experiências, em especial as brasileiras, além da Escola da Ponte. A EC 209 Sul colocou sua demanda de ações práticas na escola, convidando os professores da UnB e estagiários para estarem lá presentes e se colocando à disposição como local de experimentação e ação prática do projeto.

A diretora da 209s, Luciana, contou-nos que, em uma reunião com a equipe da escola, o grupo reafirmou o desejo de promover a autonomia das crianças. Luciana falou do desejo de contar com o apoio de todos nós para essa empreitada (MOTA, A. *Registro do encontro dia 29/06*: [mensagem pessoal] Mensagem recebida por rafinhasc@gmail.co em 04/07/2011).

Não haveria mais dois turnos do projeto, tudo aconteceria em um turno só, unificadamente.

Ao final do semestre conseguimos alcançar o objetivo de estudo dos princípios norteadores, história e construção de experiências pedagógicas inovadoras ao mesmo tempo em que discutíamos sobre os avanços e desafios na construção de modos de construção de práticas pedagógicas inovadoras em sala de aula pelos educadores participantes.

Durante as semanas houve troca de experiências entre educadores das escolas participantes e outros atores da educação, a promoção da autonomia se deu em vários espaços e momentos do curso, quando, por exemplo, a Elisangela levou uma história a ser contada na roda.

As avaliações das últimas semanas foram essenciais para um ajuste na estrutura do projeto e fortalecimento de alianças para o semestre seguinte.

2.4 2ª. Carta ao Emílio

Emílio querido!

Claro que mandarei alguns livros para você. Mando agora ou quando você chegar de viagem?! No seu e-book eles não estão abrindo?! Ou você está igual a sua Tata, gosta de ler apenas o livro com folhas em mãos.

Tenho acalmado o coração de seus pais, assim como você, eles também já mudaram a vida em 180°. Quero ver as primeiras cenas do documentário antes de serem editadas, hein?

Respondendo suas perguntas, continuemos a falar do Projeto Autonomia.

Os professores da Educação haviam se unido ao grupo da Psicologia de forma institucional, com essa união o Projeto Autonomia já gerava outro grande avanço em termos de “colaboração na universidade” – naquela época – pois três departamentos de cursos diferentes estavam construindo um projeto Interdepartamental. Com a institucionalização e de certa forma “passagem do comando” para o grupo da Universidade o projeto conseguiu mais força política e financeira, mas perdeu apoio social, com a saída dos pais que não podiam participar dos encontros diurnos. Também foi possível certificar o curso e garantir uns pontos aos professores da rede pública e das associações, que fossem participar.

As tarefas para o início do curso foram ao mesmo tempo trabalhosas e divertidas, querido! Convidávamos os professores da rede pública que haviam se interessado pela proposta para fazer a inscrição no ambiente virtual, que estávamos montando. Emílio, naquela época as redes sociais e a educação formal não andavam tão unidas como hoje... Na verdade, posteriormente no projeto, utilizamos o falido facebook em nossa organização, entretanto inicialmente fizemos uma página do Projeto/Curso no ambiente virtual da Universidade de Brasília, pois

o curso ocorreria de forma semipresencial, com suporte do Ambiente Aprender – plataforma moodle - durante todas as semanas.

Reuníamos-nos toda semana as quartas, um grupo pela manhã e um grupo pela tarde, com um público bastante diversificado. Havia educadores da Vivendo e Aprendendo, Casa dos Pássaros - Ah! Querido, ainda não te falei sobre a Casa dos Pássaros, não é mesmo? Era uma nova associação que surgiu com um grupo de ex-pais da Vivendo e Aprendendo, porém enquanto um grupo foi tentar mudar a escola pública, eles viram que não esperariam a implementação completa do projeto para oferecer a educação que acreditavam aos seus filhos, então organizaram uma associação, mas voltemos ao curso - Havia também, professores universitários, estudantes universitários de psicologia e pedagogia, estudantes da pós-graduação, entusiastas e o Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação e Práticas Inovadoras, das suas Tataratias loucas. Talvez tenha esquecido alguns, mas pelo que me recordo nessa mente cansada, eram esses os grupos.

Esses encontros eram momentos muito ricos! Com não ser com um grupo tão diversificado, não é?! Conseguíamos discutir e desconstruir muita coisa, as certezas foram desfeitas, questionamentos e reflexões eram a chave de ótimos bate-papos entre nós. Recordo de várias discussões maravilhosas que me fizeram repensar a educação. Por exemplo, como no dia que assistimos aos vídeos da Escola da Ponte, no qual professores e crianças da Ponte falaram de como em um contexto adequado todos conseguem exercer a cidadania e a solidariedade.

Tínhamos certeza que a educação escolar estava ultrapassada de acordo com modelo de sociedade da época, com rápido acesso a informações, conhecimentos construídos colaborativamente, ou seja, uma sociedade dinâmica. Porém a pergunta que fazíamos era: como mudar a escola, a partir dessas certezas, na prática?

Lemos textos sobre a Ponte, dispositivos e organização, também discutíamos muito nas rodas e ouvíamos o grupo da Casa dos Pássaros e Vivendo e Aprendendo, os primeiros já utilizavam práticas autônomas, democráticas e solidárias na escola: os mapas dos saberes, grupos de responsabilidade, eu sei e quero saber, autoavaliação e organização da semana. A Vivendo nos mostrava sobre a importância da docência compartilhada, da escuta e respeito às crianças e da importância da família na escola.

A barreira inicial imposta pelas nossas referências históricas de sala de aula e relação professor-estudante eram derrubadas ao pouco, mas questionávamos as ações das professoras da rede pública, afinal “(...) a educação se re-faz constantemente na práxis. Para ser tem que estar sendo. Sua duração como processo está no jogo dos contrários permanência-mudança” (FREIRE, 1987, p. 73). Em certo momento, com as observações das estagiárias, fomentamos o começo de implementação de pequenos dispositivos na sala.

Pelo que me recordo, querido Emílio, o curso foi um momento muito agregador e fortaleceu laços entre os grupos. O coletivo da UnB me ensinou muito naquela época, encontrávamos diariamente para repensar o espaço, sem hierarquia de conhecimento, de idade, de tempo na área... Não interessava que fossem graduandos, mestres, doutores, todos ali exercitavam a escuta e tinham a liberdade de palavra... Todos aprendendo com todos, éramos convidados a repensar a prática e pensar como melhorar o curso.

Foram ótimos momentos, mas virtualmente não conseguíamos nos engajar na participação, de certa forma isso afastou o grupo do curso, pois parecia que só nos encontrávamos de quinze e quinze dias. Não podemos esquecer, querido Emílio, que os professores naquela época não eram acostumados a trabalhar coletivamente, tinham a sua turma, seus trabalhos, suas coisas para fazer. O modelo proposto no curso também era inovador “eu decidir o que quero estudar?” muitos estavam acostumados com apenas o material pronto, alguém falando e depois uma avaliação, exatamente como a maioria fazia em sua sala de aula. Por isso digo que as pequenas atitudes, como a construção do diário de bordo coletivo do projeto, e o fato de levarem material para compartilhar na roda, eram considerados grandes avanços por todos nós.

Não lembro muito bem como o curso acabou, mas acredito que uma das

escolas... 209 Sul, se não me engano, pediu uma intervenção do Projeto dentro da escola.

Irei procurar sobre isso e depois te informo, tudo bem?!

Quando possível, também me ligue, Emílio! Sinto saudades de sua voz... Seu irmão me visitou ontem, disse que você está sumido da vida dele. Olha Olha, hein!

Aguardo notícias,

Beijos da sua Tata...

Rafa

CAPÍTULO 3 – PRIMEIROS PASSOS

3.1 Curso de Extensão: Projeto Autonomia – Módulo II: Práxis na Escola

Após as férias de julho de 2011, o grupo do Projeto Autonomia retomou suas atividades reafirmando parcerias e trazendo novas pessoas. A Escola Classe 209 Sul – EC 209 Sul abria as portas para uma práxis mais próxima, a Casa dos Pássaros e a Associação Pró Educação Vivendo e Aprendendo continuavam dialogando com a proposta de transformação.

Temos muito a aprender e muito a contribuir para que todos possamos estar mais vivos na escola e as crianças iluminadas de curiosidade, alegria e conhecimento... e de poesia, e de descobertas, e... (RODRIGUES, A. *Projeto Autonomia 2º Semestre*. [mensagem pessoal] Mensagem recebida por rafinhasc@gmail.com em: 14/08/2011).

Chegava o momento de conspiradores se reencontrarem, já com a feliz notícia que o José Pacheco estaria com o grupo no final de novembro. O curso recomençaria reformulado a partir da avaliação do último semestres e novas ideias de intervenção no cotidiano da escola, tudo em parceria com todos os envolvidos no Projeto Autonomia.

Todos os professores da Universidade continuaram na parceria, infelizmente os horários não possibilitavam a participação presencial do Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação e Práticas Inovadoras – GEPEPI e surgiram novas estagiárias da Psicologia, além da Amanda Lima, dois novos estudantes de Matemática, Marcos, Tamine, estudante de pedagogia e o Thiago, um entusiasta do Projeto desde a 2ª visita do Pacheco.

3.2 Vamos pensar nossos passos?

O primeiro encontro do segundo semestre teve como meta a socialização do grupo da Universidade de Brasília – UnB, mas gerou valiosos encaminhamentos, como os do dia 24 de agosto de 2011.

Nesta reunião foi sinalizada a necessidade de ocupar outros espaços, de preencher as brechas da escola em busca de uma coesão grupal. A dinâmica de funcionamento da Secretaria da Educação – de remanejamento de professores ao final de cada ano – atrapalhava a consolidação de um projeto com aspirações como o do Projeto Autonomia, que exige

compromisso e paciência. Contudo, todos estavam esperançosos, pois tinham quatro meses pela frente e, com eles, muitas possibilidades. Ao final da reunião havia muitas propostas para o semestre:

- Reuniões semanais, alternadas entre UnB e polos distintos (EC 209 Sul, Casa dos Pássaros e Vivendo e Aprendendo);
- Observações em sala de aula a serem problematizadas em reuniões com objetivo de criar um diálogo e parceria entre estagiários e professores;
- Oficinas com as crianças no vespertino, contraturno da aula;
- Estagiários fazendo o dever de casa com crianças de diferentes idades, inspirados no que acontece na Escola da Ponte.

Além das crianças apareciam novos atores para o diálogo: os monitores, junto com eles algumas sugestões de organização a partir das observações das estagiárias do semestre anterior.

Os monitores são estudantes de graduação de diversas faculdades do Distrito Federal – DF que ganhavam bolsa pelo Governo do Distrito Federal – GDF para intervenção educativa e apoio na escola. Segundo as observações os monitores eram responsáveis por turmas no contraturno, ou seja, cada um fica com uma respectiva turma de acordo com a seriação do período regular. O Projeto dialogaria com a sugestão de no lugar de ficarem responsáveis por uma turma, os monitores ficariam responsáveis por uma atividade, dessa forma respeitariam o interesse das crianças e promoveriam o encontro de idades e séries diversas, contribuiria também para minimizar o problema da falta de monitores na escola.

Surgiam também reflexões sobre o entendimento do relaxar e descontrair das crianças, será que “obriga-las” a dormir após o almoço era a melhor opção? Como era a relação dos monitores e os professores do turno regular, havia diálogo entre esses atores interventivos na vida dos educandos? Muitas questões estavam sendo jogadas na roda para a conversa com o grupão do Projeto Autonomia na EC 209 Sul, no dia 14 de setembro de 2011.

A reunião do dia 14 teve que ser transferida para UnB, pois havia surgido um novo compromisso na EC 209 Sul, o que impossibilitou a presença do coletivo e a reunião naquele espaço.

Foi reiterada a necessidade da presença tanto dos estagiários quanto dos professores da universidade na escola, falou-se também sobre o alcance de uma construção coletiva, já que, no semestre passado, criou-se uma errada impressão de que há “uns que fazem e uns que

assistem” visto que as reuniões eram planejadas, exclusivamente, pelo grupo da UnB, mesmo este convidando mais de uma vez para o espaço todos os matriculados. Outro sentimento que surgia como resquício do semestre anterior era que o Projeto tinha invadido a escola para observação, que em contrapartida não tinham devolvido nada já que não houve muito empenho para transformação cotidiana na escola.

Com essas observações algumas pessoas falaram de seus receios nesse recomeço, receio de que se prestassem ao papel de auxiliares de práticas tradicionais ou receio de criarem responsabilidades que não condiziam com as suas funções. Outro temor apresentado no encontro era das representações criadas no curso do 1º módulo que passava a imagem construída da UnB e dos integrantes dessa instituição como os detentores do “saber e o de como fazer”, que não era o que tentamos passar. Pontos que faziam diferença no momento de construir relações.

Como o grupo era repleto de novos conspiradores a maioria sentia uma falta da ideia inicial do Projeto: repensar o atual modelo de escola pública do DF, a partir de experiências educativas libertárias.

Para o começo na escola foi destaque a importância de estabelecer relação próxima com os pais. Uma das estagiárias do semestre anterior lembrou-se de uma grande conquista de percepção na escola, o desejo das professoras de realizar uma assembleia na escola, que já era relatado pela Casa dos Pássaros. Sobre os membros dessa nova associação, se colocaram a disposição para essa troca com a EC 209 Sul, sinalizando a importância do contato com outras experiências para oxigenar o processo que estavam vivendo.

Foram lembrados dois espaços para intervenção:

- A biblioteca que estava em processo de formação. Por que não fazer uma assembleia para ser discutido nome, decoração do espaço, regras de funcionamento etc.?
- E o período da tarde, em parceria com os monitores.

Em relação aos meios virtuais, combinaram que utilizariam o ambiente Aprender para comunicação do curso, contudo mais uma vez o grupo percebeu que a comunicação no espaço virtual não atendia as expectativas e resolveram usar um novo grupo de e-mail. Diferente do 1º grupo de e-mail⁴) este novo grupo⁵) foi específico para articulações, construções e informes do dia-a-dia do projeto, então o “membros” foram as pessoas que ainda participavam

⁴ Disponível em: <proj_autonomia@googlegroups.com>.

⁵ Disponível em: <projeto-autonomia-22011@googlegroups.com>.

ativamente.

3.3 Reviver

Na mesma semana o grupo da UnB, Casa dos Pássaros e EC 209 Sul conseguiram se encontrar na escola pública.

O dia em que a equipe da UnB se reuniu com profissionais na escola em um lindo gramado ao lado da escola. A nossa reunião foi concluída com deliciosos morangos, chantilly, bolo, sucos e diversas outras maravilhas (GOUVEA, S. Relatório Final do estágio de Licenciatura. IP, 2011).

Nessa agradável reunião o grupo relembrou o que os motivava a desenvolver o projeto, a paixão pela educação, o desejo de transformação, da vontade de tornar a escola um espaço agradável e feliz para professores e alunos. Por outro lado também observaram alguns problemas nas relações, pelo fato das crianças não poderem compartilhar do delicioso piquenique e ficarem pedindo para participar pelas grades da escola.

Na reunião todos também deixaram claro que a proposta era desafiadora e como os avanços na educação tem um tempo mais demorado. Aquele momento foi um espaço de socialização de experiências, de compartilhamento e angústias.

Muitos desafios e questionamentos eram levantados para discussão segundo relatórios das reuniões: como conciliar a lentidão dos processos de transformação, veja-se o exemplo da Escola da Ponte, com o desejo e a necessidade imediata de transformação? Como estruturar o projeto de forma que independa das pessoas que atualmente estão nele? Como consolidar uma experiência, institucionalizá-la, superando tendências vaidosas e personalistas?

Algumas professoras fizeram uma breve avaliação do processo no I módulo do curso:

As professoras imaginaram que seriam abordadas questões de teor mais prático sobre o universo escolar, sentiram falta de um retorno das atividades realizadas pelas estagiárias (UnB, Ambiente Aprender. Fórum Encontros do Segundo Semestre, 2011).

O educador Pablo Martins da Casa dos Pássaros contribui ao apresentar a gestão do aprendizado na associação, no lugar de chamada existia a “foto-presença”; as assembleias aconteciam todas as sextas-feiras - presidida, organizadas e registradas pelas crianças. Os projetos individuais e coletivos aconteciam a todo favor e os cadernos de responsabilidades e mapa do saber estavam sendo bem utilizados. Por outro lado os educadores também tinham

suas angústias, as próprias crianças ao conversarem com amigos que estudam em escolas tradicionais levavam suas questões para a escola.

Como um dos frutos positivos do Projeto a diretora da EC 209 Sul, Luciana, contou que realizaram duas assembleias na escola, nelas os meninos decidiram que queriam ser chamados para ingressar na escola por série e não por ordem de chegada. E assim começaram a fazer.

Depois o grupo retomou a discussão que haviam surgido nos primeiros encontros do módulo. No fim da reunião foi combinado que a reunião seguinte seria na UnB e posteriormente voltariam para EC 209 Sul com compartilhamento das experiências vividas pelos estagiários nesse tempo e estudo de texto.

3.4 Intervenções na Escola Classe 209 Sul

Apesar das dificuldades o grupo avança em direção à autonomia e felicidade dos educandos na escola por meio de diversas atividades:

3.4.1 Observações na sala

Amanda Lima iniciou sua parceria tão importante para o projeto com a professora Silvia, usam o dispositivo “gostei” e “não gostei”, utilizavam cordéis, os combinados eram construídos seriamente e as assembleias já estavam ocorrendo. O sentimento de responsabilidade pela sala de aula se tornou parte das crianças, que arrumar este espaço se tornou parte de suas atividades do cotidiano. Já Graziela avançava com sua turma ao pensar como desenvolver oficinas no sentido de pensarem em direitos, deveres, formas de organização e reivindicações.

Camila Maia promoveu desenvolvimento não apenas nas salas que entreviu, mas também em si própria. Do receio inicial de diálogo com as professoras percebeu, da parceria sincera entre Amanda Lima e as professoras Silvia e Elisângela, que precisava apenas delicadeza e respeito para propor coisas novas.

Na turma que colaborava com a professora Wânia introduziu o “gostei” e “não gostei”, assembleias para discutir dificuldades do dia a dia e se admirou ao vê-la permitir a organização dos campeonatos que as crianças tanto queriam. Apesar do começo delicado com a professora da 4ª série, que estava chegando na escola, abriu espaços para escolha das

crianças sobre temas a serem pesquisados e promoveu mudanças da turma enquanto grupo. Gerou inclusive vontade da professora em continuar no Projeto, caso continuasse na escola.

3.4.2 Caixa de brinquedos

No turno da tarde, como retorno das reflexões sobre a importância do brincar e sensibilização frente às discretas intervenções dos estagiários, surgiu um caixa de brinquedos que fica disponível a todos.

Os estagiários Marcos, Paula, Lorena e Camila, escutavam as crianças e as questionavam sobre o que e o porquê das atividades que realizavam ou falta de cuidado com os brinquedos e outros colegas, também procuravam desenvolver jogos que envolviam questões motoras como pular corda, brincadeiras de rodas e futebol.

Marcos também intervia por meio de jogos matemáticos, inclusive desenvolveu um sobre viagem espacial especialmente para brincar com todos na escola.

3.4.3 Oficinas de Matemática

Marcos realizou oficinas de matemática com os professores e as crianças, refletindo em todos os momentos que a matemática é um jeito de compreender, explicar o mundo através do conceito cultural, cada pessoa a partir do seu mundo utiliza a matemática que vai além de repetições mecanizadas.

3.4.4 Reuniões pedagógicas com os professores

Inicialmente as reuniões seriam apenas nas escolas participantes do projeto, posteriormente para reuniões de organização interna da mesma preferiu se intercalar os encontros na EC 209 Sul com e na UnB, com presença dos educadores das três escolas participantes do Projeto. Os debates eram apaixonados e cheios de vida, ficava claro que na roda não havia hierarquia todos ensinavam e aprendiam.

Todas essas experiências na escola perderiam muito de sua riqueza se não fossem os momentos de reflexão conjunta entre alunos e professores (tanto da UnB quanto da EC 209 Sul). Cada proposta de oficina a ser realizada com as professoras da escola foi uma oportunidade de aprendizado para mim. Além disso, nossas discussões, que envolviam angústias, esperanças, propostas, conquistas, fizeram me sentir parte de

algo muito maior, da tentativa utópica e real de uma mudança na educação no Distrito Federal (LIMA, C. Relatório Final de estágio de Licenciatura, IP, 2011).

Desde o começo houve a proposta da Oficina de Significado mediada pela professora Simone Gonçalves de Lima “provocando-os a pensar acerca da construção de significado e sentido no cotidiano escolar, em especial com relação aos processos de leitura e escrita”⁶ no final de outubro e outra em novembro pela professora Maria Alexandra Militão Rodrigues, “Oficina de humanização de frutas e legumes, por meio da qual se procurou vivenciar o brincar e sensibilizar para uma cultura do lúdico e para a formação do brincante”⁷. Ambas oficinas abririam espaço para os educadores proporem novas atividades ou temas a partir de suas demandas.

3.4.5 Monitores

Abriu-se diálogo com os monitores, os integrantes do Projeto Autonomia participavam, sempre que possível, das reuniões da coordenação com eles, a relação dos estagiários com as crianças os sensibilizaram e por isso mudaram suas práticas com as mesmas. Também houve novas possibilidades de atividade no horário da “soneca obrigatória”, as crianças puderam ler revistas, escutar música, ouvir uma história ou jogar no tabuleiro.

Pablo Martins, educador da Casa dos Pássaros, iniciou um trabalho de reflexão e planejamento pedagógico para construção das oficinas que os monitores realizavam com as crianças dos projetos “se vou fazer uma oficina de dança, onde quero chegar com isso? O que entendo por dança? O que as crianças entendem por dança? Que recursos temos? Que trabalhos me servem de referência mas não de receitas?”⁸.

As conquistas conseguidas também se faziam no âmbito da direção, que ajudou as estagias a fazer um levantamento na 4ª série do que os estudantes queriam estudar nas pesquisas e de ter comprado brinquedos e montado uma caixa a ser disponibilizada para as crianças da escola.

⁶ Cf. RODRIGUES, A. *Artigo e Relatório*. Disponível em: <projeto-autonomia-22011@googlegroups.com>. Acesso em: 14 fev. 2012.

⁷ *Ibidem.*

⁸ *Idem.*

3.5 Semana de Extensão da Universidade de Brasília 2011

As bolsistas, Tamine e Amanda Lima, apresentaram de forma emocionante o Projeto Autonomia à Universidade com um lindo pôster e uma fala na mesa redonda dos Projetos de Extensão e Ação Contínua – PEACs, um espaço propício à articulação e divulgação de vários projetos dentro da UnB. Foi nesses espaços que tomamos consciência que muitas pessoas já tinham ouvido falar no “tal projeto relacionado à Escola da Ponte”.

3.6 Projeto 3 e 4

Os projetos 3 e 4 seguiam inspirando vários estudantes de pedagogia a transformarem o modelo imposto de educação, surgia uma maior aproximação com a extensão pela roda de conversa com os estagiários que atuavam na EC 209 Sul e posteriormente com possibilidade de oficinas mediadas pelas estudantes Jéssica Vasconcelos e Daniele Prandi.

3.7 Presença do educador José Pacheco, ex-diretor da Escola da Ponte

A presença do Zé Pacheco já estava confirmada desde o começo do semestre, assim o grupo foi se organizando para pensar que atividades poderiam desenvolver para os diversos grupos envolvidos no projeto, educadores das escolas parceiras, estudantes dos projetos 3 e 4, estágios e não podiam deixar de propor um evento público a comunidade em geral (vide Anexo “D”).

Após algumas reuniões com a professora Maria Alexandra Militão Rodrigues, a direção da Faculdade de Educação, pela diretora Carmenísia Jacobina Aires, prontificou-se a financiar a vinda do idealizador da Ponte e parceiro do Projeto.

Os membros do Projeto se articularam para que houvesse espaços e momentos do professor com todos. Inclusive houve dificuldades em conseguir hospedagem, ambientes para os encontros ou falta de verba para pagar como contrapartida em um dos espaços, mas a união – e uma vaquinha – resolveram tudo (vide Anexo “E”).

Na reunião com as escolas, na EC 209 Sul, o professor participou do integral, almoçou com as crianças e reafirmou, junto com algumas professoras, a parceria com o Projeto Autonomia. A roda de conversa do dia 24 de novembro de 2011 reuniu mais de cento e trinta pessoas instigadas a discutir educação e práticas inovadoras na escola. A grande maioria dos

presentes eram estudantes da Universidade que possuem, assim como o Zé da Ponte, o coração revolucionário. O GEPEPI, pais e educadores das escolas parceiras também marcaram presença, além de outros interessados sobre o tema.

Na realização da Roda de Conversa o grupo do Autonomia fez uma parceria com o projeto de TV Comunitária da UnB para gravarem o evento marcante na Universidade. Também articularam uma entrevista do professor ao Centro de Educação à Distância – CEAD da mesma universidade.



Figura 17 - Roda de Conversa com professor José Pacheco – Centro de Excelência em Turismo/UnB – 24/11/2011

Fonte: Tadeu Maia

3.8 E agora, José?

Após a passagem do Pacheco por Brasília começaram a surgir ideias e planos:

- construção de um Plano de trabalho: Princípios norteadores, Objetivo etc.; e
- parceria com novas escolas que tivessem a mesma linha de pensamento;

O educador, antes de pegar o avião, reuniu-se com alguns integrantes do grupo sobre um possível acompanhamento mais presente. Para que isso ocorresse era necessário um contrato de trabalho formal com o GDF, envolvendo-os diretamente na construção política da ação. Junto com o GDF e a UnB, o Projeto precisaria de duas ou três escolas com três salas de aulas, apoio da coordenação e direção para que as mudanças pudessem acontecer, pois segundo o educador no coletivo é possível mudanças.

Houve uma discussão inicial sobre a busca por novas escolas, mas o coletivo percebeu que a EC 209 Sul, juntamente com a associação Casa dos Pássaros, se faziam perfeitas para o começo dessa participação mais próxima do educador. Todos foram para as festas de fim de ano com a certeza que o novo semestre chegaria com novas possibilidades.

Como pode se notar o ápice do PEAC foi à vinda do professor José Pacheco dos dias 22 à 25 de novembro de 2011. Foi realizado um Seminário envolvendo palestra aberta ao público e com o Projeto 3, atividades com os integrantes do Projeto, colóquio com as professoras da EC 209 Sul. Nesse último espaço três delas, além da coordenação e direção reafirmaram a vontade de mudar a gestão de aprendizagem em suas salas e na escola. Dessa forma o Projeto continuaria buscando avanços no semestre seguinte.

3.9 3ª. Carta ao Emílio

Tataraneto querido,

Estou com muita saudade de suas cartas! Cadê você? Baixei ontem as imagens das gravações do documentário. Não acha perigoso que alguém invada?!

Venha me visitar assim que você chegar. Por enquanto te atualizarei sobre o Projeto Autonomia.

Encontrei uma colega da época do Projeto esses dias no Café Livraria Sebinho, a querida Amanda, conversamos sobre aquela época e foi um momento bem nostálgico... Graças a essa linda coincidência, descobri outras coisas que você me perguntou.

Parece que no semestre pós-curso as reuniões foram na escola e na universidade, ainda nas quartas-feiras, alternando nas semanas. Cresceu o número de estagiários e com isso houve uma maior participação nos dois turnos da escola.

Querido, como você sabe, nessa época não participei do Projeto, nem eu e nenhuma das suas tias do GEPEPI, pois estávamos trabalhando, mas fiquei sabendo que foi um semestre muito rico. Criaram uma lista de e-mail para o grupo que estava tocando o projeto. Emílio, quando lembro que ficávamos com medo de esquecer alguém ao enviar alguma notícia chego fica envergonhada, enfim criaram uma lista!

O novo grupo fazia uma avaliação profunda dos problemas do curso, e em uma das primeiras reuniões na escola, lembrada pela maravilhosa recepção – parece que houve um piquenique cheio de frutas e bolos. Nesta reunião todos foram bastante sinceros e colocaram os pontos que deveriam melhorar no semestre. Com essa abertura no diálogo começaram a acertar os ponteiros. Afinal “é a práxis, que implica a ação e a reflexão dos homens sobre o mundo para transformá-lo”

(FREIRE, 1987, p.73) *Amanda contou-me que a diretora na época, inspirada pelo curso do semestre anterior, promoveu algumas assembleias na escola e mudaram algumas organizações, que as crianças não gostavam.*

Apesar do receio de serem apenas observadoras-passivas no lugar de co-participantes no processo, os estagiários foram maravilhosos. Começaram a desenvolver projetos de pesquisa individual na sala, questionar formas de organização e participação, continuaram com as assembleias e mostraram as professoras que mudar era possível. Parece, que infelizmente naquela época, sem a nova legislação e mudanças na gestão das escolas pela secretária causadas pelo movimento “Abril Verde”, os professores viviam trocando de escola e não podiam escolher grupo de trabalho e projeto.... Era bem difícil naquela época, Emílio.

Pelo que me foi contato, pela tarde após sensibilização dos estagiários surgiu uma caixa cheia de brinquedos para as crianças, parece-me que o projeto já tinha mudado muitas coisas na escola, não é querido? Depois Amanda contou que também conseguiram organizar as atividades da tarde por interesse das crianças, no lugar de “série”. Houve uma heterogeneidade de idades fomentava o respeito, inclusão e a solidariedade entre eles.

Não pense querido, que era só isso. O grupo continuava a apostar nas professoras e desconstruir a partir de reflexões e oficinas certos discursos derrotistas. Apostaram na formação dos profissionais e ofereçam oficinas de matemática com uma visão mais cultural e sócia, de literatura, escrita e sobre a cultura do brincar.

Emílio, esse semestre foi muito importante, a aproximação e construção de novas práticas na escola mostrava as professoras que a mudança era possível e prazerosa, os resultados, mesmo que poucos eram essenciais para continuidade do Projeto Autonomia. Compartilhar a sala de aula também foi um passo gigante para esses professores que foram formados, no dia – a – dia, a planejarem sozinhos, entrarem na sala sozinhos e muitas vezes resolverem os problemas sozinhos. Abrir a porta da sala e deixar as ideias de outros educadores se transformarem em ações foi um avanço para aquela época.

Encerrando as atividades daquele período houve um colóquio com o Zé Pacheco. Querido, como gostaria que você tivesse conhecido o Pacheco, ele era fantástico! Suas palavras inspiravam a todos e tinha uma vasta experiência em projetos no Brasil. O Zé, mais uma vez perguntou quem topa realmente entrar de cabeça no projeto e mudar totalmente a sala, três professoras levantaram a mão e isso foi suficiente para o Projeto Autonomia seguir adiante.

Espero que essas informações ajudem na sua pesquisa, Tata.Venha nos visitar aqui em casa, que possuo alguns materiais nos armários.

Com carinho,

Tata Rafa

CAPÍTULO 4 – MANTENDO A CAMINHADA

4.1 Pluralidade

O grupo crescia, e a diversidade nas áreas de formação também, o que casava com o ideal de educadores e relações de aprendizagem que estávamos buscando.

A ex-estudante e psicóloga Amanda Lima continuaria com as entradas de sala semanal na turma da professora Silvia, Camila conseguiu acompanhar o projeto por um mês, quando se mudou, por causa de emprego, para o Rio de Janeiro. Já a Tamine, agora pedagoga, assumiu uma turma como professora na Vivendo e Aprendendo, mas sempre que possível continuou a participar das reuniões semanais. Os outros estudantes infelizmente não conseguiram conciliar os novos compromissos e rotina de vida com os horários do Projeto, nos deram um até breve.

Os estudantes de Pedagogia do Projeto 3 e 4 começavam a se inserir ativamente na práxis na Escola Classe 209 Sul – EC 209 Sul, entraram no projeto as estudantes Jéssica Carvalho, Daniele Prandi, Françoise Moncado, Paula Lobo – que participou do curso no módulo I de 2011 – e a bolsista de permanência, Alcilene Braga. Uma integrante do Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação e Práticas Inovadoras – GEPEPI voltou ao projeto, mas agora vinculado ao Projeto 5 – Trabalho de Conclusão de Curso – TCC – eu, Rafaella Cerveira.

Novos colegas estudantes da psicologia também se inseriam ao grupo, Caroline Bessoni, Juscelino Junior, Valéria Torres e Isadora Lemos – como pesquisadora. Pelas orientações da professora Simone Gonçalves de Lima também se uniram ao Projeto, Bill Nascimento, estudante de História, a Flávia Duarte, estudante de Letras e o Wellington Oliveira, estudante de Artes Cênicas.

O professor Tadeu Queiroz Maia começou a trabalhar na Escola de Aperfeiçoamento dos Profissionais de Educação – EAPE e nos apoiou sempre que necessário, inclusive apresentou a proposta do projeto à sua antiga orientanda de Projeto 3, Andrea Maragoni, que se juntou ao grupo já primeiras reuniões e depois de duas oficinas na EC 209 Sul começou suas observações na Escola Classe 304 Norte – EC 304 Norte, retomando, de certo modo, o vínculo da escola com o Projeto Autonomia.

Unindo-se ao grupo também chegaram: Natalia Campos, pós-graduanda em psicologia e a Cristina, carinhosamente chamada de Kika, colaboradora voluntária e entusiasta de práticas inovadoras.

A EC 209 Sul e as associações, casa dos Pássaros e Associação Pró-Educação Vivendo e Aprendo, continuavam conosco na caminhada.

4.2 Coletivo: momentos de organização e reflexão

A EC 209 Sul e a Casa dos Pássaros reafirmaram a parceria com o Projeto. A Escola Classe começou a sistematizar as necessidades de estudo e propor alternativas para entrada mais eficaz do Projeto, principalmente após as reuniões e oficinas do semestre anterior, nos mostrando algumas ideias na primeira reunião do Autonomia na escola.

Nessa reunião com todas as educadoras da EC 209 Sul, o coletivo da Universidade de Brasília – UnB, representado pelas professoras da referida Instituição, psicólogas e a estudante de pedagogia Alcilene, retomaram ideias levantadas em outras reuniões como, por exemplo, repensar à entrada de sala dos estagiários com objetivo de maior intervenção dos mesmos; parceria com a Edinira na orientação educacional; apoio pedagógico na sala de recursos com a professora Regina e oficinas no contraturno junto com os monitores. Combinamos que as reuniões quinzenais na escola e na universidade continuariam como no semestre anterior, trocando em cada semana.

Em outra reunião na escola nem todos os presentes se mostraram entusiasmados para o recomeço da proposta, mas no mesmo dia começamos a observar outros pontos positivos nas falas das professoras. Edinira, da coordenação, ficou muito feliz com as observações nas atividades do “Política na Escola” realizados pela estudante de psicologia Grazy, já Silvia começou sua fala manifestando um “não gostei”, disse que já deveríamos ter o Pacheco com o grupo e nos contou do dispositivo que o Projeto tinha apresentado – assembleias - e que já estava se incorporando aos seus estudantes, que apesar de não concordar com a queixa das crianças elas deveriam ser ouvidas . A partir desse relato a professora Regina Sucupira Pedroza propôs um curso, caso houvesse demanda da escola, sobre educação e infância aos funcionários.

No dia 03 de março, o grupo se reuniu na UnB para definir os espaços de atuação dentro das escolas, nesse dia o Masaroni Ohashy, pai-educador da Casa dos Pássaros, começou a frequentar as reuniões no lugar do educador Pablo Martins, que estava trabalhando

novamente na Vivendo e Aprendendo, contudo iria continuar contribuindo com o Projeto. A Casa dos Pássaros abriu as portas para dois estagiários em dias distintos pela manhã, Bill e Flávia. Os estagiários também participavam pelas reuniões pedagógicas internas da associação nas terças-feiras pela noite junto com a professora Fátima Lucília Vidal Rodrigues.

Na reunião posterior foi o dia de definir os horários e possibilidades de atuação. Além das oficinas a estudante Flávia entraria na sala de recursos semanalmente, posteriormente o Junior entrou no Projeto trabalhando com o aluno com perda auditiva e a Flávia decidiu passar dois dias na Casa dos Pássaros até que começou a trabalhar no horário da manhã e ficou impossibilitada de comparecer.

A proposta inicial de oficinas, pois ainda buscaríamos a contribuição e parceria com os monitores, foi a seguinte:

Quadro 12 – Horários do Projeto Autonomia – 1º. Semestre de 2011 – turno Vespertino.

	SEG	TER	QUA	QUI	SEX
14h30min – 16h30min	1. Contação de Histórias 2. Corpo e Movimento	1. Contação de Histórias	Reunião Pedagógica	1. Perguntas e Ideias	Reunião Coordenação Monitores
16h30min – 17h30min	1. Sons	1. Cênicas	1. Sons	1. Cênica	

Fonte: Cerveira (2012).

Com proposta das oficinas em mãos, fomos no dia 18 de março de 2012 à reunião de coordenação com os monitores na escola, sem a coordenadora dos mesmos. Neste dia a diretora nos apresentou um pouco sua visão do contraturno, nos disse que geralmente após o almoço era ideal que as crianças descansassem e que o número de monitores era menor, agora com cinco. Informou-nos que o número base de crianças no horário seria de 120 – 1º ao 5º ano –, frisou a importância de atividades lúdicas, pois as crianças guardavam muita energia para ser gasta no horário da tarde.

Fizemos uma rodada de apresentação e conhecemos os cinco monitores que trabalhariam conosco: Lu, Olavo, Luana, Cris e o Wilson. Descobrimos no desenvolver da conversa que o grupo não sabia do Projeto Autonomia e o contato que tinham com os outros professores era por meio da direção ou coordenação com a Vera – coordenadora do Integral.

A professora Simone apresentou o projeto rapidamente, contou que uns grupos de pais se uniram para tentar uma educação que acreditavam na escola pública, a partir deles outras pessoas se juntaram a proposta até que chegou à UnB. Depois falou do curso na universidade para conhecimentos das escolas-inspiradoras e dos espaços que já participávamos na escola desde o semestre anterior.

Apresentamos a nossa proposta de oficinas, com horários disponíveis, e falamos um pouco sobre a nossa filosofia nestas oficinas: que para além do nome, do tema, queríamos que cada oficina fosse um espaço de desenvolvimento de autonomia, responsabilidade, solidariedade e criatividade dos alunos.

Os monitores também nos apresentaram um pouco a realidade que viviam no contraturno, de modo subjetivo falaram sobre domínio das crianças para conseguirem disciplina, que mais “cuidavam” deles do que propunham alguma atividade pedagógica e um pouco de como observavam que a origem social delas - moram em sua maioria na periferia - geraria certa violência. Sentiram-se acolhidos no espaço e durante a conversa também apresentaram suas angústias, medos e frustrações.

Algumas de nossas intervenções problematizaram, creio que de modo cuidadoso, com alguns momentos mais tranquilos e outros mais tensos, em geral, penso eu, o suficiente para colocar em um bom dês/equilíbrio cognitivo/afetivo algumas noções arraigadas (LIMA, S. *Relato reunião dos monitores, sexta feira*. Disponível em: projeto-autonomia-22011@googlegroups.com 20 mar 2012).

Ao final deixamos claro nosso respeito e que a experiência deles com o grupo de crianças só tinha como agregar o trabalho do Projeto. Reafirmamos como eram importantes para a escola e para formação dos pequenos estudantes. Ao final convidamos o grupo de monitores a construir juntos conosco nesse espaço da escola, além de se colocarem muito abertos à proposta, resolveram conversar com a coordenação sobre algumas reivindicações para melhorar o ambiente do integral.

Apesar dos professores da Secretária de Estado de Educação do Distrito Federal – SEDF terem entrado em greve nos primeiros meses de 2011 por melhores condições de trabalho, as professoras da EC 209 Sul, resolveram coletivamente continuar o semestre, mas o Governo avisou que não encaminharia a alimentação das crianças para ficarem no contraturno da escola e assim o início do integral foi adiado sem data para retorno.

Em cada reunião continuávamos a pensar sobre temas a serem discutidos pelos convidados, formas de escolha das oficinas e problemas de horário e articulação com todos envolvidos no Projeto.

Com a colaboração de alguns monitores, que optaram em fazer também oficinas, decidimos fazer a escolha das oficinas pelas crianças por meio de assembleias iniciais no primeiro dia de cada grupo de oficina. Os pequenos estudantes deveriam escrever em um papel e grudar o nome no cartaz da oficina desejada, após uma breve apresentação das mesmas pelos oficinairos.



Figura 18 – Reunião Projeto Autonomia – Faculdade de Educação 5 – sala LAOS – 04/04/2012.

Fonte: Da autora.

Depois de duas semanas de oficinas ficamos sabendo que a escola estava sem alimentação, mas a diretora nos avisou que após pressionar a Secretaria de Educação conseguiu o almoço o integral recomençaria. Tínhamos mais uma reunião e também a utilizaríamos para construção de cartazes.

O contraturno começaria, a Amanda Lima continuava a parceria com a professora Silvia na turma do 4º ano pela manhã e já tínhamos um cronograma de atividades a partir das conversas e impressões das reuniões com a EC 209 Sul (vide Anexo “F”).



Figura 19 – Reunião do Projeto Autonomia – Faculdade de Educação 5 – sala LAOS – 04/04/2012.

Fonte: Da autora.

Quadro 13 – Horários do Projeto Autonomia – 1º. Semestre de 2012 – turno Vespertino.

	SEG	TER	QUA	QUI	SEX
14h30min – 16h30min	1. Contação de Histórias 2. Corpo e Movimento 3. Perguntas e Ideias 4. Informática	1. Yoga, Arte e Educação 2. Informática 3. Recreação 4. Cênicas	Reunião Pedagógica 1. Informática 2. Recreação	1. Teatração 2. Informática 3. Recreação 4. Cênicas	Reunião Coordenação Monitores
16h30min – 17h30min	5. Sons				

Fonte: Cerveira (2012).

Após uma semana de oficina e continuação da greve dos professores da SEDF, o Governo do Distrito Federal – GDF cancelou o repasse do dinheiro dos transportes dos monitores, por isso a direção da EC 209 Sul cancelou o integral, mas conseguiu o repasse da verba no final da outra semana.

O grupo da UnB estava organizando a visita do educador Pacheco, seria uma reunião de trabalho sobre os andamentos do projeto na escola. Também estávamos ocupados escrevendo um projeto para financiamento da presença do professor em Brasília pela SEDF. Os parceiros do projeto: Tadeu Queiroz Maia e Álvaro Sebastião Teixeira, que articulavam esse diálogo com a Secretaria de Educação.

Nessa época ficamos sabendo da aproximação do Autonomia com a Jaqueline Moll, Coordenadora Nacional do “Mais Educação”, programa do governo com desejo do apoio do projeto para repensarem a educação integral no DF, junto com outros grupos da Faculdade de Educação.

Houve discussão interna no Projeto sobre o entendimento desse curso sobre educação integral, como entendíamos trabalho coletivo e o mais importante, se nós tínhamos tempo e pessoas disponíveis para trabalhar com mais essa demanda. Decidimos continuar a dialogar com o grupo da Jaqueline Moll e fomos convidados a participar do IV Seminário Nacional de Educação Integral, estendemos o convite às educadoras da EC 209 Sul, pois era um espaço muito rico de formação. Optaram devido ao excesso de trabalho, em não participar.



Figura 20 – Reunião do Projeto Autonomia – Faculdade de Educação 5 – sala LAOS – 25/04/2012.

Fonte: Da autora.

No dia 27 de abril de 2012, Pacheco nos brindou com uma maravilhosa roda de trabalho (falarei um pouco mais no tópico seguinte desde capítulo), onde expulsemos todas as dificuldades do contato inicial com as crianças, que sentadas durante o turno da manhã encontraram nas oficinas pela tarde uma forma de libertação. Estava presente todo grupo do PEAC representados pelos estudantes dos projetos 3,4, estágio da Psicologia, extensão, GEPEPI, Regina Freitas e Cleci da EC209 Sul, parceiros, pais e educadores da “Vivendo e Aprendendo” e Casa dos Pássaros.



Figura 21 – Reunião de Trabalho com o professor José Pacheco – Pacheco, Masa e Simone – Faculdade de Educação 5 – sala 11 – 27/04/2012.

Fonte: Da autora.

Após a roda com o Pacheco, alguns estudantes se integraram nas oficinas da EC 209 Sul, a Joyce auxiliou o Wellington na oficina de Teatração e posteriormente o Fernando Salgado se integrou as reuniões do projeto de extensão e acompanhou a Paula na oficina de Contação de Histórias, que tinha ficado sozinha com a saída do Bill do projeto por motivos pessoais.

Conhecemos por meio da professora Simone o Projeto Janelas, um espaço revitalizado que trabalhava temas transversais a partir de uma sala de leitura organizada na Escola Classe 206 Sul – EC 206 Sul, infelizmente depois de três anos desenvolvendo todos os pilares que o

Projeto Autonomia acredita, a sala estava sendo encerrado por falta de apoio dentro da escola. Esse projeto nos fez refletir que sem parceria, as melhores ideias se perdem e as crianças que saem prejudicadas, pensamos em certo momento em levar o projeto para a EC 209 Sul, porém as conversas com a escola foram adiadas por acharmos que deveríamos envolver mais as professoras primeiro nos projetos já existentes.

Em cada novo encontro osicineiros compartilhavam suas angustias, avanços, alegrias e dificuldades. Por meio dos medos e conflitos gerados pela prática dentro de sala de aula, as professoras da universidade nos apresentavam teóricos e opções para intervenção. Junior, por exemplo, nos falava das dificuldades e avanços com o estudante na sala de recursos, nos contou de jogos e atividades para leitura e escrita, compartilhamos ideias, dicas e material para dar continuidade em seu ótimo trabalho.



Figura 22 – Reunião Projeto Autonomia – Faculdade de Educação 5 – sala LAOS – 16/05/2012.

Fonte: Da autora.

Foi em um desses encontros pedagógicos que decidimos – Paula, Bill e eu – criar um grupo no *Facebook* para conversas mais internas do coletivo da UnB. Acabamos instituindo nessa rede social um espaço mais organizado para compartilharmos as relatorias das reuniões, comentários e fotos das mesmas. Acharmos outro espaço mais integrado à vida de todos e fácil

manuseio, visto que a maioria já acessava cotidianamente, diferente do ambiente Aprender.

Em maio de 2012, ficamos sabendo que a Cleci, uma das entusiastas do projeto dentro da EC 209 Sul, assumiria a coordenação do integral, visto que a Vera, ex-coordenadora, estava de atestado até o semestre posterior. Como a Cleci estava mais perto do grupo da UnB o diálogo com o integral da escola ficou mais aberto e a comunicação mais clara. Infelizmente isso não ajudou quando os monitores entraram em recesso nas suas faculdades e a escola encerrou as oficinas do contraturno faltando ainda uma semana de intervenção e avaliação do semestre com as crianças.

A UnB entrou em greve no dia 21 de maio, porém, de forma coletiva, o grupo resolveu continuar com as reuniões e atividades normalmente, assim o grupo seguiu até o retorno das aulas universidade em agosto de 2012, com discussão sobre objetivos, participação e grupos políticos dentro do movimento sindical. Durante esse tempo de greve as professoras estavam reformulando a renovação do PEAC junto à universidade, como combinado no começo do projeto em 2011 a coordenação seria dividida entre a Faculdade de Educação – FE e Instituto de Psicologia – IP, porém com a greve e dificuldades burocráticas o grupo resolveu renovar mais uma vez pela FE com a coordenação da professora Maria Alexandra Militão Rodrigues.

Na última reunião do grupo no dia 11 de julho de 2012, apresentei o vídeo produzido na oficina “Perguntas e Ideias” com as crianças e a Jéssica Carvalho. Além da partilha das dificuldades e avanços do semestre, nos organizamos para propor novas intervenções no semestre posterior na escola, mas que seria o mesmo para UnB, visto que tínhamos semanas de aula para repor, quando o fim da greve chegasse.

4.3 Espaços de formação do grupo: oficinas, palestras e participação em encontro

4.3.1 Corpo e Movimento

A primeira atividade que abriu essa atuação do projeto na escola foi a oficina da Daniele Prandi e da Françoise Moncado, oficina também realizada no contraturno com as crianças.



Figura 23 – Oficina com professores da Escola Classe 209 Sul – Escola Classe 209 Sul – 11/04/2012.

Fonte: Da autora.

Entre brincadeiras em roda e reflexão de movimentos que fazemos no cotidiano as meninas nos questionaram sobre domínio, liberdade, disciplina, medo e trabalho. A partir de expressões corporais, trabalho em grupo, leitura e discussão em grupo, a oficina abriu um espaço de comunicação muito especial com todos os envolvidos.

Encantou-me particularmente a observação curiosa de algumas crianças, sentadas no chão, impressionadas com tão inusitada expressão de suas educadoras. Então nossas professoras também dançam? E esse pessoal da UnB brinca com balões? O que será que voou nos balões da imaginação desses meninos? Também me tocou a linha da vida que Carla, sentada em um canto, bordava em umas almofadinhas, nos observando de vez em quando (RODRIGUES, A. *Sobre a oficina do corpo e movimento!*. Disponível em: projeto-autonomia-22011@googlegroups.com 14 abr. 2012.).

Por ter sido realizada no pátio inicial da escola gerou muita curiosidade nas crianças que passavam e em certos momentos até entraram nas atividades nos mostrando como usar a criatividade.

4.3.2 Roda de Trabalho com José Pacheco

A roda de trabalho com o Zé foi um espaço reservado aos integrantes do Projeto, com a parceria do GEPEPI que filmou o bate-papo por quase quatro horas. Estavam presentes os estudantes dos projetos e parceiros.

Nesta roda cada estudante contou um pouco do trabalho em suas oficinas, Pacheco nos lembrava em cada seu comentário às dificuldades de implementação de uma nova proposta em qualquer local do mundo, mas que se acreditássemos, trabalhássemos unidos e estudássemos conseguiríamos desenvolver a proposta muito bem.



Figura 24 – Roda de Trabalho com José Pacheco – Faculdade de Educação 5 sala 11 – 27/04/2012 .

Fonte: Da autora.

Conversamos na roda sobre desorganização do começo das atividades dentro das salas, que as crianças não queriam nem nos escutar, nem escutar a si próprias. Sobre a construção de relações entre osicineiros da UnB e os monitores da escola, perguntávamos como agregar a todos no mesmo espaço e discutir sobre atividades realmente educativas com as crianças se não podem comparecer as reuniões pedagógicas de quarta-feira e o grupo do Projeto Autonomia não pode comparecer as reuniões de sexta-feira? Pensamos sobre estudos em

grupo e conversas futuras para o semestre anterior.

Apresentamos um panorama parecido em todas as oficinas, propor atividades a partir dos interesses das crianças, mas as crianças não sabiam o que queriam fazer, diziam que aceitavam, mas quando começávamos algumas atividades não focam para fazer, a rotatividade e a obrigação imposta pela escola de terem sempre que ficar na nossa oficina também não nos agradava e expomos ao educador.



Figura 25 – Roda de Trabalho com José Pacheco – Faculdade de Educação 5 – sala 11 – 27/04/2012.

Fonte: Da autora.

Em um dos momentos nos questionou sobre as aulas regulares, falamos que ainda não tínhamos começado as intervenções e mais uma vez nos disse que o sistema tradicional está falido e que se estamos buscando mudanças devíamos decidir se estávamos ou não no Projeto realmente inovador que tem como princípios acabar com o “dar aula”.

Por meio de exemplos de atuação em sua parceria com diversas iniciativas inovadoras, nos mostrou alguns dispositivos ou métodos a serem utilizados com as crianças, e acima de tudo nos disse para escuta-las com amor, que muitas vezes era isso que poderia fazer a diferença.

Reforçou, como muitas vezes já nos falado pelas as professoras da UnB, sobre a cultura escolar e da importância do embasamento teórica para desconstrução da mesma. O grupo, como sempre, saiu muito feliz e com as energias renovadas.



Figura 26 – Roda de Trabalho com José Pacheco – Rafa (eu), Regina, Andrea, Jéssica e Wellington – Faculdade de Educação 5 – sala 11 – 27/04/2012.

Fonte: Da autora.

4.3.3 Roda de Planejamento na escola

Após a reunião com o Pacheco houve uma roda de avaliação com a escola, todos os oficinairos apresentaram as dificuldades e alegrias de suas atividades, também agradeceram o apoio da Cleci e da Regina Freitas que todos os dias faziam o possível para nos ajudar com material e organização das crianças.



Figura 27 – Projeto Autonomia – reunião pedagógica – Escola Classe 209 Sul – 09/05/2012.

Fonte: Da autora.

Relembramos discussões da roda com o Pacheco, a Regina Freitas comentou que deveríamos reavivar o projeto para o horário matutino, repensar os tempos e espaços de aprendizagem como discutíamos no início do projeto em 2011.

As professoras da EC 209 Sul colocaram seu ponto de vista sobre o Projeto, disseram que tínhamos que repensar os espaços também, pois muitos dispositivos acabavam perdendo o objetivo para as crianças, como o das assembleias nas salas, segundo o relatado muitas já não queriam participar. Outra professora desabafou que não era tão fácil mudar a sala como diz a teoria que usávamos e disse que não via ajudado do projeto no turno da manhã.

O grupo da UnB mostrou que os dispositivos era uma forma de ajudar as crianças a desenvolverem atitudes, mas que cada pessoa poderia reagir de uma forma, que era uma desconstrução de anos de um formato. Falou que não estávamos na escola para dizer com o elas deveriam agir, mas para juntos estudarmos e propormos novas práticas a partir da realidade que se encontrava. As intervenções com as crianças aconteciam pela tarde e estávamos na reunião pedagógica exatamente para repensar práticas tradicionais realizadas por todos. Relatado na fala da professora Simone de Lima Gonçalves:

[...] não é nada formatado que vai mudar, mas a prática reflexiva; não é a vinda de Pacheco que vai mudar tudo. Todos devemos nos apropriar da teoria (não podemos pensar que a UnB tem teoria e escola tem prática); desfazer expectativa do receituário partindo do profundo respeito pela criança (BRAGA, A. Relatoria das Reuniões, FE, 2012).

Foi uma reunião com muita discussão sobre representações das crianças e o aprendizado, ao final ficou combinado que a Amanda iria intercalar as intervenções semanais na sala da professora Silvia e da professora Paloma. Acreditamos, ao final da reunião, que o grupo das professoras da EC 209 Sul apesar de não compreenderem que a função da Universidade dentro da escola não era levar nada pronto e sim refletir para uma nova prática, começava de certa forma a querer realmente se envolver no Autonomia de forma protagonista, propondo e construindo sem esperar sempre uma atitude do grupo da UnB.

4.3.4 Oficina de Yoga, Arte e Educação

A oficina da Carla aconteceu em um momento que estávamos discutindo como programar atividades manuais e artísticas pela manhã, mesmo sem a participação dosicineiros da UnB, que só podiam intervir na escola pela tarde.



Figura 28 – Oficina de Yoga, arte e educação – Escola Classe 209 Sul – 23/05/2012.

Fonte: Da autora.

A oficina mexeu com todos, foi um misto de brincadeiras, relaxamento e respiração. Discutimos após a atividade como a cultura da escola separa o cognitivo do físico e a necessidade que temos de trabalhar o corpo quando queremos uma maior concentração. Todos relacionaram o dia da atividade às brincadeiras de rua, as subidas em árvores e outras atividades que não vemos atualmente as crianças fazerem por estarem tão ligadas as novas tecnologias.

Interessante o posicionamento de uma professora que eu nunca havia ouvido se manifestar em uma reunião, principalmente por ela falar de uma forma tão sincera, de como às vezes se deixa levar por um impulso imediatista ou conteudista e, por outro lado, de como tem se disposto a fazer e pensar diferente... Acho que foram provocações saudáveis! (LIMA, A. *Reunião 23/05*. Disponível em: projeto-autonomia-22011@googlegroups.com 25/05/2012).

Combinamos que as professoras reservariam alguns momentos pela manhã para trabalhar atividades manuais e relaxamento com as crianças, pediram novos momentos com a Carla para estudo e vivência de novas práticas.



Figura 29 – Oficina de Yoga, Arte e Educação – Escola Classe 209 Sul – 23/05/2012.

Fonte: Da autora.

4.3.5 IV Seminário Nacional de Educação Integral – Programa Mais Educação

Na abertura do Seminário a Jaqueline Moll, coordenadora Nacional do Programa, nos falou sobre "uma escola onde a pessoa possa dizer-se e dizer a sua palavra", onde o desenvolvimento de hábitos solidários, criativos e autônomo caminha junto com a inserção de pais e parceiros comunitários. Expressou que a escola antidemocrática, vertical e sem diálogo não devia mais existir, pois não atende ao mundo atual.

O Seminário teve além de alguns importantes teóricos como Arroyo, Brandão, Gadotti e Pacheco, que lemos nos cursos de licenciatura, a presença mais que essencial de educadores envolvidos com a política pública do programa Mais Educação, que apoia financeiramente escolas de todos os estados e o DF na implementação da Educação Integral.

Observamos no decorrer dos dias que as experiências relatadas possuíam oficinas parecidas com as nossas, na busca de um diálogo entre os espaços da manhã e da tarde, construindo um espaço realmente integral. Envolvidos com a proposta do Programa decidimos conversar com a EC 209 Sul para articularmos uma entrada no mesmo.

Se só o fato de conseguir unir em um mesmo local mais de seiscentas pessoas espalhadas pelo Brasil para disseminar ações, fora da tradicional ideia de aprendizagem que a escola possui desde sua existência, já não fosse um grande feito, o seminário conseguiu cutucar todos os presentes sobre esse formato tradicional e ultrapassado da escola e questionou de diversas maneiras: que escola nós queremos?

4.3.6 Lourdes Danezy: Desenvolvimento e inclusão de crianças com necessidades especiais

Lourdes conversou na reunião a partir dos desafios encontrados por ela ao matricular seu filho, com síndrome de Down, na escola. Refletiu com o grupo sobre a importância do sistema educacional no processo de relações entre as pessoas, afinal todos têm dificuldades e são diferentes.

Algumas professoras reclamaram da falta de apoio do estado para que tenham recursos e compreendam melhor os processos de aprendizagem das crianças, mas também foi questionada que as mudanças no sistema é lenta, que partirá de baixo para cima, por isso é importante que os educadores se preocupem com a sua formação mesmo que o estado não esteja oferecendo um auxílio maior.

O grupo da UnB saiu muito desapontado desta reunião, pois percebemos que as professoras tiveram uma postura apática e desmotivante, principalmente porque faziam outras atividades durante o momento de escuta e diálogo com a convidada.

4.3.7 Luciana Campolino: A experiência da EMEF Desembargador Amorim Lima

A Luciana nos contou sobre sua experiência de um ano na Escola Municipal de Ensino Fundamental Desembargador Amorim Lima para sua Tese de Doutorado.

Segundo sua pesquisa a nova gestão de aprendizado na Amorim Lima começou com a chegada de uma nova diretora que retirou a grades e pintou os muros, “aquele foi o ato simbólico de mudança”, o projeto começou com uma turma em 2004. Informou-nos que a escola trabalha com capacidade de seiscentos e cinquenta estudantes do 1º ao 9º ano do Ensino Fundamental com turmas pela manhã e pela tarde.

Segundo a pesquisadora o projeto da Amorim Lima começou com uma única turma e depois outros professores se inseriram na proposta, alguns pais apoiaram a escola e houve mudanças principalmente nas relações do recreio e na biblioteca. Durante dois anos coexistiam duas escolas no mesmo espaço, depois todos que não se adequaram a proposta pediram remoção para outra escola.

Os estudantes ficam cinco horas por dia na ambiente escolar, durante esse tempo se dividem entre oficinas temáticas de leitura e escrita, matemática, ciências, cultura brasileira (artes, dança e capoeira). Passam a maioria do tempo nos “salões de estudo”, grandes salas onde são agrupados por grupos de cinco alunos. Nesse espaço os grupos multisseriados se reúnem para estudar a partir do roteiro de pesquisas pré-definido com seu tutor. Os roteiros foram construídos por temas transversais e ao final de cada tema os estudantes são avaliadas pelo portfólio que construíram.

Os professores têm em média quatro grupos multisseriados de cinco alunos, os grupos e tutores são trocados no final do primeiro ciclo do ensino fundamental. Esses pequenos grupos também se reúnem com os professores para discutir temas transversais e organizar o roteiro de pesquisa – um livro com atividades e temas a serem estudados a partir do Parâmetro Curricular Nacional – PCN. Nos grandes salões sempre ficam alguns professores para auxiliar as dúvidas quando o próprio grupo não consegue sanar. Existe em todos os professores o pensamento de “docência solidária”, todos são responsáveis pela aprendizagem de todos.

Existem espaços de participação dos pais, estudantes, professores, coordenação e direção por meio de:

- Conselho Escolar (presença de todos os seguimentos);
- Conselho Pedagógico;
- Assembleia de pais;
- Assembleia de alunos;
- Grêmio estudantil; e
- Grupos de responsabilidades operativos (surgem a partir da demanda dos outros espaços de participação).

No final de cada ciclo os estudantes elaboram um trabalho final sobre um tema que desejam para apresentar na escola.

Durante toda tarde a palestrante Luciana Campolino respondeu as perguntas dos grupos do projeto, algumas professoras realmente se envolveram e fizeram perguntas, perceberam que a implementação de uma nova proposta dentro da escola não era fácil nem em Portugal e nem no Brasil, porém o sucesso existia aos que acreditavam. Mais uma vez algumas pessoas da escola que estavam presentes ficaram fazendo outros trabalhos durante a roda, quando observávamos essas atitudes nos perguntávamos se as pessoas queriam realmente participar daquele espaço.

4.4 Ação com as crianças

4.4.1 Perguntas e Ideias

Jéssica e eu fomos responsáveis pela oficina, o número de crianças variou entre três à doze.

Pensamos desde o começo que o espaço da oficina seria para as crianças conseguirem colaborativamente desenvolverem as atividades que escolhessem. No começo dos encontros sempre fazíamos uma conversa inicial em roda na mesa ou em cadeiras.

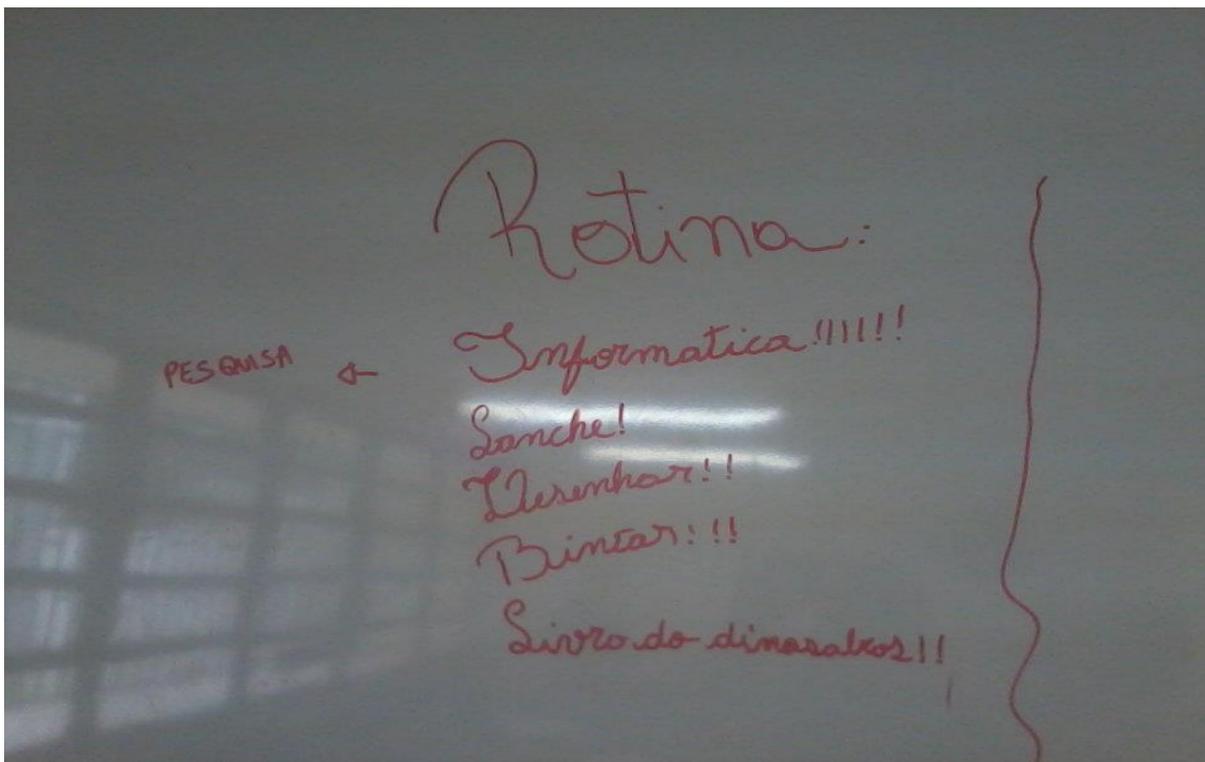


Figura 30 – Oficina Perguntas e ideias – Rotina construída Coletivamente –Escola Classe 209 Sul – 14/05/2012.
Fonte: Da autora.

Levamos livros, perguntas e tentamos construir uma estrutura mínima para uma pesquisa a partir dos interesses individuais. Percebemos posteriormente que tínhamos que trabalhar com pequenas atividades dentro da oficina, pois as próprias crianças trocavam de opinião rápido.

Durante as oficinas alguns meninos sempre começavam uma brincadeira que acabava em chutes e ponta pés, a conversa e o diálogo sempre direcionou nossas ações para que desconstruíssem a dinâmica: briga – direção – desculpa- sala, briga- direção – desculpa - sala. Questionávamos os motivos, sentimentos e atitudes que provocavam as brigas e juntos pensávamos em como evita-las. Refazíamos combinados e lembrávamos sempre o nosso nome para que as crianças nos conhecessem e não nos generalizassem como apenas mais uma “tia” da escola.

Construímos e desconstruímos a rotina da oficina a partir das crianças e das reuniões pedagógicas do projeto, graças a Carla, Fran e Dani começamos a fazer uma dinâmica corporal antes da roda inicial, com ideias do Wellington colocamos umas brincadeiras no final da oficina e utilizamos livros infantis que a Paula nos avisou que existiam na Biblioteca.



Figura 31 – Oficina Perguntas e Ideias – construção do filme – Escola Classe 209 Sul – 18/06/2012.

Fonte: Da autora.

Discutimos sobre escola, programas de TV, artistas plásticos e por fim combinamos de fazer um vídeo por *stopmotion* com massinhas. Definimos as etapas e conseguimos criar as histórias com a metade das crianças, infelizmente no último dia de oficina, o integral foi encerrado. A informática foi um espaço de pesquisa muito utilizado e o monitor Olavo foi um grande parceiro nesses dias.



Figura 32 – Oficina Perguntas e Ideias – Escola Classe 209 Sul – 11/06/2012.

Fonte: Da autora.

4.4.2 Contação de Histórias

Inicialmente osicineiros foram Paula e Bill, posteriormente apenas a Paula. O número de crianças variou entre três à dez.



Figura 33 – Oficina de Contação de Histórias – Escola Classe 209 Sul – 28/05/2012.

Fonte: Da autora.

As atividades buscaram a partir de histórias contadas, inventadas, vividas e lidas construir um espaço de colaboração, responsabilidade e criatividade entre as crianças. Já no primeiro dia a educadora refletia coletivamente como a oficina poderia ser e como deveriam agir naquele espaço, deixou claro que o espaço era de todos e por isso eles deveriam contribuir para a dinâmica dos dias.

Pedi para elas me darem ideias e sugestões de como construir nossa oficina; As crianças sugeriram fazer filmes, brincar com as histórias, misturar histórias e jogos, fazer histórias com a caixa de objetos-surpresa, fazer histórias coletivas, fazer com materiais recicláveis um robô, etc. (LOBO, P. *Diário de Bordo Oficina Contação de Histórias*. Projeto Autonomia, 2012

A educadora levava propostas de atividades que eram modificadas pelo grupo, sempre que existia conflito ou as crianças não estavam gostando da atividade, existia um momento para conversar e expressarem ao grupo o “não gostei” e “gostei”. Mas além de verbalizar, todos eram convidados a contribuir com ideias para melhorar a oficina. Dessa forma ao final do semestre todos criaram uma linda amizade e construíram elos, as crianças perceberam não apenas que eram agentes de suas histórias como podiam conta-las de várias formas. Aicineira se sentiu muita satisfeita com o resultado do semestre.

4.4.3 Corpo e Movimento

As responsáveis pela oficina foram Françoise e Daniele. Eram vinte crianças em média na oficina.

Assim como observado em outras oficinas, perceberam que as crianças não se escutavam, não respeitavam a fala do colega, discutiam e não conseguiam trabalhar juntos. A partir dessas ressalvas conversavam com o grupo e propunham acordos, pois os planejamentos eram feitos coletivamente.



Figura 34 – Oficina de Corpo e Movimento – Escola Classe 209 Sul – 28/05/2012.

Fonte: Da autora.

Na roda inicial de conversa relembavam os combinados e atividades selecionadas pelo grupo na semana anterior, asicineiras também levavam atividades surpresas todos os dias.



Figura 35 – Oficina de Corpo e Movimento – Escola Classe 209 Sul – 26/06/2012.

Fonte: Da autora.

Segundo as responsáveis apesar de sempre construírem o planejamento com o grupo a parte de responsabilidade em cumpri-lo era mais difícil, mas quando as crianças se empenhavam desenvolviam todas as extensas atividades escolhidas pelo grupo.

4.4.4 Teatração

A oficina foi conduzida pelo Wellington. O número de crianças em média eram vinte. Desde o primeiro dia de oficina o estudante de cênicas combinou com as crianças que o espaço da oficina era ambiente de trabalho, então todos deveriam cooperar para o andamento da mesma. Segundo seus relatos as crianças sempre se mostraram muito participativas e responsáveis com as atividades.



Figura 36 – Oficina de Teatração – Escola Classe 209 Sul – 30/05/2012.

Fonte: Wellington Oliveira.

Oicineiro desenvolveu com as crianças jogos teatrais que utilizavam o corpo, espaço e imaginação. Durante o semestre também construiu um projeto baseado em pesquisa imagética para uma peça teatral, então as crianças se agruparam em pequenos grupos de interesse, cada grupo tinha algumas tarefas como indicado pelo estudante de cênicas:

Quem era do círculo de estudo da maquiagem, deveria localizar imagens de possíveis sugestões para maquiagem. Cenografia e iluminação deveriam recortar imagens de espaços e realizar um desenho para um provável cenário teatral. Já o círculo de estudo de figurino, deveria pesquisar imagens de vestimentas. (OLIVEIRA. W. *Olá meu povo, muitas surpresas no capítulo de ontem*. Disponível em: projeto-autonomia-22011@googlegroups.com 01 jun 2012.)

Além de todo jogo teatral, ofereceu uma oficina prática de maquiagem de ferimentos, que ficou conhecida como “carnificina de teatração”.



Figura 37 – Oficina de Teatração – Escola Classe 209 Sul – 07/10/2012.

Fonte: Wellington Oliveira.

Apesar dos problemas como falta de comunicação e falta de apoio aoicineiro no começo de sua inserção na escola, com entrada da Clessi na coordenação as relações melhoraram.

4.4.5 Yoga, Arte e Educação

A oficina conduzida pela Carla foi um misto de yoga e arte. As crianças se desenvolveram por meio da expressão corporal, respiração e atividades manuais. Durante as oficinas construíram histórias por meio da linguagem corporal e aicineira as fez reconhecerem seu corpo, desafios e conquistas, como por exemplo, executando um rolamento.

Na oficina a educadora também expandia a criatividade das crianças ao pedir desenhos direcionados por histórias ou conversas do dia.

4.5 Daqui pra frente...

Na última reunião do semestre com a Escola Classe 209 Sul o coletivo resolveu, após um ano e meio de diálogos e intervenções, propor à escola uma mudança geral na gestão da aprendizagem tornando-a verdadeiramente integral e democrática. A proposta era trabalhar realmente com as professoras que acreditavam no projeto dentro de sala de aula.

É importante identificar se há professores na escola que queiram se engajar em planejamento, estudo, ação e reflexão para uma prática diferenciada. Com um planejamento assim, poderemos convidar novos alunos a participarem do projeto levando em conta que tipo de colaboração seria interessante para o próximo semestre. (LIMA,S. *Reunião 4ª!*. Disponível em: projeto-autonomia-22011@googlegroups.com 02 jul 2012).

A ideia seria mesclar espaços de estudo para pesquisas verticais, atividades corporais e artísticas, sala de leitura, biblioteca, gramado, sala de informática e sala de recursos. Durante esses momentos as professoras também organizariam o seu tempo com os estagiários, oficinairos mesclando sua rotina com a tutoria com as crianças e momentos de estudos coletivos. Acreditávamos que depois da apresentação dos estagiários-oficineiros contando sobre dificuldades, angústias, avanços e alegrias os professores compreenderiam que estávamos todos juntos querendo melhor, aprendendo com os erros e acertos na busca de um projeto que respeitasse a todos, mas que seria único e diferente de outros, pois seria naquela escola com aquele grupo de pessoas.

Queríamos avançar na proposta, pois percebíamos que todos os momentos deveriam ser prazerosos, cheios de desafio, mas que fossem durante toda semana. Estruturando os espaços durante todos os dias, reforçando as atitudes, habilidades e relacionamento dos grupos. Com uma escola totalmente integrada as crianças não demorariam uma semana para cumprir os combinados, conversar entre si e ajudar o colega, mas se lembrariam e desconstruiriam a antiga cultura um pouco a cada dia.

Como já esperávamos a professora Regina Freitas, nossa grande parceira durante todo o projeto, não só aceitou como apresentou ao coletivo seus grandes avanços com as crianças que atendia: construiu mural de assuntos para estudo, elaborou trabalhos de pesquisas a partir do interesse dos estudantes, utilizou combinados e outros dispositivos que fomentassem a participação e colaboração. Durante sua apresentação foi possível observar seu olho brilhar ao falar da felicidade que estudantes tinham ao comparecer na sua sala, inclusive vários estudantes pediam para também serem atendidos.

Além da Diretora e da Regina Freitas, a única professora que topou a nova mudança foi a Dilma, do 5º ano, as outras professoras presentes avisaram que iriam refletir sobre o projeto para darem a resposta em alguns dias.

Na semana seguinte à reunião, nos reunimos na Universidade, apenas o grupo da mesma, falamos das nossas angustias e alegrias do Projeto. Também definimos algumas frentes para serem trabalhadas nos semestre posterior de acordo com as certezas que havíamos recebido na reunião na E.C. 209 Sul.

Continuaríamos com as oficinas pela tarde e a intervenção pela manhã seria auxiliando a Regina na sala de recursos, dessa forma poderia atender mais estudantes, pois os estagiários assumiriam algumas tutorias. A Natália entraria em maior contato com os professores propondo ações de formação.

Começamos a pensar sobre os estudos e palestras inspiradoras para o semestre seguinte:

- Mais um encontro com Luciana Campolino sobre a Amorim Lima;
- partilha por mim e pela Paula sobre o Encontro dos Românticos Conspiradores e visita às escolas;
- Encontros para discussão de textos previamente lidos que norteiam a escola da Ponte;
- Texto da Regina Pedroza sobre o brincar; texto sobre disciplina;
- texto Werner sobre ADHD;
- Pedagogia da Autonomia;
- Encontro com Márcia Acioli;
- Encontro com, Júlia Bucher;
- Projeção do filme “La Educación Prohibida”;
- Articular novas vindas do Pacheco.

Depois de um lanche coletivo e a apresentação de dois curtíssimos de massinha produzidos com as crianças na oficina de “Perguntas Ideias” nos despedimos com a possibilidade de avançarmos nos trabalhos no semestre posterior.

4.6 Construindo caminhos

Durante o recesso das escolas públicas houve uma articulação iniciada pela Regina Freitas ao apresentar as possibilidades do Projeto Autonomia por meio dos avanços com os estudantes que desenvolviam atividades na sala de recursos. Quando retornamos a escola ficamos felizes e empolgados ao descobrir que quatro professoras resolveram modificar a gestão de aprendizado no turno da manhã.

Amanda Lima não continuaria acompanhando o grupo presencialmente e Infelizmente não havia muitos estudantes com horário para intervir pela manhã. Depois de uma conversa apenas com as professoras que acreditavam nas possibilidades do Projeto Autonomia definimos os horários de atuação e estagiários.

Quadro 14 – Horários do Projeto Autonomia – 2º. Semestre de 2011 – turno Diurno.

	SEG	TER	QUA	QUI	SEX
Manhã	8h-9h30min: Estagiários: Carol, Valéria, Rafinha. Professoras 209 Sul: Dilma, Ceiça e Reginha	10h – 12h: Estagiários: Valéria e Rafinha Professoras 209 Sul: Silvia e Rosany Professora da UnB: Regina			
Tarde	14h30min – 16h30min Oficina 1: Perguntas e Ideias – Dani e Jéssica Oficina 2: Contaçon de Histórias e Atêlie Criativo - Fran, Fernando e Paula	15h-16h30min Oficina 1: Batucada – Wellingtona, Flávia e Carol	<i>Reunião Pedagógica</i>		

Fonte: Cerveira (2012).

Após a reunião interna do grupo da UnB, optamos por começar as oficinas a partir de uma organização maior da escola com as crianças. Observamos que não sabiam os horários nem as atividades do contraturno, apesar de respeitar as opções das crianças acreditávamos que deveriam entender as alternativas de atividades, mesmo que a atividade fosse momento de lazer ou ócio criativo, para que não ficássemos como oficinas de “preenchimento de buraco” no lugar de atividades educativas. Compreendemos que um mínimo de organização da escola era uma forma de respeito à todo coletivo escolar, principalmente a gente e as crianças.

A professora Fátima em reunião com a diretora, que também assumiu a coordenação do integral com a saída da Cleci, montou o planejamento do turno da tarde para as crianças. Posteriormente descobrimos que também teriam aula de capoeira com um professor voluntário da comunidade.

Os horários ficaram assim:

Quadro 15 – Horários Escola Classe 304 Norte.

	SEG	TER	QUA	QUI	SEX
Tarde	12h30 às 14h - almoço, higiene, repouso e tarefas de casa; 14h -15h30 - oficina de Português; 14h -15h30 - oficina de Matemática; 14h -15h30 - oficina de violão; 15h30 - lanche e recreação; 14h-16h30 - oficina de perguntas e ideias; 14h-16h30 - oficina com a Paula e Fernando; 16h30- oficina de atividade física (atletismo) com alunos da UNIP; 17h30 - recreação e saída.	12h30 às 14h - almoço, higiene, repouso e tarefas de casa; 14h -15h30 - oficina de Português; 14h -15h30 - oficina de Matemática; 14h -15h30 - oficina de informática; 15h30 - lanche e recreação; 14h-16h30 - oficina de batucada; 16h30 - oficina de atividade física (atletismo) com alunos da UNIP; 17h30 - recreação e saída.	12h30 às 14h - almoço, higiene, repouso e tarefas de casa; 14h -15h30 - oficina de Português; 14h -15h30 - oficina de Matemática; 14h -15h30 - oficina de informática; 15h30 - lanche e recreação; 16h - oficina de atividade física (atletismo) com alunos da UNIP; 17h30 - recreação e saída.	12h30 às 14h - almoço, higiene, repouso e tarefas de casa; 14h -15h30 - oficina de Português; 14h -15h30 - oficina de Matemática; 14h -15h30 - oficina de informática; 15h30 - lanche e recreação; 16h- oficina de atividade física (atletismo) com alunos da UNIP; 17h30 - recreação e saída.	

Fonte: Cerveira (2012).

No primeiro dia de oficinas na escola o grupo percebeu que continuava sem a organização que haviam nos passado, mesmo assim para não decepcionar as crianças osicineiros apresentaram as propostas e formaram os grupos. Depois utilizamos a parede da entrada da escola para divulgação e promoção das oficinas, uma das atividades que o grupo havia pensando durante o semestre anterior.

4.6.1 Projeto Autonomia: Ciências

Decidimos em reunião que formaríamos os grupos de interesse a partir dos temas que deveriam ser trabalhados com as crianças no último semestre do ano letivo.

Os estudantes do 4º ano estudariam: Clima, tempo e recursos naturais. A professora Silvia já conhecia o projeto desde o começo, no curso institucionalizado pela UnB, Rosany havia acabado de chegar para escola por remanejado, mas aceitou participar da proposta do projeto.

Decidimos em reunião que os grupos do 4º ano teriam quatro encontros semanais para concluir a pesquisa de cada tema, não deveríamos nos preocupar em construir algo de forma obrigatória para compartilhar com outros estudantes, mas todo material que produzíssemos poderia ser compartilhado no final do semestre.

Os estudantes do 5º ano estudariam: Corpo Humano. Com o grupo do 5º ano teríamos três encontros para trabalhar os temas de pesquisa, assim como no 4º ano não precisaríamos nos preocupar em construir algo de forma obrigatória para compartilhar com outros estudantes, mas todo material que produzíssemos poderia ser compartilhado no final do semestre.

Nesse turno, para uma formação integral das crianças, a estagiária Carla Costa também entraria nas turmas propondo atividade voltada à arte, *yoga* e educação.

4.6.1.1 Relato do Projeto

Na tutoria pela manhã ficamos com grupos de 3 à 10 estudantes, o objetivo era trabalhar com os dispositivos para estimular a colaboração, respeito, inclusão e autonomia.



Figura 38 – Projeto Autonomia – matutino 4º ano - Escola Classe 209 Sul – 11/09/2012.

Fonte: Da autora.

Com os meus grupos sempre pedi que se apresentassem e combinávamos atitudes que ajudariam no decorrer do trabalho, as brigas que surgiam colocava em discussão na roda para saber o que as crianças pensavam e como podíamos ajudar para que isso não ocorresse. Percebi a necessidade que tinham de ir a sala de informática como recurso de pesquisa, por isso tentei trabalhar outros espaços e fontes, por exemplo, biblioteca, revistas e o próprio livro didático. Fiz o possível para escuta-los sobre quais atividades poderíamos fazer para conseguir responder os questionamentos “Eu quero saber?” e assim, geralmente no 4º ano fizemos experiências.



Figura 39 – Projeto Autonomia - Matutino 4º ano – Escola Classe 209 Sul – 18/09/2012.

Fonte: Da autora.

Tive uma maior dificuldade com os grupos maiores que 5 crianças, por isso sempre que possível os dividia ou pedia para trabalharem em grupo fazendo cartaz e pesquisas no computador.



Figura 40 – Projeto Autonomia – matutino 5º ano – Escola Classe 209 Sul – 01/10/2012.

Fonte: Da autora.

Senti falta de um espaço físico para trabalhar com as crianças, sempre fiquei em locais de convívio na escola - refeitória, sala de informática ou pátio inicial – que atrapalhavam por sempre ter alguém entrando ou saindo e não saber da possibilidade pendurar os cartazes , avisos ou formar um local de referencia. Muitos dias as crianças chegam sem interesse na pesquisa ou no trabalho e queriam simplesmente conversar ou jogar, esses dias são mais difíceis, mas sempre busquei o dialogo e de certo modo elas não estão acostumadas com essa postura não impositiva, acredito que nem elas e nem o resto da escola.

4.6.2 Oficinas

As oficinas começaram no dia 03 de setembro de 2012 com a mesma metodologia do semestre anterior. No pátio central da escola as oficinas foram apresentadas pelas estudantes da universidade e depois as crianças fizeram sua escola e as acompanharam para os respectivos espaços. Avisaram, como no semestre anterior, que as crianças também tinham a escolha de não participarem de nenhuma oficina e realizarem outras atividades na escola.

4.6.2.1 Perguntas e Ideias

Esse semestre asicineiras são Jéssica e Daniele, o número médio de crianças na oficina foram oito.

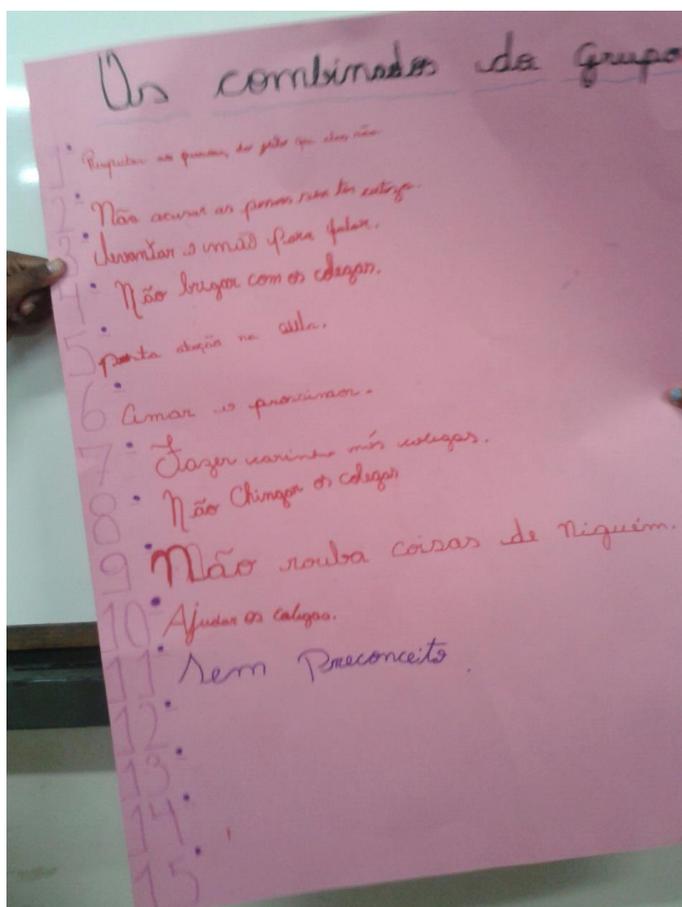


Figura 41 – Oficina Perguntas e Ideias – Escola Classe 209 Sul —10/09/2012.

Tradução: **Os Combinados do Grupo** - Respeitar as pessoas do jeito que elas são; não acusar as pessoas sem ter certeza; levantar a mão para falar; não brigar com os colegas; prestar atenção na aula; amar o “prossimo”; fazer carinho nos colegas; não “chingar” os colegas; não roubar coisas de ninguém; ajudar os colegas e sem preconceito.

Fonte: Daniele Prandi.

Como no semestre anterior os princípios do projeto são a base do trabalho dentro da oficina, então fomentam a autonomia, respeito, solidariedade e inclusão. Já na primeira oficina durante a roda de apresentação utilizaram o “gostei” e “não gostei”, as crianças se focaram nas questões do ambiente escolar, durante a conversa uma dasicineiras anotava em um papel as respostas das crianças, o papel foi intitulado “folha secreta”, pois estavam escritos os segredos de todos da oficina.



Figura 42 – Oficina Perguntas e Ideias – Escola Classe 209 Sul – 24/09/2012.

Fonte: Daniele Prandi.

A partir das informações obtidas o grupo fez um cartaz e identificou o que tinham em comum. Quando ocorreu alguma discussão mais violenta o grupo todo sentou e conversou sobre possibilidades para que não acontecesse mais. Também construíram combinados e começaram a divulgar o espaço da oficina no mural no pátio inicial da escola.

4.6.2.2 Contação de Histórias e Ateliê Criativo



Figura 43 – Oficina de Contação de Histórias – Escola Classe 209 Sul – 10/09/2012.

Fonte: Fernando Salgado.

Osicineiros dessa oficina são Paula, Fernando e Françoise. A média é de quinze crianças nas oficinas.

O começo foi um pouco tumultuado, a sala da oficina ficou perto do grupo de capoeira o que gerou muito barulho e curiosidade dos integrantes da Contação de Histórias, a direção da escola também pediu que anotassem, como se fosse uma chamada, os nomes das crianças que escolheram a oficina. Nas primeiras reuniões oicineiros perceberam que às 14h, o horário da oficina de Contação de Histórias, o grupo que tinha escolhido a oficina também utilizar a sala de informática para jogos. Com intuito de não causar chateação e nem reunir um grupo que não quisesse participar das atividades, os três responsáveis pela oficina cancelaram a oficina.

A oficina de Ateliê acontece logo Após a oficina de Contação de Histórias. Com a nova decisão de encerrar a Contação de Histórias oicineiros ainda não decidiram se irá aumentar o tempo da oficina o adiantar o horário.

Além da apresentação com o novo grupo, osicineiros explicaram que o espaço seria para construção a partir dos projetos definidos pelas crianças de forma individual e/ou coletiva.

Pedi para que eles dissessem o que queriam construir na oficina, cada um com o seu projeto (dupla e individual). Surgiu desejo de fazer casa de boneca, carro, maquete, etc. Levantamos os materiais necessários para fazermos esses projetos: garrafa pet, lata, tampa, botão, retalhos, etc. (LOBO,P.; MONCADO,F.; SALGADO,F. *Diário de Bordo Coletivo Oficinas Contação de Histórias e Ateliê Criativo*. Projeto Autonomia, 2012)

Nesse primeiro momento o coletivo ornamentou o mural em frente a escola para divulgação das oficinas do Projeto Autonomia, as crianças ficaram muito inspiradas a ajudar em um espaço que seria útil para a comunidade escolar.



Figura 44 – Oficina Ateliê Criativo – Escola Classe 209 Sul – 01/10/2012.

Fonte: Da autora.

Osicineiros relatam com muita alegria os avanços das crianças nessa oficina, que já começaram a desenvolver os projetos colaborativos.

4.6.2.3 Batucada

Os estudantes responsáveis por essa oficina são Wellington, Carol e Flávia. São vinte crianças em média na oficina.

A ideia da oficina é construir com as crianças uma “batucada” semanal, para isso o coletivo repensar os sons, os estilos musicais, instrumentos e a importância de cada um deles para que o ritmo aconteça, ao refletirem isso pensam sobre isso e sua relação como grupo, aprendem a trabalhar em grupo e respeitar “ritmo” de cada um.

Os instrumentos são produzidos com material reciclado que os integrantes da oficina, crianças e adultos, levam para escola. Osicineiros também entraram em contato com os pais das crianças pedindo que enviassem material para construir os instrumentos.

Apesar de alguns conflitos entre as crianças e o problema nas primeiras semanas de conseguir encontrar um espaço que pudessem fazer barulho e não ficassem longe da escola o grupo segue com várias atividades: já repensaram o “som do silêncio”, fizeram apreciação musical dos seus estilos preferidos, em colaboração tocaram a partir da imaginação dos sons dos instrumentos e construíram uma partitura.

4.6.3 Roda de Planejamento na escola

Nas reuniões de planejamento compartilhávamos avanços e dificuldades tanto no projeto pela manhã quanto nas oficinas pela tarde.

Em uma dessas reuniões no dia 29 de agosto de 2012 eu e a Paula apresentamos um pouco do III Encontro Nacional da Rede Românticos Conspiradores Pela Educação Democrática (3º ENaRC) que ocorreu nos dias 28 e 29 de junho de 2012 em São Paulo, um encontro que fomos representando o projeto (anexo 7) . Depois desse primeiro momento apresentei sobre duas escolas que fazem parte da rede dos Românticos – TeiaMulticultural e Politeia – com objetivo de divulgar no Autonomia dispositivos de outras escolas inspiradoras.

Os RC’s é grupo que promove a cooperação e ajuda mútua a todas as pessoas que pretendem mudar a educação vigente por meio do trinômio solidariedade- responsabilidade – autonomia. A partir da plataforma virtual <http://romanticos-conspiradores.ning.com> discutem metodologias, conceitos, projetos e trocam informações sobre todos os assuntos possíveis, nesse espaço também promovem a “vivência-virtual” a partir do trinômio que rege o grupo. Os Românticos foi uma ideia que surgiu pelo educador e parceiro do Autonomia, José

Pacheco, na ideia de unir todos os “românticos conspiradores” do Brasil que antes sozinhos agora juntos podem reinventar a educação formal.

O Encontro da rede ocorreu no 1º dia na EMEF Amorim Lima e nos proporcionou conhecer o espaço já apresentando anteriormente pela pesquisado Luciana Campolino em uma das palestras que realizamos na E.C. 209 Sul. Foi lá que tivemos contato com diversos educadores que se proporam a contribuir com nossa experiência em Brasília. O encontro também rendeu uma possível parceria com o movimento “Nossa Brasília”, que luta por uma cidade mais justa e sustentável, pela educadora ambiental Carolina Ramallete que ficou de entrar em contato com o grupo após alguns compromissos fora do DF.

No 2º dia de encontro conhecemos o espaço do Projeto Âncora, um ambiente educativo com um misto de circo-escola localizado perto da capital São Paulo. O projeto financiado há 16 anos por um empresário desacreditado na gestão financeira de outros empreendimentos educativos que ajudava, resolveu então construir um a sua maneira. Inicialmente o projeto era preocupado com a capacitação profissional e atividades artísticas e esportiva. Atualmente, com a parceria do professor José Pacheco, desenvolve as habilidades de forma integral. As crianças ficam no turno diurno no projeto e possuem, além das educadoras, apoio de médicos, nutricionistas, psicólogos, dentistas e diversas oficinas – Kart, teatro, música, circo, ateliê, recreação e esporte.

Não existe series determinadas e as crianças são divididas de acordo com seu tempo de autonomia: iniciação, transição e aprofundamento. Apesar do pouco tempo no espaço, o projeto nos encantou profundamente.

As visitas às escolas democráticas aconteceram após os dois dias de Encontros, por meio de diálogos iniciados naquele espaço. Posteriormente por interlocução de amigos em comum surgiu a oportunidade ir conhecer pessoalmente.

Durante a apresentação da Politeia o educador Osvaldo nos disse que a escola surgiu com a união de educadores que ajudaram a elaborar a Lumiar, contudo um tempo depois saíram da mesma e se uniram para montar uma escola que pudesse ter uma gestão mais democrática.

Apesar de pequena, aproximadamente vinte alunos, a escola construiu diversos dispositivos que ajudam a desenvolver a autonomia das crianças.



Figura 45 – III Encontro Nacional da Rede Românticos Conspiradores pela Educação Democrática – plenária inicial – 29/07/2012.

Fonte: Carla Lam.



Figura 46 – III Encontro Nacional da Rede Românticos Conspiradores pela Educação Democrática Projeto Âncora Cotia /SP - 29/07/2012.

Fonte: Da autora.



Figura 47 – Visita à escola Politeia – sala de aula 6º ao 9º ano – 31/07/2012.

Fonte: Marco Silva.

- Assembleia - espaço onde são discutidas todas as demandas da escola, utilização de espaço, material e convívio. É mais focado no dia-a-dia e por ser semanal geralmente os pais não comparecem.
- Conselho Escolar - Discutir proposta pedagógica e aspectos mais gerais – mensal (educadores, educandos e pais)
- Tutoria – Apoio na trilha educativa e pesquisa individual – semanal
- Fórum - Mediação de Conflito – 1 educador e 1 aluno (mediadores) e pessoas em conflito - semanal, quando necessário
- Ciclos de Aprendizagem: Aulas (grandes áreas de conhecimento) / Pesquisas individuais / Pesquisas coletivas (ex: Admirável Novo Mundo – tecnologia e sociedade) / grupo de estudo
- Oficinas: Corpo e recreação / Artes/ programação do computador/ Música
- 4ª FEIRAS – 1º HORÁRIO : reservado para organização da semana pela escola.
- Aspectos interessantes: existe um mural onde as crianças constroem a pauta da Assembleia a partir dos acontecimentos na semana. Na entrada da escola há um mural de registro das atividades que as crianças devem fazer durante a semana. Apesar do

pouco espaço para recreação na escola, há um parque bem perto onde todos visitam constantemente.



Figura 48 – Visita à Escola Politeia – espaço de organização das atividades semanais da sala de aula do 1º ao 5º ano – 31/07/2012.

Fonte: Marco Silva.

Desde o começo achei o coletivo da escola realmente aberto, preocupado com a convivência, participação das crianças na sua trilha educativa e nas decisões da escola. Eles ainda não excluíram totalmente as aulas expositivas, mas quem disse que aula expositiva é necessariamente ruim? Apesar da falta de espaço eles conseguem desenvolver muito bem as atividades que surgem a partir do interesse do coletivo.

A preocupação com a formação completa das crianças é tão presente entre todos que já estão pensando em aumentar a escola para o ensino médio.

Visitei a Teia pela feliz coincidência de ficar na mesma rua que a Politeia. Toquei a campainha com a cara, coragem e o pensamento que sendo uma escola aberta e democrática iriam me receber. No começo não queriam muito minha visita, mas falei que era de Brasília e estava querendo muito conhecer a escola, pois ajudaria em um projeto que estava participando. A diretora/dona da escola me recebeu de abraços aberto e me explicou que as aulas ainda não tinham começado, inclusive mostrou os espaços em reforma.



Figura 49 – Visita à escola Teia Multicultural – sala de aula --31/07/2012.

Fonte: Marco Silva.

Quem me apresentou os espaços foi a secretária da escola, inclusive não sabia responder todas as perguntas, mas se mostrou muito disposta.

- Refeitório: refeições - Carnívora, vegetariana e vegana.
- Os espaços de convivência e atividades das crianças: Projeto Conviver – Assembleia e espaço de convívio; Ao cair da tarde – participação dos pais no espaço da escola. Convivem com todas as crianças ou desenvolvem com elas alguma atividade que planejaram – bimestralmente.
- Atividades semanais na escola: Aulas regulares, Teatro, Yoga, artes visuais, danças circulares, dança, música, capoeira/recreação e teatro.



Figura 50 – Visita à Escola Teia Multicultural – espaço de divulgação das atividades artísticas das crianças – 31/07/2012.

Fonte: Marco Silva.

A escola trabalha com crianças do ensino infantil ao 5º ano. Fiquei cheias de dúvidas ao ir embora, para que uma assembleia se as crianças não decidem sobre horários, espaços ou interesses? Qual função da assembleia e por que a escola é considerada democrática? Os espaços são pensando para desenvolver habilidades das crianças, principalmente a partir da arte e do movimento corporal, o fato de terem tantas atividades me deixou muito entusiasmada, porém a questão da democracia e autonomia não ficou clara. No mínimo duas vezes por semana visitam o Parque Água Branca.

Durante a apresentação para o grupo da E.C. 209 Sul as professoras não prestaram atenção, ficaram conversando, mexendo no celular ou arrumando o material das aulas. Ao final da palestra apenas a professora Silvia e Regina se sentaram com o grupo da UnB e conversamos sobre as possíveis possibilidades no Projeto Autonomia pelo turno da manhã. Silvia nos falou sobre os pontos que tinha anotado durante a apresentação e como a biblioteca é um espaço importante na formação das crianças.

No dia 12 de setembro de 2012 na reunião posterior à apresentação da pesquisa, as professoras não compareceram na reunião pedagógica, segunda a Regina Freitas as outras professoras questionaram a relação da apresentação sobre os Românticos Conspiradores com

as atividades do Projeto Autonomia.

Falamos do nosso incômodo com a situação e a professora Regina Freitas apresentou uma carta escrita pela professora Silva – que não apareceu por estar de abono – dirigida ao grupo da UnB.

Disse na carta que o grupo não era parceiro das professoras, pois só criticava todas as atitudes e metodologias desenvolvidas por elas, explicou que se a desistência era grande com certeza era por causa das excessivas críticas que o grupo despejava nas reuniões. Acrescentou que o interesse da UnB na escola era para seus estágios e pesquisas, também falou que as falas em reuniões são contraditórias ao projeto, citando duas: “não sei mediar conflito de aluno” e “Eu vou propor o que fazer”.

Após a leitura da carta falamos do nosso incomodo e desorientação, pois para muitos a comunicação havia melhorado, explicamos o motivo da palestra sobre os Românticos Conspiradores e continuamos a reunião pedagógica extremamente magoados.

Apesar de falarmos sobre o desenvolvimento das atividades nos dois turnos, voltamos a questionar a falta das professoras para um bom resultado com os alunos. Como poderíamos pensar formas de melhorar a dinâmica ou solucionar problemas de relação se o grupo se recusava a sentar e pensar junto? Responsabilidade e colaboração é uns dos princípios do projeto. As professoras conviviam com as crianças todos os dias, já as estagiarias os via no máximo duas vezes por semana. Gostaríamos de compartilhar novas possibilidades do turno da tarde e desenvolvimento das crianças nas oficinas, mas as professoras não estavam lá.

O grupo saiu muito desmotivado para a reunião semanal na UnB. Ao perceber o clima de desânimo e angústia, na reunião do dia 19 de setembro, a professora Maria Alexandra Militão Rodrigues propôs uma atividade com desenhos, escritas e interpretações coletivas sobre os sentimentos do grupo em relação ao andamento do projeto.

Nessa mesma semana o pequeno grupo de pais que estava na gestão da Casa dos Pássaros nos avisou que a associação fechara as portas e os passarinhos já estavam em processo de transição para outras escolas.



Figura 51 – Desenhos dos sentimentos do grupo-Reunião Projeto Autonomia – Faculdade de Educação 5 – Sala LAOS – 19/09/2012.

Fonte: Flávia Duarte.

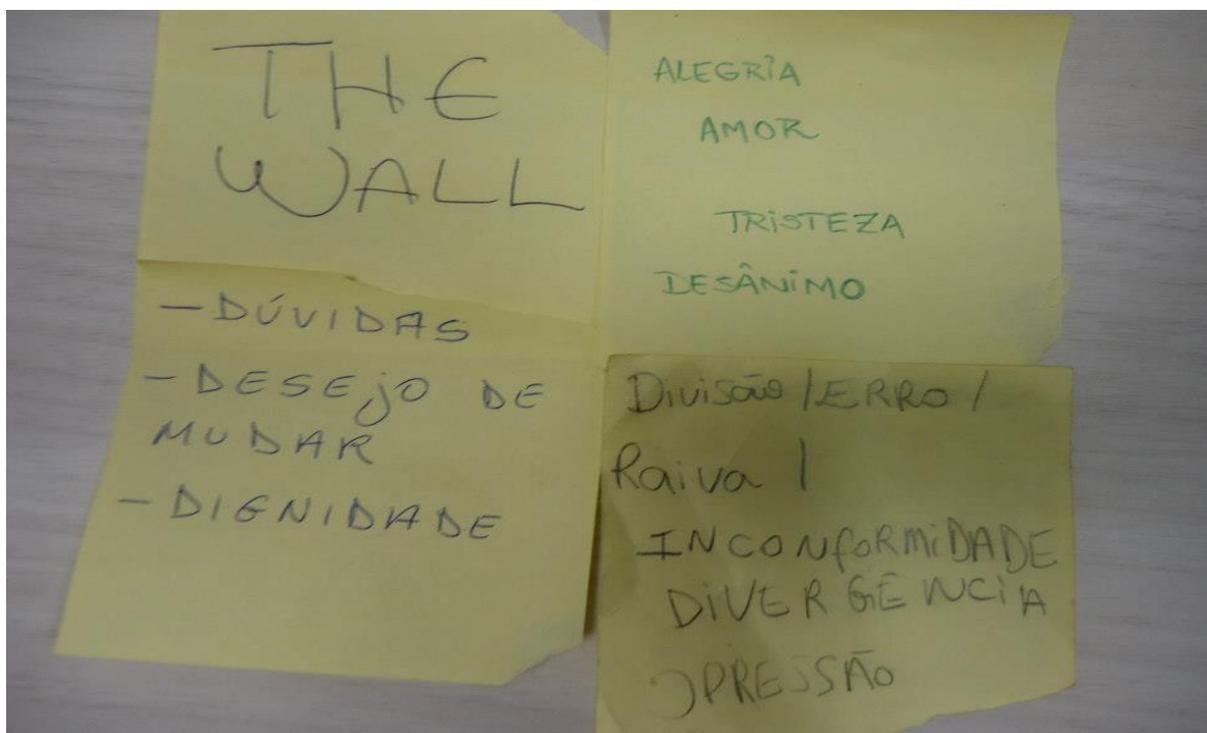


Figura 52 – Expressão escrita dos sentimentos do grupo Reunião – Faculdade de Educação 5 sala LAOS – 19/09/2012.

Fonte: Flávia Duarte.

A partir da atividade desenvolvida na reunião o coletivo do Projeto resolveu escrever uma carta e entregar ao grupo da E.C. 209 Sul, e esperar que assim abra se um diálogo mais sincero para decidir os rumos do projeto dentro da escola.

Ainda estamos na metade do semestre e tivemos um conflito muito sério de comunicação, será que os dois grupos conseguirão reconstruir caminhos juntos?

4.7 4ª. Carta ao Emílio

Emílio,

Sua sobrinha está correndo pela varanda como uma doida! Comentei que iria te escrever e ela está a caçar de mim, “onde já se viu escrever cartas hoje em dia?” Posso com isso?

Apesar de ter ficado aqui poucos dias, já sinto falta do cheirinho do seu café e o som do violão. Ontem encontrei materiais novos sobre o Autonomia, por isso resolvi contar logo sobre o semestre de 2012, pelo o que eu achei guardado.

As atividades começaram fervilhando, existia uma enorme pluralidade de estagiários, lembro que todos estavam muito felizes e empolgados! Loucos para começar a intervir na escola. Tinha um grupo da UnB que ia pela manhã e outro pelo turno da tarde. Nessa nova organização, não havia muitas pessoas pela manhã, mas recorde de apenas uma professora dentro de sala acolher alguém do projeto. Meu querido, as relações com os professores da escola eram muito delicadas, apesar de falarem que queriam a presença mais direta da Universidade dentro da sala, também não abriam espaço para que entrássemos na sala com eles. Não queríamos avaliar as professoras, queríamos construir algo novo com elas, produzir conhecimento de forma coletiva. O distanciamento inicial ou medo era aceitável no início do projeto, pensávamos que a confiança já estava construída. Porém o peso que a instituição “universidade” carregava gerava de certa forma esse recusa velada de terem as estagiárias dentro da sala. Querido Emílio, temos que nos recordar que historicamente a relação universidade x escola foi também construída de forma verticalizada, a universidade como “dona” e produtora da ciência e a escola como reprodutora do que a universidade oferece, por isso essa dificuldade no diálogo do “fazer junto” entre professores e o grupo da universidade, mesmo que esses últimos tentassem mostrar nos encontros semanais que estavam propondo um relação horizontal de parceria.

A dificuldade de unir teoria e prática foi um dos desafios desde o começo do projeto, escutávamos sempre que “a teoria diz isso, mas, na prática não é assim”. A formação dos professores é uma atividade prática, no dia-a-dia de agir, refletir e então recriar essas práticas, ou como Paulo Freire diz é uma práxis educativa. A experiência por si não produz um aprendizado, a consciência das ações e reflexões da mesma que conduzem a um novo fazer pedagógico. Nessa busca levávamos pessoas inspirados para dialogar, a partir das experiências de todos os envolvidos, e então mostrar outras práticas transformadoras.

Por outro lado as oficinas com as crianças eram riquíssimas, os estagiários desenvolviam atitudes de respeito, solidariedade e inclusão buscando sempre de pouco em pouco construir a autonomia no grupo, afinal a “gente vai amadurecendo todo dia, ou não. É neste sentido que uma pedagogia da autonomia tem de estar centrada em experiências estimuladoras da decisão e da responsabilidade, vale dizer, em experiências respeitadas da liberdade (FREIRE,P. 1996, p. 107).”

Entretanto, Emílio, você deve estar a se perguntar por que ainda não existia essa relação de confiança? Essa era uma das questões que discutíamos semanalmente em reuniões e em um grupo, quase secreto, intitulado “petit comitê”, formado pelas pessoas que estavam há mais tempo no projeto, na verdade as pessoas que estavam no projeto praticamente desde o início, falávamos de

angustias, tristezas, avanços e refletíamos muito os acontecimentos do projeto a partir de um olhar quase que histórico das relações construídas.

Ao propormos mudança nas relações com aprender, também questionávamos o papel do educador: qual a necessidade de reflexão para um profissional reprodutivista? A atividade de pesquisa não era estimulada no ambiente escolar, a busca de novos olhares científicos a partir das inquietações provocadas pelo fazer diário não era um hábito comum nas rodas de bate-papo dos professores. A nossa chegada também provocava uma mudança de postura do educador com a sua relação de pesquisador do próprio fazer no trabalho.

As atividades com as crianças eram muito estimulante, o problema eram as relações com os professores, de certa forma eles desqualificavam o nosso trabalho ao perguntar o que exatamente fazíamos na escola, ao dizer que chegávamos atrasados - alguns não se atentavam aos diferentes horários dos estagiários - e acharem que o grupo não possuía “prática” escolar.

Querido, alguns encontros foram bem difíceis, a universidade entrou na escola a pedido dela por uma demanda da sociedade - os pais que no começo do projeto viram a importância da universidade, promotora de novos conhecimentos, ser aliada de espaços de reflexão e questionamentos na escola e assim impulsionar a transformação de hábitos. Vale lembrar que não estávamos no Projeto apenas como “universidade”, éramos pais, filhos, alfabetizadores, pesquisadores, futuros professores, antigos professores, educadores, pessoas que passaram pela escola – como estudantes e professores- e vivenciaram suas diversas práticas, boas ou ruins. Não apenas já tínhamos sentido na pele a forma (ou melhor forma?) que a instituição promovia por meio de currículos unificados e pouquíssimos espaços para as crianças buscarem seus interesses e formas de aprender, como sabíamos de outras escolas que mudaram tudo isso, escolas democráticas e felizes! Mas estávamos no grupo para construir junto, fomentar um pensamento comunitário assentado por “relações simétricas com tomada de decisões compartilhadas e com ampla participação.” (PACHECO.J.2010, p.109.)

Foram momentos difíceis, com pouca parceria dentro da escola - que o Projeto atuava. Mas querido, as poucas pessoas que realmente acreditavam e buscavam uma formação para mudar suas práticas, nos rendiam avanços incríveis, principalmente no modo que as crianças encaravam o “adquirir conhecimento”, organizando suas pesquisas, seus horários e assim elas foram “aprendendo a aprender”, mas não só as crianças, todos que participavam dessa prática. Por meio de uma professora que ficava na sala de recursos, o projeto conseguiu avançar para dentro da sala de aula, e apesar de começarmos por temas pré-estabelecidos pelo currículo, já vislumbrávamos um pouco da escolha das crianças e um começo de respeito e inclusão ao trabalho coletivo em grupos diversificados.

Participei desse momento, era incrível e desafiador, as crianças não eram acostumadas com esse novo “aprender a aprender”, então a metodologia e organização de cada grupo, de cada criança, era pensada e repensada em todos os momentos por elas e por nós, tutores-professores. Ninguém nasce autônomo meu querido, mas nas relações, nas trocas, no errar vamos aprendendo o valor da liberdade, da escolha e de formação para cidadania.

Tudo que aconteceu foi essencial para o modelo de sociedade que temos hoje e que você, querido neto, participa e usufrui.

Antes que me despeça, é bom destacar que o Projeto tinha como um dos objetivos mais importantes mudar a escola como um todo, não era simplesmente – não que seja simples- trabalhar por meio de um tema transversal ou aplicar uma técnica. O Autonomia inovou ao questionar a sociedade por meio da escola, das relações e da forma de aprender. Convidados, entramos na busca de um diálogo para repensar toda a estrutura escola: currículo, espaços, tempo, função, conceitos, relações e etc.

Já escrevi muito, aguardo novos questionamentos para continuarmos o diálogo...

Com carinho, Tata Rafa

REINICIANDO A RODA

A pesquisa não foi fácil e tenho certeza que ainda podemos descobrir muita coisa envolvida na história do Projeto, porém a narrativa construída e unida nesse trabalho só me traz uma grande sensação de admiração a todos que pelo Autonomia se doaram de alguma forma.

Ao reler o trabalho e escrever as cartas ao meu tataraneto fictício “Emílio” percebi brechas abertas e ideias perdidas nessas falas de vários atores que entraram e saíram durante os quase dois anos do Projeto Autonomia, também com auxílio dos teóricos compreendi dificuldades nas trilhas percorridas. Agora com um material organizado posso recolocar na roda, algumas dessas ideias perdidas, para pensarmos um novo construir.

Apesar de termos alguns dispositivos e princípios a nossa proposta de trabalho não está pronta, e acreditamos que ela nunca estará, pois a educação é uma prática continuada e como práxis se refaz a cada dia, a cada nova teoria-ação-reflexão.

A educação está em constante mudança e a cada dia surgem novas ideias, métodos, processos e ideologias, entretanto a história da educação nos mostra que esses novos caminhos levam tempo para resultarem realmente em uma transformação dentro da sala de aula. Acredito que a parceria entre universidade-escola-sociedade poderá catalisar essas transformações, atendendo à formação mais ativa, responsável e criativa de todos os envolvidos, pois quando queremos mudar a escola, temos que transformar todos que nela estão.

Escrever sobre o Projeto Autonomia foi uma forma de prestigiar não só o extenso grupo de conspiradores, mas também outros perdidos no mundo, que acordam todo dia e transformam – muitas vezes sozinhos – as relações dentro da escola.

Almejo que o trabalho também inspire novos educadores a questionarem, assim como o grupo do Autonomia, práticas atuais da escola na busca de um novo fazer. Afinal espero uma escola diferente da atual aos “Emílios” que já estão no mundo.

“O homem nasceu para aprender, aprender tanto quanto a vida lhe permita.”

João Guimarães Rosa

PERSPECTIVA

Escolhi o nome desse capítulo apenas como PERSPECTIVA, pois acredito que a palavra PROFISSIONAL acaba delimitando um pouco o meu conceito de perspectiva. Quando se fala em perspectiva vem a minha cabeça a probabilidades do que pode acontecer, a construção que imaginamos para o plano de nossas vidas. Escrever em um trabalho, em um documento que será lido e guardado é uma grande responsabilidade, mas uma responsabilidade que devo ter comigo, antes de tudo, na tentativa de conseguir realizar meus sonhos, alguns tão meus que não serei capaz de escrever aqui.

Ainda não sei se escolhi a educação ou a educação me escolheu, mas sinto que estou no lugar certo. É isso que gosto e nessa área que me dedicarei, por isso a primeira e acho que única certeza que tenho é seguir, profissionalmente, na área de educação e lutar muito para que o “mundo real” não me mude de caminho.

Gostaria de aprofundar os estudos sobre práticas inovadoras no mestrado. Apesar de muitas vezes a escola me impedir de gostar de estudar, sei hoje que gosto muito de roda de diálogos, grupos de leitura, fóruns, oficinas, construção de pesquisas, “experiências educacionais inovadoras” e pessoas – e suas possibilidades nem sempre tão boas - assim também espero nunca parar de estudar, mas um estudo que também agregue aos outros de alguma forma.

Pretendo continuar, se o grupo assim também optar, com os encontros do Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação e Práticas Inovadoras e a parceria com o Projeto Autonomia, torcendo para que esse voe e se reproduza cada vez mais vezes e mais rápido.

Não posso negar minha veia de movimentos populares, pretendo ter mais tempo para me envolver e ajudar a construir os grupos que acompanho: a Rede de Educação Cidadã, os Articuladores Populares e os Românticos Conspiradores.

Gostaria ainda de trabalhar na escola pública e dentro desta poder me unir a outros educadores iguais a mim, então, coletivamente conseguiremos transformar a prática de educação que impera atualmente.

PARTE 3

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Artigos

LUZ, M. R.; BAUER, M. Z.; SANTOS, T. S. **Docência compartilhada: da reflexão à ação**. 2009. Disponível em: <<http://romanticos-conspiradores.ning.com/page/livros-e-artigos-para-download>>. Acesso em: 12 out. 2012.

- Documentos

BESSONI, C.; DUARTE, F. **Diário de Bordo Oficina de Sons**. Projeto Autonomia, 2012.

BESSONI, C.; DUARTE, F.; OLIVEIRA, W. **Diário de Bordo Coletivo Oficina de Batucada**. Projeto Autonomia, 2012.

BRAGA, A. **Relatoria das Reuniões**. Faculdade de Educação. Universidade de Brasília. Brasília, 2012.

CERVEIRA, R. S. **Diário de Bordo do Projeto Autonomia**, 2012.

CERVEIRA, R. S.; CARVALHO, J. **Diário de Bordo Coletivo Oficina Perguntas e Ideias**. Projeto Autonomia, 2012.

CRUZ, M. **Relatório da disciplina Fundamentos de Desenvolvimento e Aprendizagem**. Instituto de Psicologia. Universidade de Brasília. Brasília, 2011.

EMENTA da disciplina Projeto 3. Disponível em: <http://www.serverweb.unb.br/matriculaweb/graduacao/disciplina_pop.aspx?cod=194689>. Acesso em: 10 out. 2012.

EMENTA da disciplina Projeto 4. Disponível em: <<http://www.serverweb.unb.br/matriculaweb/graduacao/disciplina.aspx?cod=194760>>. Acesso em: 10 out. 2012.

GOUVEA, S. **Relatório Final de estágio de Licenciatura**. Instituto de Psicologia. Universidade de Brasília. Brasília, 2011.

LOBO, P. **Diário de Bordo Oficina Contação de Histórias**. Projeto Autonomia, 2011.

LIMA, C. **Relatório Final de estágio de Licenciatura**. Instituto de Psicologia. Universidade de Brasília. Brasília, 2011.

LOBO, P.; MONCADO, F.; SALGADO, F. **Diário de Bordo Coletivo Oficinas Contação de Histórias e Ateliê Criativo**. Projeto Autonomia, 2012.

MOTA, A. **Relatório Final de estagio de Licenciatura**. Instituto de Psicologia. Universidade de Brasília. Brasília, 2011.

OLIVERIA, W. **Diário de Bordo Oficina de Teatração**, Projeto Autonomia, 2011.

PRANDI, D.; CARVALHO, J. **Diário de Bordo Coletivo Oficina Perguntas e Ideias**. Projeto Autonomia, 2012.

Projeto Educativo Casa dos Pássaros, 2010. 6p.

Projeto Autonomia, 2010. 21p.

RODRIGUES, M.A.M. **Relatório da Coordenação PEAC Dialogos com experiências educacionais inovadoras**. Faculdade de Educação. Universidade de Brasília. Brasília, 2011.

_____. **Relatório final do curso de extensão**. Faculdade de Educação. Universidade de Brasília. Brasília, 2011.

SIGPROJ. **Formulário de Cadastro do Curso de Extensão Diálogos com experiências educacionais inovadoras**, 2011.

- Ensaio

RODRIGUES, T. C. **Vivendo e Aprendendo a ser Educadora: diálogos com memórias e práticas educativas de uma escola de educação infantil**. Brasília, 2011.

- Entrevistas

ALMEIDA, Gabriela. 09 de maio de 2012. Entrevista concedida a Rafaella Cerveira.

ARRAES, Juliana. 09 de maio 2012. Entrevista concedida a Rafaella Cerveira.

RODRIGUES, Tamine Cauchioli. Entrevista concedida a Rafaella Cerveira .

PADILHA, Mônica. 15 de maio de 2012. Entrevista conceida a Rafaella Cerveira.

- Livros

BARBIER, René. **A pesquisa-ação**. Trad. de Lucie Didio. Brasília: Liber Livro Editora, 2007.

CANÁRIO, R.; MATOS, F.; TRINDADE, R. (Orgs.). **Escola da Ponte: defender a escola pública**. Porto/Portugal: Profedições, 2004 Disponível em: <http://sigarra.up.pt/fpceup/pt/publs_pesquisa.FormView?P_ID=25961>. Acesso em: 12 out. 2012.

ÉBOLI, M. T. M. **Uma escola diferente**. São Paulo: Editora Nacional, 1969.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. **Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar**. São Paulo: Olho D'água, 1997.

MENGA, L.; MARLI, E. D. André. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

NEIL, A. S. **Liberdade sem medo**. 15. ed. São Paulo, IBRASA, s. d.

PACHECO, José. **Escola da Ponte: formação e transformação da Educação**. 3. ed. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2010.

SANTOS, B. S. **A Universidade no século XXI: para uma reforma democrática e emancipatória da universidade**. São Paulo: Cortez, 2005.

PIMENTA, S. G.; GHEDIN, E. (Orgs.). **Professor reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um**

conceito. São Paulo: Cortez, 2002.

- Redes virtuais

GOOGLE. Grupo: <proj_autonomia@googlegroups>. Discussões entre 28 janeiro 2011 – 19 setembro 2012.

_____. **Projeto Autonomia: diálogos com experiências educacionais inovadoras** <projeto-autonomia-22011@googlegroups>. Discussões entre 23 de setembro de 2011 – 03 de outubro de 2012.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB. Ambiente Aprender. **Diálogos com experiências pedagógicas inovadoras**, 2011.

_____. **Diário de Bordo Coletivo**, 2011.

_____. **Fórum: Eu sei/Eu quero saber sobre a Ponte**, 2011.

_____. **Fórum: Re-encanto**, 2011.

_____. **Fórum: Encontros do Segundo Semestre**, 2011.

- Revista

SILVEIRA, C. P. Uma contribuição para o estudo do ensaio avaliativo. **Revista Letras**, Santa Maria, v. 2, p. 47 -55, jul./dez. 1991.

- Textos

DEX. **Manual de Extensão**. Universidade de Brasília. Brasília, 2011.

- Youtube

CERVEIRA, R. S.; CARVALHO, J. **Projeto Autonomia – oficina perguntas e ideias 2012**. 2012. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=SJUtZocbN5w>>. Acesso em: 07 out. 2012.

_____. **Projeto Autonomia 2012**. 2012. Disponível em:
<<http://www.youtube.com/watch?v=RrjhDM4kp0U>>. Acesso em: 07 out. 2012.

ANEXOS

ANEXO “A” – Primeira Versão da Proposta do Projeto Autonomia

Projeto

Autonomia

Proposta: Implementação de uma metodologia pedagógica numa escola pública do Distrito Federal

Brasília, setembro de 2010

“O saber que é absorvido em desmedida e sem fome, e até contra a necessidade, já não atua mais como motivo transformador”

Friedrich Nietzsche

Projeto Autonomia

I. JUSTIFICATIVA

Ao longo da história da educação no Brasil muitos esforços foram despendidos na democratização do conhecimento. Alguns nomes fizeram da sua história política essa luta, contribuindo enormemente com seu avanço nas últimas décadas. Darcy Ribeiro, Anísio Teixeira e Paulo Freire, fazem parte desse grupo de batalhadores. Mas não foram só eles. Afinal grande parte desse trabalho foi feito pelos ativistas e/ou servidores públicos que, durante anos, lutaram, e continuam lutando, para que as pessoas tivessem acesso à escola. Muitos se envolveram com essa luta. Crianças, jovens, adultos, homens e mulheres e senhoras, pobres e miseráveis. Todos!

Agora temos escola. Isso é muito. E é também o mínimo que uma sociedade democrática pode oferecer. Mas não basta.

O grande paradigma da atualidade é **como educar** nesses tempos de “modernidade líquida” (Zygmunt Bauman), ou de “desmodernização” (Alain Touraine), quando nada parece concreto nas relações humanas, nos valores, na tecnologia e no saber.

A questão do **como educar** que, na verdade, não é nova, esbarra em problemas cotidianos e profundos do nosso processo educativo, como o analfabetismo funcional, a falta de interesse da criança pelas aulas, a evasão escolar, o *bullying*, entre outros.

Muitas das críticas são remetidas à forma de organização da escola, da sala de aula e da própria aula.

Na sala de aula, onde a criança vai aprender a lidar com o conhecimento, a estrutura é muito definida. A aquisição e os modos de interpretação das novas informações, de um modo geral, são trabalhados exclusivamente através do professor. Entretanto, a criança precisa do conhecimento para explicar o seu mundo e para expandi-lo. Seu universo precisa ser conhecido e vivido sem que isso se torne um processo doloroso ou que exija enorme sacrifício, de tal forma que as escolhas sejam produto de uma bem desenvolvida capacidade de discernimento. A apropriação de suas escolhas – ou a posse do poder modificador de seu mundo – marca o início da sua responsabilidade sobre elas mesmas.

Assim, a intensa transformação corporal, emocional e intelectual vivida por uma criança exige um condutor que, conhecendo as possibilidades, seja capaz de optar conscientemente e responder por estas opções. Esse condutor só pode ser a própria criança.

Para que o processo seja legítimo, o aluno precisa ser co-partícipe do seu processo de aprendizagem. Nosso dever é colaborar para que ela seja capaz de conquistar sua autonomia. Para isso, precisamos criar esse espaço na Escola.

A partir dessas reflexões, uma escola de Portugal, a Escola da Ponte, implementou um novo e bem sucedido método de aprendizagem. Também conhecida como “EBI Aves/São Tomé de Negrelos”, ela inovou na metodologia de funcionamento escolar ao dividir essa responsabilidade com a criança. Sua relevância foi reconhecida e numa dimensão tão revolucionária que hoje é a única instituição portuguesa de ensino citada nominalmente pela Constituição do país. Essa escola é fonte de inspiração para outras no mundo. No Brasil, a experiência mais próxima é da Escola Municipal Desembargador Amorim Lima, em São Paulo.

A bem da verdade, o Projeto Autonomia também toma como base a escola “Vivendo e aprendendo”, localizada na 604 Norte, uma experiência pedagógica de sucesso desenvolvida há 28 anos. A Vivendo tem similaridades com a Escola da Ponte, embora tenha desenvolvido seu projeto por caminhos paralelos. Dela estamos incorporando vários elementos e dispositivos da sua metodologia. A Vivendo, que não é uma empresa, mas uma associação de pais, sem fins lucrativos, é referência nacional em termos de pedagogia infantil.

Dentro deste contexto, o Projeto Autonomia visa contribuir com a rede pública de educação do Distrito Federal ao propor, na prática, uma metodologia de ensino com base na construção da autonomia, da solidariedade e da responsabilidade. Para tanto, objetiva-se criar um projeto piloto apoiado pedagogicamente na Escola da Ponte de Portugal.

Serão trabalhados os **Dispositivos** e métodos de intervenção pedagógica que se entrelaçam e se relacionam criando um espaço aconchegante, emocionalmente amistoso e intelectualmente estimulante. Assim deve ser a escola.

Sua meta - ambiciosa e necessária - é contribuir com a formação de indivíduos criativos, responsáveis, solidários e autônomos.

Partimos de alguns pressupostos. Um deles: o conhecimento humano é infinito. Ninguém vislumbraria a possibilidade de nós, que somos a humanidade, pararmos de aprender. Dada a quantidade de informações estruturadas, é impossível que alguém alcance sua completude. Mais do que dar informações, a escola tem que se dedicar a viver com o aluno o seu processo de construção e consolidação do conhecimento. Aprender a aprender – como disse Paulo Freire.

Autonomia, Solidariedade, e Responsabilidade.

Esses são os princípios perseguidos pelo nosso projeto na escola pública!

II. OBJETIVO GERAL

Refletir, na prática, na rede pública de educação do Distrito Federal, quanto a uma metodologia de ensino com base na construção da autonomia, da solidariedade e da responsabilidade, tendo a criança como co-participante do processo de construção do aprendizado, com o suporte pedagógico da Escola da Ponte de Portugal.

III. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Implementar o projeto em duas salas de aula de escolas da rede pública do Distrito Federal, com turmas de 15 a 20 crianças, durante o ano letivo de 2011.

IV. CARACTERÍSTICAS PEDAGÓGICAS

Inclusão

Considera-se que todas as crianças possuem algum tipo de necessidade especial. Claro que algumas precisam de uma atenção específica. Outras, porém, têm dificuldades que nem sempre são visíveis aos pais e educadores. Algumas crianças não escutam, outras não falam, outras possuem uma evidente e diagnosticada alteração no processamento da informação, como o autismo por exemplo. Para essas e todas as crianças a escola precisa primar por **dispositivos** e métodos que permitam a interação formal e social. Por isso, a formação do grupo heterogêneo que começará o dia, deve ter crianças de diferentes idades e essas crianças com necessidades especiais identificadas compartilhando a mesma mesa de estudo. Esse processo é visto como extremamente eficiente para contribuir com cenários inclusivos (Pacheco, *et al.*, 2006)

A escola deve ser moldada para existir para todos. Todos devem ter espaço na escola. O apoio de profissional específico e ambientações coletivas devem ser utilizados. A linguagem Bliss⁹ deve ser utilizada e dada como opção para todas as crianças.

O grupo de estudo deve abordar as questões específicas de cada um de forma que todas as crianças possam entender e ser solidárias com a especificidade do outro. A escola deve se moldar para que todas as crianças se sintam bem, se sintam acolhidas no ambiente, sendo tratadas com o carinho que toda criança precisa.

Além disso, para constante aprimoramento e atualização científica, os educadores devem fazer parte de grupos especiais de discussão com universidades parceiras.

Autonomia

O desenvolvimento da criança deve ter um indivíduo especialmente ativo nesse processo: a própria criança.

A escola precisa focar em como colaborar no processo de transformação da criança em um pesquisador. A criança deve aprender na escola como elaborar suas questões, como procurar os materiais de pesquisa e como interpretá-los.

Para a vida em sociedade, o indivíduo precisa ter capacidade de argumentação, o que se consegue com a criatividade, a escuta e a resposta. É preciso incentivar e criar uma estrutura adequada na escola para que a criança possa resolver seus conflitos argumentativamente, sem violência. Colaborar com indivíduos assim é ajudar a esse ser autônomo. O conhecimento é um caminho e cada um seguirá o seu. A criança precisa sair da escola sabendo caminhar.

Solidariedade

Conviver com as diferenças não pressupõe a segregação dos diferentes, pelo contrário. Na sociedade vive-se a diferença; o que não existe é o igual. Cada indivíduo é único e pode até se assemelhar fisicamente com outro, mas culturalmente sempre será diferente de um terceiro.

⁹ Linguagem Bliss é uma linguagem de sinais utilizada por deficientes auditivos.

O modo de se ensinar a solidariedade é vivendo de forma solidária.

Os exemplos de solidariedade neste projeto se encontram nas várias estruturas organizativas e nos **dispositivos** pedagógicos (que veremos a seguir). Um deles é a formação de grupo heterogêneo, onde três ou quatro crianças com idades diferentes se reúnem; neles interações informais e formais ocorrem frequentemente, diariamente, e a cada minuto. A possibilidade da criança exercer o papel de ensinar é extremamente positiva para quem ensina e para que seja ensinado por ela – já que este último dispõe de uma linguagem compatível. Não é possível inclusive definir quem é mais beneficiado nesse jogo de solidariedade. Todos ganham muito.

A compreensão dessas diferenças e o ambiente de apoio à colaboração, do mesmo modo que o trabalho em grupo e os projetos contribuem para uma participação solidária, pois nesses a cooperação é vista como necessária.

Para existir solidariedade entre indivíduos é preciso que esses se conheçam, que dialoguem (outro conceito de Paulo Freire). A escola deve propiciar tal interação na sua estrutura, e ser flexível o suficiente para que os atuais participantes possam moldar a escola de acordo com as suas necessidades – sem, contudo, distanciar-se dos seus princípios. O necessário processo de diálogo promove uma rede de interações que atuam como uma forma de manter indivíduos próximos. Essas interações sociais ultrapassam fronteiras e se tornam parte da vida de todos os envolvidos

Responsabilidade

O ambiente escolar deve possibilitar à criança fazer “combinados” e que ela, ao participar da elaboração desses combinados, se sinta responsável por sua manutenção. Para isso, é preciso ter fóruns em que esses mesmos combinados possam ser discutidos; pois, de outro modo, se tornariam apenas imposições.

A responsabilidade da criança surge quando se acredita nela. A sua participação ativa tanto no seu próprio processo de aprendizado, como nos combinados e no respeito por sua liberdade de ação, é que permite que a criança se sinta parte do coletivo. É o compromisso assumido ativamente que produzirá o senso de responsabilidade tão necessário na formação do indivíduo. Os grupos de responsabilidade, os projetos e o formato verdadeiramente democrático no estabelecimento desses combinados são essenciais para essa formação.

Síntese

Para que as crianças sejam participantes do processo, acredita-se, não é apenas a matéria que deve ser interessante. A vontade da criança de fazer parte do grupo é essencial para que a mesma tenha interesse em participar das criações dos combinados e dos seus respectivos cumprimentos.

Outro fator que influenciará esse interesse da criança é o trabalho. Essa elaboração já foi idealizada e praticada por Freinet, apresentando-a como uma de suas invariantes

"10.a. Todos querem ser bem-sucedidos. O fracasso inibe, destrói o ânimo e o entusiasmo.

10.b. Não é o jogo que é natural da criança, mas sim o trabalho

Ou seja, quando a criança é apresentada à possibilidade de concretização de suas

teorias, ela responde com interesse e participação.

A elaboração e a solidariedade são os conceitos essenciais para uma escola, fazendo crianças e adultos, se entusiasmarem com o conhecimento.

11. Não são a observação, a explicação e a demonstração - processos essenciais da escola - as únicas vias normais de aquisição de conhecimento, mas a experiência tateante, que é uma conduta natural e universal.

12. A memória, tão preconizada pela escola, não é válida, nem preciosa, a não ser quando está integrada no tateamento experimental, onde se encontra verdadeiramente a serviço da vida.

13. As aquisições não são obtidas pelo estudo de regras e leis, como às vezes se crê, mas sim pela experiência. Estudar primeiro regras e leis é colocar o carro na frente dos bois."

FUNCIONAMENTO DA ESCOLA

I. OS CICLOS

A escola deve abordar a evolução e integração do aluno na comunidade onde o mais relevante não deve ser o conteúdo conhecido por esse, mas sim seu entendimento e atuação nos combinados para vida escolar e na utilização do espaço. Essa evolução se dará em três níveis: a Iniciação, a Consolidação e o Aprofundamento.

Na Iniciação

Toda criança que chega à escola pela primeira vez é encaminhada para um núcleo onde estão crianças nesta condição. Neste núcleo elas são alfabetizadas e começam a ser iniciadas nos hábitos e atitudes de auto-planificação - processo que leva à elaboração de um plano de estudos quinzenal e à autonomia. Neste núcleo os professores costumam ser um pouco mais diretivos que nos outros núcleos; é um trabalho de paciência e constância. Não acontece da noite para o dia; não tem milagre. Tem um cotidiano de resistências para ser vencido um dia de cada vez. Idade não é o critério. Maturidade para a autonomia é o critério. Crianças com 7 ou 8 anos já podem estar prontas para avançarem de forma mais autônoma, enquanto que outras não. A maioria das crianças desse núcleo tem a idade de 6, 7 anos, mas muitas com 8, 10, 12 anos ou mesmo mais, podem estar aqui.

Na Consolidação

Quando as crianças já são capazes de trabalhar em grupo, de efetuar pesquisas, de fazer auto-planificação e auto-avaliação, bem como de dominar um determinado número de objetivos nas diferentes áreas do currículo, passam a gerir autonomamente os seus tempos e espaços de aprendizagem naquilo que os alunos designam por "trabalhar em liberdade e com categoria". No Núcleo de Consolidação, os alunos solidificam as competências básicas adquiridas no Núcleo de Iniciação e procuraram atingir, nas diferentes áreas curriculares, os objetivos de aprendizagem apresentados pelos parâmetros curriculares. Essa divisão não é absolutamente estanque e cada caso é um caso que é analisado detalhadamente.

Ressalta-se que:

1. no projeto de origem, advindos da Escola da Ponte, consta outro núcleo que é o do Aprofundamento. Entretanto para esse projeto inicial não será abordado tal núcleo.
2. todas as crianças, ao menos nos primeiros seis meses, estarão no núcleo da Iniciação. Após algum tempo não determinado deverá se abrir o outro núcleo, o da Consolidação. Não se espera que nesse primeiro ano o aprofundamento seja implantado.
3. as turmas de várias séries deverão se ocupar de projetos comuns, mas as tarefas e objetivos curriculares serão diferenciados e de acordo com a séries que cursam.

II. DISPOSITIVOS PEDAGÓGICOS.

O dispositivo pedagógico é entendido como o suporte de uma cultura organizacional específica, sendo considerado, nesse contexto, toda e qualquer manifestação (identificada como rotina, estratégia, material, recurso...) que contribua para a produção, reprodução e transformação da cultura numa determinada comunidade educativa.

Para proporcionar um ambiente de diálogo, solidariedade e responsabilidade, é necessário que tenhamos esses Dispositivos incorporados à estrutura escolar.

Existem diversos dispositivos que foram mapeados para serem discutidos ao longo do processo.

Apresentam-se aqui alguns Dispositivos que serão inicialmente utilizados:

1) *Gostei / Não gostei.*

É um dispositivo no qual a criança é incentivada a falar sobre o que ocorreu com ele. Se gostou ou se não gostou. As atitudes que incomodam a criança (repreensão ou a agressão, por exemplo) pedem uma expressão que não seja a agressão. No caso, ela é estimulada a verbalizar o “não gostei”, fazendo-a perceber que essa resposta, dentro de um ambiente solidário, é mais eficiente que o apelo para a violência.

2) *O concordo/discordo.*

É um dispositivo através do qual os alunos podem expressar a sua opinião sobre o que está bem e mal na Escola. Podem ser expressos por bilhetes ou verbalizados nas discussões. Aqueles que exigirem uma mudança mais elaborada devem ser levados para a Assembléia.

3) *Grupos de responsabilidade.*

Várias atividades relacionadas ao espaço e ao convívio devem ser realizadas pelas crianças. Os grupos de responsabilidades atuam com focos definidos. Por exemplo:

- cuidar do jardim, manutenção do mural,
- limpeza (leve) da sala,
- criação do jornal,
- o repertório musical a ser escutado em sala e na escola.
- da apresentação, que cuida de mostrar a escola a pais e visitantes.
- do cinema, que pode promover filmes com alguma regularidade.
- etc..

Apesar dessas reflexões iniciais, é necessário que a identificação e definição dos grupos sejam feitas com as crianças. As limitações de espaço e de convívio é que serão determinantes para essas criações.

4) *Pedaço de mim.*

Sempre que alguém pretende partilhar algo de muito importante para ele, partilha-o através do Pedaço de Mim. Esta partilha pode ocorrer através de um mural, das rodas iniciais ou dos debates. O importante é que a criança saiba que existe um estrutural interesse em saber o que ela tem refletido, sua história e seus planos.

5) *Tutoria.*

No início do semestre, os alunos escolhem o seu tutor. Esse tutor deverá acompanhar individualmente o seu tutorado. De outro modo existe possibilidade dos pais, sempre que o pretenderem, expressarem sua opinião relativa à escolha efetuada. O tutor é o interlocutor privilegiado entre a escola e a família nos aspectos relacionados especificamente com cada tutorado.

6) *Grupo heterogêneo.*

Será formado um grupo de três a quatro crianças que se sentam juntas e estudam individualmente, mas próximo aos seus colegas. Na sua formação, privilegiam-se crianças de idades diferentes, incluindo uma criança com necessidades especiais em cada grupo.

Esse grupo pode ser alterado depois de alguns meses, mas isso deve ser avaliado no decorrer do processo. O trabalho em grupos heterogêneos apresenta-se como uma forma de contrariar a tendência para a uniformização dos alunos e de criar condições para a cooperação. Cada aluno define o seu percurso de aprendizagem de forma autônoma e responsável, sem prescindir da organização em grupos de trabalho cooperativo.

7) *Fórum dos educadores.*

Esse fórum deve se reunir semanalmente com o objetivo de discutir entre os seus integrantes as interações do grupo, e fazer uma análise do andamento do processo cognitivo e relacional. Todos os aspectos da vida escolar deve ser foco de discussão.

É importante ressaltar que a integração entre todos os educadores (professores e estagiários) ocorrerá através do fórum de educadores. Com ele será possível fazer uma avaliação mais completa da convivência e das crianças.

As crianças, por circularem em mais de um espaço, se relacionando com mais de um adulto, podem desenvolver diferentes percepções da escola e terem diferenciados relacionamentos com os educadores. Além disso, elas trabalham diferentes linguagens (musical, corporal, artes) com diferentes profissionais. Por isso, é essencial um fórum em que os educadores possam dialogar, o que possibilitará uma compreensão mais ampla do que ocorre no cenário infantil e seus atores.

Aqui também é onde os educadores pensam o planejamento do grupo considerando todas as dimensões do trabalho.

8) *Já sei / não sei / posso ajudar.*

No mural será disposto um quadro com todos os objetivos curriculares que a criança deve aprender. Esses são chamados de objetivos, que serão assinalados pelas próprias crianças indicando que um objetivo já foi aprendido por ela, se ela precisa de ajuda ou se ela se dispõe a ajudar alguém. Este dispositivo desenvolve a responsabilidade na aprendizagem. É através dele que cada aluno se propõe ser avaliado. Este é um momento que requer uma atitude de responsabilidade perante si e perante os outros. Posteriormente, um dos educadores efetuará uma avaliação junto à criança, registrando seu processo individual.

9) *Murais.*

Toda a informação que se pretende partilhada com todos os elementos da Comunidade Educativa será colocada nos diferentes Murais. Devem existir espaços para trabalhos individuais (caso do “Pedaço de Mim”), para a colocação dos objetivos curriculares, do “já sei/não sei/posso ajudar”, etc..

10) *Relatórios individuais e coletivos.*

A cada trimestre devem ser apresentados dois relatórios: um, tratando do grupo; outro, individual, sobre cada criança do grupo. O relatório do grupo deve ser debatido no grupo e o individual com os pais da criança.

11) *Plano quinzenal e diário.*

Os alunos escolhem as atividades a realizar durante uma quinzena e escrevem sobre isso. Diariamente, dependendo da disposição da criança, ela irá elaborar as atividades da quinzena que irá fazer naquele dia. No final de cada quinzena, ou do dia, os alunos avaliam o seu plano com o seu tutor, individualmente, ou em grupo. A gestão dos tempos e dos espaços é autônoma. Cada aluno e cada grupo escolhem com quem querem e onde querem trabalhar.

Uma outra forma seria a exposição dos parâmetros curriculares e a incorporação desses pelos próprios alunos.

Esse Plano trabalha inicialmente com um tênue senso de responsabilidade da criança. Sabemos que posteriormente ele será incorporado pela cultura. O tutor define junto com a criança e em comum acordo com ela os passos da próxima quinzena, nesse momento o compromisso da criança passa a ser com o educador e principalmente com ela mesma. Esse dispositivo é essencial para a criança apreender a noção de autonomia.

Nesse Dispositivo, o envolvimento da criança com o plano de trabalho por ela estipulado se dá de uma forma mais difusa. Todo o ambiente formado na escola, os grupos de responsabilidades, a proximidade com outras crianças engajadas, servem como estímulos para a criança dar importância e prosseguir no cumprimento de seu Plano.

O conteúdo em si pode ser interessante e apenas por isso a criança pode ter uma curiosidade em persegui-lo. Pode-se seguir uma forma elaborada na Escola Municipal Amorim Lima onde o conteúdo foi transformado em roteiros de pesquisa (anexo 1). Dessa forma, o que a criança iria trazer para o seu plano seria o tema e a partir daí teria uma série de questões a realizar.

Por outro lado, o que é feito pela Escola da Ponte é algo mais direto: expõem-se as matérias, os objetivos curriculares, e a criança escolhe as de seu interesse para aquela quinzena.

Para o nosso projeto, inicialmente serão apresentadas as duas opções. A criança pode ter como objetivo os roteiros de pesquisa, mas também pode se dedicar apenas às matérias isoladas, que serão entrelaçadas com a orientação e a discussão com o tutor.

12) *Projetos.*

Por projeto entende-se a construção e implementação de um trabalho de pesquisa; é a busca do saber. Ele pode ser desenvolvido por um grupo, ou individualmente. As crianças sempre estarão envolvidas com projetos. Não existem projetos pré-definidos, eles serão idealizados no dia-a-dia. Entretanto, a estrutura de funcionamento do projeto (elaboração, elaboração de hipóteses, etc.) tem uma estrutura de referência a ser seguida, como veremos logo a seguir. Este Dispositivo deve ser analisado periodicamente dado o seu extremo dinamismo e a necessidade de aprendizado de todos.

Prioritariamente, os projetos serão implementados em grupo, principalmente nas fases iniciais, conforme o roteiro abaixo:

1. Escolha do tema.
2. Elaboração das hipóteses sobre o tema.

O trabalho de pesquisa não depende de confirmação das hipóteses. Mesmo que elas não se confirmem a pesquisa pode ser qualificada e levada adiante. Mais importante é o processo, a metodologia de pesquisa do que a confirmação de hipóteses.

Esta é uma concepção epistemológica, referendada por autores como Max Weber, Joannes Hessen, F. Kerlinger (“Os cientistas desejam conhecer e compreender as coisas”), Paul Bruyne, Karl Poper, Antonio Cândido, entre outros, e é válida para todo trabalho científico acadêmico. Isto é, o projeto em que cada criança irá desenvolver deve ser considerado como um trabalho de pesquisa. Longe do rigor acadêmico, claro, dentro de uma forma prazerosa, mas também de busca do conhecimento.

3. Identificação de como desenvolver as hipóteses elaboradas.
4. Identificação do material a ser utilizado.
5. Desenvolvimento da interpretação do material.
6. Fechamento do projeto. Pode ser, entre outras formas, uma discussão coletiva, uma apresentação, um trabalho escrito.

Cada etapa apresentada tem seu próprio objetivo pedagógico e influencia no todo do funcionamento do projeto. As etapas apresentadas servem de referência na programação do grupo e nas questões que devem ser observadas na análise do próprio projeto. Não se deve ter nenhum tempo definido para organizar cada uma dessas etapas. Essas podem ocorrer em um dia ou menos ou em algumas semanas. O que deve ser observado é o como cada etapa se desenvolveu. Se houve envolvimento dos alunos, como foi essa participação, se houve tensão

na escolha e, também, como foi a atuação do educador, se foi intensa ou se apenas opinou em alguns momentos, etc..

Os projetos de pesquisa devem ocorrer continuamente.

Novamente, dependendo do tema, das pessoas envolvidas e do projeto, se individual ou coletivo, cada fase adotará um tempo diferente para ser realizada.

A escola deve ser um espaço onde as crianças possam perseguir perguntas por elas feitas e não apenas as impostas por terceiros. Aqui cabe uma ressalva, que define a participação do educador: ele pode, e deve, muitas vezes, conduzir o grupo de alunos, mas nunca impondo suas posições.

Um objetivo claro deve ser a promoção da auto-organização dos alunos. Talvez isto não se aplique aos primeiros projetos, mas o educador deve ter como meta falar o menos possível, para diminuir o seu papel de condutor. Essa prática deve ser coletiva e espontânea.

Existe uma inclusão dos pais nesse processo. Considera-se que nenhum educador terá todo o conhecimento necessário para conhecer todos os temas e conseguir refletir sobre eles. Principalmente nas etapas 3 (*Identificação de como desenvolver as hipóteses elaboradas*) e 4 (*Identificação do material a ser utilizado*), o educador deve trazer o tema proposto para os pais e a comunidade próxima e discutir com eles as questões elaboradas. Aqui os objetivos são: criar uma opção para que o educador amplie seus horizontes com relação às matérias propostas pelo grupo; relacionar intelectualmente os pais com seus próprios filhos; incorporar a cultura local às práticas da escola. Parentes (e não somente os pais), outros educadores, amigos e outras pessoas com interesses específicos, podem ser trazidas para esse momento; ele é apenas consultivo do educador e não define o método de realização do projeto, uma vez que o mesmo deve ser decidido pelo grupo.

Existem alguns bancos de projetos que são usados publicamente, como colocado nos anexos 2 e 3 e em outras bibliografias (Hernandes & Ventura, 1998). Salienta-se que esses projetos existentes já possuem uma pergunta e objetivos pré-definidos, o que pode ser positivo pela economia de tempo, mas, por outro lado, pode não refletir a curiosidade específica da criança.

Nos primeiros momentos do projeto, quando da definição do tema e da elaboração das hipóteses, estas devem estar desconectadas de um projeto definido. Uma vez que essas etapas forem cumpridas além da conversa com os pais sobre os interesses dos filhos, e outras ações, o trabalho do educador deve ser procurar nos bancos de dados existentes se há algum projeto adequado à situação. Novamente alertamos: os projetos já existentes não podem limitar a curiosidade da criança ou das crianças.

Por fim, salienta-se que o projeto não deve ter como foco o cumprimento dos parâmetros curriculares, mas apenas o faz quando essas matérias tem sentido com o projeto proposto.

13) *Conselhos de Projetos.*

Esse conselho é um dos espaços de diálogo entre os educadores, crianças, pais e a comunidade. O Conselho tem dois fóruns. Um é o de educadores e crianças, o outro dos educadores com os pais e a comunidade. O objetivo do primeiro é combinar os projetos de toda a turma e a discussão de como deve ser realizado. O Conselho com os pais é o espaço onde as idéias das crianças serão levadas aos pais e, em algum momento, para a comunidade,

de forma que eles possam contribuir com seu conhecimento e, principalmente discutindo os materiais, os métodos a serem empregados, e como podem ser realizadas as pesquisas. Com essas informações, os educadores voltam a conversar com as crianças com um maior conhecimento do tema. Pais e membros da comunidade podem participar da pesquisa a qualquer momento.

14) *diário de bordo.*

São anotações diárias feitas pelo educador. Não necessitam ser lidas por outras pessoas. Essas anotações irão servir como orientação e memória para o educador na elaboração dos relatórios individuais e coletivos; para as discussões com os pais e para o planejamento da turma.

15) *Assembleia.*

Fórum que reúne fundamentalmente as crianças. A princípio a mesma não ocorrerá em função do pequeno número de alunos. Todas as questões seriam resolvidas através dos debates diários. Se houver necessidade, pode haver um dia apenas para isso. De outro modo, também é um dispositivo que pode ser utilizado ao longo do ano, caso se verifique a necessidade.

III. AS UNIDADES EDUCACIONAIS E AS SALAS

Como já foi descrito, a divisão das salas será em dois Ciclos: Iniciação e Consolidação. Entretanto, começaremos apenas com a Iniciação, que visa o entendimento e incorporação da cultura da escola pelas crianças. No presente projeto, todos estão nessa fase.

A parte a questão pedagógica, em termos de infra-estrutura, pretende-se trabalhar com duas unidades educacionais distintas: as crianças deverão contar com o apoio, além da escola classe, de uma outra com mais espaço para a orientação de trabalhos associados à terra e educação ambiental (sala 2).

Independente do espaço, estaremos perseguindo a curiosidade (que muitas vezes será individual), da criança.

Esse “espaço verde” é onde as crianças serão orientadas para as questões da terra e natureza e também para atividades que requeiram mais espaço.

A unidade escolar “Escola classe” deve disponibilizar duas salas. Em uma delas, as crianças ficarão organizadas em grupo, sempre. Os murais serão compostos de trabalhos que as crianças farão no dia-a-dia, e dos objetivos curriculares a serem cumpridos.

A outra sala será disposta para as atividades das linguagens artística e corporal. O material produzido poderá estar exposto, de fácil visualização e acesso. As atividades de teatro, pintura, argila, etc. devem ocorrer nessa sala.

Propomos, na semana de cinco dias, que a criança freqüente a:

Escola-classe: três dias por semana

Espaço verde: dois dias por semana.

IV. PARÂMETROS CURRICULARES

A escola deve objetivar a criação e a manutenção de um espaço onde a vivência seja prazerosa para todos os envolvidos. Esse ambiente deve ser amistoso, propício aos diversos tipos de diálogos necessários, as reflexões em grupo e individuais e a cooperação.

Nesse contexto deveremos ter duas formas de apropriação dos conteúdos apresentados pelos parâmetros curriculares. Cumprimento de objetivos curriculares pela planificação e Projetos. Fazemos notar que o aprendizado das matérias não é o único propósito desses dispositivos, mas apenas um deles. Outros objetivos podem ser mais relevantes; como a promoção da cooperação, incentivo à argumentação e ao respeito, a discussão em grupo e a inclusão.

V. HORÁRIOS

Os horários serão flexíveis. Um dos princípios da escola é a autonomia, o que significa que as crianças podem escolher o **seu** momento mais adequado para cada uma das **suas** atividades. Entretanto, os momentos de artes e da linguagem corporal devem ter horários fixos, por uma questão própria de mobilização das crianças e da utilização do espaço. Além disso, enquanto existir apenas o ciclo de Iniciação, essa etapa possui características de convivência coletiva com o trabalho do educador mais diretivo.

Pretende-se que conforme o entendimento e apropriação dos combinados e da forma de convivência responsável sejam apropriados pela criança ela alcance uma possibilidade de se encontrar nesse espaço. Isso permite a criança que estipule seus próprios horários e se organize no cumprimento de seu plano quinzenal e diário.

Portanto, considera-se que os horários estipulados a seguir como propostas iniciais. Com o decorrer do tempo eles serão apenas uma referência. É também um modelo inicial, podendo ser alterado de acordo com a turma.

Eis os horários sugeridos e as atividades propostas:

13h30 – Entrada das crianças. Roda inicial com verbalização e escrita dos planos diários.

14h00 – Cumprimento dos objetivos curriculares do plano.

15h00 – recreio com lanche.

15h45 – Linguagem corporal e artística (dois dias dedicado a uma atividade e três dias à outra)

16h30 – Realização dos projetos e grupos de responsabilidade

17h30 – Lanche de frutas.

17h50 – Discussão sobre o dia (gostei/não gostei, concordo/não concordo) e roda de história

18h30 – Saída.

O acompanhamento do cumprimento dos objetivos deverá ser realizado semanalmente e serão avaliados com cada criança por seu tutor. Assim deve-se ter um horário no turno matutino para que esses diálogos ocorram.

VI. EDUCADORES

Inicialmente queremos contar com dois educadores para cada sala de aula, com carga horária de 40 horas.

Ter mais de um educador é importante para as crianças porque eles se constituem em diferentes fontes de informação, sobre diferentes temas, podendo se ajudar mutuamente. São também percepções e personalidades diferentes, contribuindo para as opções de adultos que a criança pode se orientar. Além disso, quando ocorrer um conflito tenso entre as crianças e um educador o outro pode fazer a mediação.

Outro profissional que deve estar presente nas salas é o estagiário. O estagiário é fundamental para o desenvolvimento de atividades artísticas e corporais mais específicas; para essa troca de saberes entre a escola/pais/educadores/crianças e a academia; e para promover o seu aprendizado prático.

A presente proposta atribui o acompanhamento de todos os horários das crianças pelo professor 40 horas da escola classe, em todos os espaços. Os professores oriundos da outra escola, deverão estar presentes na escola classe durante ao menos um dos três dias e acompanhar a turma nos dois em que ele estiver na outra escola.

A carga horária do educador da escola classe será a seguinte:

- 5 horas diárias na sala com as crianças, totalizando 25 horas por semana.
- 4 horas semanais para reunião com os tutorados de acompanhamento do planejamento.
- 4 horas semanais de reunião do fórum dos educadores, o que envolve o planejamento da turma. Essas horas também podem ser usadas na pesquisa de material para os projetos, para reflexões e debate sobre a turma, e para observações específicas sobre determinada criança.
- 2 horas semanais para reunião com os pais. Considerando 4 horas de reunião quinzenal.
- 5 horas semanais para procura de material e para os projetos.

VII. ETAPAS DE EXECUÇÃO E TERMOS DE PARCERIA COM A UNIDADE ESCOLAR

Todas as solicitações feitas abaixo são apenas para o primeiro ano. Posteriormente, a escola, caso o projeto se expanda, deve ser colocada como disponível para quem tiver interesse, através dos métodos existentes, e com a incorporação de profissionais com os critérios definidos pela Secretaria de Educação.

Por outro lado, para escolher os profissionais, é necessário realizar um curso de apresentação, e a devida capacitação desses profissionais na metodologia proposta.

Eis os itens que importantes para a parceria:

1) Duas salas para o projeto.

Justificativa:

Mesmo ocorrendo em apenas um turno, há necessidade de interferência das crianças no espaço. O espaço é necessário para se criar vínculos e tornar o espaço mais das crianças. As propostas de mudanças no desenho das salas e no que deve estar exposto, conforme o projeto, devem também estar expostos nos murais. Solicita-se, de preferência, que as salas sejam exclusivas para o projeto. No entanto, não sendo possível, não seria fator de inviabilização para o projeto.

2) Participação dos proponentes deste projeto na escolha dos educadores.

Justificativa:

Estamos tratando de um projeto piloto. E, para que ele se estabeleça, precisamos contar com profissionais devidamente em acordo com essa metodologia e seu formato. Não adiantaria criarmos esse ambiente com educadores, peça essencial e fundamental, que não tenham conhecimento ou interesse em aplicar essa proposta. Precisamos localizar, dentro dos recursos humanos da Secretaria de Educação, professores disponíveis para compor o quadro dessa escola.

3) Apresentação de relatórios.

Justificativa:

São relatórios de acompanhamento. Eles são parte do projeto; são fundamentais para que a unidade escolar e a Secretaria de Educação acompanhem o processo da escola e o “desenvolvimento” das crianças.

4) Acompanhamento do Projeto por outros profissionais.

Justificativa:

A escola que propomos estará aberta à observação pelos mais diversos profissionais de educação, principalmente a partir do segundo semestre de 2011, quando a metodologia já estará mais consolidada. Em momentos prévios tais observações podem ser feitas em menor frequência e discutidas, sempre, com os responsáveis pelo projeto.

De outro modo, seria pertinente que as unidades educacionais envolvidas diretamente possam participar mais efetivamente da análise do processo. Nesse sentido, sugere-se que as escolas montem um grupo de profissionais para que façam tais observações.

5) Termo de Parceria com as Instituições:

- Escola Municipal de Ensino Fundamental Desembargador Amorim Lima; <http://www.amorimlima.org.br/tiki-index.php>
- EBI Aves/São Tomé de Negrelos (Escola da Ponte - Portugal); <http://www.escoladaponte.com.pt/>
- Instituto Educacional **Casa Escola** – IECE Escola Casa Escola; <http://www.iece.com.br/>

- Professores da UNB.

Justificativa:

O Projeto Autonomia está sendo proposto a partir de uma teoria e de uma prática (bem sucedida, diga-se de passagem) dessa metodologia em outras escolas que adotaram o método. Cada uma tem sua particularidade, mas, em comum há o fato de terem adotado o mesmo modelo.

A discussão técnica com as instituições parceiras permitirá uma troca concreta de experiências, refutação e absorção de novas teorias. Este debate de saberes coletivos e de indivíduos em busca de saberes ampliará mais ainda a nossa proposta.

A parceria com pesquisadores acadêmicos mais próximos geograficamente irá favorecer um auxílio, um monitoramento e um fórum, para que a prática pedagógica possa ser refletida com profissionais academicamente qualificados.

Essa parceria seria efetivamente um projeto de pesquisa associado ao funcionamento do projeto, fornecendo os estagiários e proporcionando os debates regulares com os pesquisadores.

VIII. INSTANCIAS ADMINISTRATIVAS DO PROJETO

1. Associação de pais

De fundamental importância para o projeto, a associação deve ter as seguintes responsabilidades no projeto:

- colaborar no gerenciamento da execução dos Termos de Parceria com as Escolas Parceiras;
- participar do conselho de projetos, dialogando com os educadores por um lado e acompanhando e entendendo o desenvolvimento dos projetos pelos filhos.
- quando for pertinente, colaborar com a arrecadação de recursos para o Projeto Autonomia, promovendo eventos, por exemplo.

2. Fórum dos Educadores

- Além das atribuições desse fórum, já descritas, é sua responsabilidade o envio de relatório semestral de avaliação e acompanhamento do projeto para a diretoria da Unidade Escolar.

3. Fórum Avaliativo

- Representantes: Diretoria, Educadores, Associação de pais e parceiros do projeto. O objetivo desse fórum é fazer a avaliação do projeto. Ele deve se reunir trimestralmente, ou quando a diretoria da Unidade Escolar achar necessário. Reuniões podem ser solicitadas por qualquer um dos atores participantes, a qualquer momento, desde que haja anuência da diretoria.

BIBLIOGRAFIA

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade: A busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

FREINET, Célestin. **A educação pelo trabalho**. Lisboa: Presença, 1974.

HERNANDES, F.; VENTURA, M. A. **Organização do currículo por projetos de trabalho: o conhecimento é um caleidoscópio**. São Paulo: Artmed, 1998.

PACHECO, J.; EGGERTSDÓTTIR, R.; MARINÓSSON, G. **Caminhos para a inclusão: um guia para o aprimoramento da equipe docente**. São Paulo: Artmed, 2006.

TOURAINÉ, Alain. **Poderemos viver juntos? Iguais e diferentes**. Petrópolis-RJ: Vozes, 1998.

Brasília, outubro de 2010

Contatos do projeto:

- Rodrigo Vasconcelos Koblitz. rodrigokoblitz@yahoo.com.br

- Dioclécio Luz. dioclecioluz@terra.com.br.

ANEXO “B” – Carta escrita pelo GEPEPI apresentando o Projeto Autonomia

Um encontro de velhos amigos...

O Projeto Autonomia teve início com pais desejosos dar continuidade de uma proposta educativa libertadora para seus filhos após o término da educação infantil numa escola em que as crianças viviam aprendendo e aprendiam vivendo. Optaram então pela escola pública, na possibilidade de construir um espaço em que os direitos de brincar e de criar, próprios das crianças, não se perdessem. Foi com a visita do amigo José Pacheco, ou Zé da Ponte, em 2009 a Brasília, que vislumbrou-se a concretude de um sonho inspirado na experiência da Escola da Ponte e da própria Vivendo e Aprendendo para os anos seguintes à educação infantil.

O que era uma sementinha começou a brotar. Aos pouquinhos as ideias tomaram corpo no papel e foram saindo dele para os corações das pessoas. O Zé voltou para Brasília, mas muito melhor que encontrar o querido Zé, encontramos também outros interessados em proporcionar uma educação diferenciada nas escolas do DF, uma educação com Autonomia. Entre esses rostos, a bela surpresa do encontro com muitos conhecidos, muitas pessoas que já se cruzaram em outros espaços, em outros momentos, ou em outras propostas educativas.

Esse reencontro não se deu por acaso. Uma pessoa não foge ao que é, ao que acredita. Também não é possível viver sem buscar constantemente os seus ideais... A utopia nos serve para que nos movimentemos em sua direção! Assim os conspiradores, antes sós, se juntaram em uma conspiração ainda maior.

Então, formou-se o grupo do Autonomia composto de pais, professores de escolas, professores e estudantes da Universidade de Brasília (UnB), o Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação e Práticas Inovadoras (GEPEPI) e outros interessados. Como condição para a permanência do professor Pacheco no Projeto Autonomia, a tarefa que estava posta era a de reunir mais professores e escolas públicas em torno do projeto. A busca por esses professores foi através de oficinas de sensibilização e apresentação da proposta, realizadas em 4 escolas do DF. A Universidade de Brasília, representada pela Faculdade de Educação e pelo Instituto de Psicologia, junto com o GEPEPI, com a intenção de fortalecer a ideia, elaborou um curso de extensão para os professores das escolas participantes e para a comunidade em geral.

Venha conspirar com a gente!

ANEXO “C” – Letra da música “A Ponte”

A Ponte – *Lenine*

Como é que faz pra lavar a roupa?
Vai na fonte, vai na fonte
Como é que faz pra raiar o dia?
No horizonte, no horizonte
Este lugar é uma maravilha
Mas como é que faz pra sair da ilha?
Pela ponte, pela ponte

A ponte não é de concreto, não é de ferro
Não é de cimento
A ponte é até onde vai o meu pensamento
A ponte não é para ir nem pra voltar
A ponte é somente pra atravessar
Caminhar sobre as águas desse momento

A ponte nem tem que sair do lugar
Aponte pra onde quiser
A ponte é o abraço do braço do mar
Com a mão da maré
A ponte não é para ir nem pra voltar
A ponte é somente pra atravessar
Caminhar sobre as águas desse momento

Nagô, nagô, na Golden Gate
Entreguei-te
Meu peito jorrando meu leite
Atrás do retrato-postal fiz um bilhete
No primeiro avião mandei-te
Coração dilacerado
De lá pra cá sem pernoite
De passaporte rasgado
Sem ter nada que me ajeite

Nagô, nagê, na Golden Gate
Coqueiros varam varandas no Empire State
Aceite
Minha canção hemisférica
A minha voz na voz da América
Cantei-te, ah
Amei-te
Cantei-te, ah
Amei-te

ANEXO “D” – Programação com José Pacheco – Novembro de 2011

	Terça-feira	Quarta-feira	Quinta-feira	Sexta
Manhã		<p>Até as 10h: LIVRE</p> <p>11 hrs: INÍCIO DO ACOMPANHAMENTO NA E.C. 209 SUL</p>	LIVRE	<p>09h: Local: Sala de Reunião 2 FE 3</p> <p>CAFÉ COM O PEAC AVALIAÇÃO, PRÓXIMOS NOVOS PASSOS.</p>
Almoço				
Tarde		ACOMPANHAMENTO E.C. 209 Sul	<p>14h30min: Local: Sala Multiuso da FE 5</p> <p>ENCONTRO COM OS PROJETOS 3 E 4 DA FE, GRUPO DA PSICOLOGIA.</p>	SAÍDA
Noite	CHEGADA	LIVRE	<p>19h: Local: CET</p> <p>RODA ABERTA COM A COMUNIDADE</p>	

**ANEXO “E” – Convite: Roda de Conversa com o Professor José Pacheco –
Novembro de 2011**

Fazendo a Ponte...

**VENHA PARTICIPAR DE UMA RODA DE CONVERSA COM O
EDUCADOR JOSÉ PACHECO (IDEALIZADOR E EX-DIRETOR DA
ESCOLA DA PONTE, EM PORTUGAL)!**

DATA: 24/11/11 – QUINTA-FEIRA

HORA: 19H

LOCAL: CET/UNB (CENTRO DE EXCELÊNCIA EM TURISMO)



ANEXO “F” – Carta entregue às professoras da Escola Classe 209 Sul

Diálogos com Experiências Educacionais Inovadoras

Parceria UnB- Escola Classe 209 Sul

Brasília, 8 de maio de 2012

O Projeto Autonomia teve início com pais desejosos dar continuidade a uma proposta educativa libertadora para seus filhos após o término da educação infantil numa escola em que as crianças viviam aprendendo e aprendiam vivendo. Optaram então pela escola pública, na possibilidade de construir um espaço aberto a todas as crianças, em que os direitos de brincar e de criar não se perdessem,. Foi com a visita do amigo José Pacheco, ou Zé da Ponte, em 2009 a Brasília, que vislumbrou-se a concretude de um sonho inspirado na experiência da Escola da Ponte e da própria Vivendo e Aprendendo para os anos seguintes à educação infantil.

Aos poucos as ideias tomaram corpo no papel e foram saindo dele para os corações das pessoas. As voltas subsequentes do José Pacheco a Brasília propiciaram o encontro entre pais, educadores e estudantes interessados em proporcionar uma educação diferenciada nas escolas do DF: uma educação com Autonomia. Entre esses rostos, a bela surpresa do encontro com muitos conhecidos, muitas pessoas que já se cruzaram em outros espaços, em outros momentos, ou em outras propostas educativas.

Para catalisar, aprofundar e colocar em prática nossas intenções, criamos o projeto de extensão. da Universidade de Brasília *Diálogos com Experiências Educacionais Inovadoras* . O projeto é uma iniciativa interdisciplinar que reúne professores da Faculdade de Educação e do Instituto de Psicologia, estudantes de graduação e pós-graduação, jovens profissionais da educação, pais e educadores de escolas associativistas e da rede pública de Brasília em torno de uma proposta: refletir sobre , desenvolver e sistematizar a teoria e a prática de um fazer educacional que, antes de mais nada, respeite as crianças e ofereça a elas um ambiente de desenvolvimento de sua autonomia, e da colaboração e solidariedade entre elas. Inspiram-nos, além de teóricos da psicologia e da educação, experiências inovadoras em curso em escolas associativistas, experimentais e públicas, notadamente a Escola da Ponte, em Portugal.

Nossa proposta tem um formato eminentemente dialógico, como o nome implica. A partir do trabalho no 1º semestre de 2011, que alternou encontros presenciais e em plataforma virtual onde há espaço igualitário para reflexões teóricas e discussão de desafios práticos e específicos no percurso de cada um dos educadores envolvidos, estreitamos os laços com a EC 209 Sul.

No 2º semestre de 2011 nosso trabalho envolveu, entre outras atividades, visitas para observação da realidade cotidiana da escola e o início de uma parceria na prática educacional, tendo nossos alunos extensionistas e professores, em conjunto com os professores da EC 209 Sul, desenvolvido:

- Oficinas (Significação/ Brincar/ Matemática)
- A construção de dispositivos pedagógicos em sala de aula, como a Assembléia e Pesquisa por interesse, em salas de aula no turno da manhã
- A construção de propostas como a caixa de brinquedos e outras atividades no turno da tarde
- Atividades (visita/ reuniões) com José Pacheco, professor da Escola da Ponte, na UnB e na EC 209 sul.

Neste **1º Semestre de 2012**, propusemos, a partir de uma série de reuniões com a equipe da EC 209 Sul:

Uma série de **oficinas**, rodas de partilha e palestras dirigidas aos professores da escola , em encontros quinzenais nas quartas feiras, de 14-16h, escola ou na UnB, com calendário em anexo.

A **busca de financiamento** para visitas , em modalidade de consultoria, do educador José Pacheco, para o acompanhamento do Projeto, **com a primeira vinda do semestre já realizada, em formato de reunião de trabalho com os membros do projeto, na sexta, dia 27/04.**

A entrada em **sala de aula** por uma de nossas alunas/ profissionais extensionistas, Amanda Lima (Psicóloga) , uma vez por semana.

A entrada em **sala de recursos** e ações para favorecer o processo de inclusão por um de nossos alunos (Juscelino Júnior).

Um **mini-curso** sobre desenvolvimento infantil a ser oferecido para os funcionários da escola, sob a supervisão da Professora Regina Pedroza, *em calendário a ser definido.*

Oficinas , que estão sendo desenvolvidas por educadores extensionistas no turno da tarde, conforme o anexo. Todos os educadores participaram, em sua formação, de disciplinas e projetos sob a nossa supervisão. Nossa intenção **é colaborar com os monitores da escola** caso queiram oferecer as oficinas conjuntamente ou construir as próprias oficinas informadas por nossa filosofia de promoção da autonomia, solidariedade, respeito e criatividade.

Todas as oficinas têm um máximo 24 vagas, possibilitando, desta forma, que todos os alunos da escola que frequentam o turno da tarde possam participar em ao menos uma das oficinas. As oficinas pressupõem a participação de alunos de diversas séries, em uma organização vertical que propicia a interação de experiências e momentos de desenvolvimento diferentes.

Em todas estas modalidades de colaboração com a escola, buscamos, para além dos formatos e conteúdos específicos veiculados, a reflexão e a prática para a construção de **dispositivos pedagógicos** que fomentem o respeito, a autonomia, a criatividade e a solidariedade nas relações educador-aluno, aluno-aluno e educador-educador. Como bem colocou nosso amigo Pacheco, em sua última visita a Brasília, a construção destes dispositivos é um processo, mas as transformações nas relações pessoais que fundamentam este trabalho são o ponto de partida.

O trabalho em todos estes âmbitos tem sido sistematicamente registrado e a reflexão sobre a prática tem servido para para a avaliação e proposição de modificações. Sentimos que neste momento, é importante estreitar ainda mas os laços com a escola e convidar para um trabalho coletivo de estudo, reflexão e transformação das práticas educacionais. Estamos à disposição para esclarecimentos, dúvidas e comunicações nos emails e telefones abaixo.

Saudações autonomistas,

A equipe do projeto

Contato:

Professora Simone Lima sgdelima@gmail.com,

Professora Alexandra Rodrigues, alexandrarodrigues57@hotmail.com

Anexo 1- Oficinas da Tarde

Segundas

14:30 às 16:30

-Contação de histórias Turma A

Bill Nascimento (História) e Paula Lobo (Pedagogia)

14:30-16:30

-Perguntas e Idéias Turma A

Rafaella Cerveira , Jéssica Carvalho, Andrea Marangoni (Pedagogia)

14:30-16:30

-Corpo e movimento Turma A

Daniele Prandi e Françoise Moncada (Pedagogia)

15-16

-Sons Turma A

Carol Bessoni (Psicologia) e Flávia Duarte(Letras)

16-17

-Sons Turma B

Carol Bessoni e Flávia Duarte.

Terças*14:30 -16:30***Contação de histórias Turma B**

Bill Nascimento

*14:30-16***-Ioga, arte e sentidos**

Carla Costa(Pedagogia)

Quartas*16-17***-Sons Turma C Carol e Flavia****Quintas***14:30-16:30***-Teatração**

Wellington Oliveira (Cênicas)

*14h30 a 16h30***-Oficina de Contacao de Historias**

Paula e Bill.

Anexo 2 - Encontros das quartas (e outros)**Abril 11:** Daniele Prandi e Françoise Moncada, educadoras : *Oficina de corpo e movimento***Abril 25 :** Márcia Acioli , arte-educadora, MSc. em Educação, INESC: *O que aprendi com meus alunos. (Cancelado por falta de disponibilidade da escola).***Abril 27:** *Reunião com José Pacheco, fundador da Escola da Ponte.***Mai 9:** *Roda de conversa: avaliação da experiência***Mai 23:** Carla Costa, arte educadora : *Oficina de Yoga e Artes***Junho 6:** Luciana Campolino, MSc. , Educação : *experiência inovadora na Escola Amorim Lima (SP)*

Junho 20: Lourdes Danezy, artista plastica, especialista em desenvolvimento infantil e Fundadora, Associação Mães em Movimento : *Desenvolvimento e inclusão de crianças com necessidades especiais*

Julho 4: a confirmar

ANEXO “G” – PAINEL SOBRE O PROJETO AUTONOMIA – 3º ENARC

DIALOGOS COM EXPERIÊNCIAS PEDAGÓGICAS INOVADORAS: PROJETO AUTONOMIA



Universidade de Brasília

Paula Lobo Martins: paulalobo.unb@gmail.com
Rafaela Souza Cerveira: rafaellacerveira@gmail.com

Faculdade de Educação / Instituto de Psicologia - UnB



Introdução

O Projeto Autonomia teve início com a proposta educativa libertadora de pais para seus filhos após o término da educação infantil em uma escola associativa em Brasília. Escolheram a escola pública na possibilidade de construir um espaço em que os direitos de brincar e de criar, próprios das crianças, não se perdessem. Foi com a visita do educador José Pacheco a Brasília, em 2009, que o sonho começou a ser elaborado no papel. As reuniões inicialmente de pais se ampliaram, no final de 2010, a estudantes, professores universitários, Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação e Práticas Inovadoras e profissionais interessados na proposta. Em 2011 as parcerias com a Universidade de Brasília e as escolas públicas foram firmadas e a práxis nos espaços das escolas começaram a acontecer. Atualmente o projeto atua na Escola Classe 209 Sul e Casa dos Pássaros.

Público Alvo

Escolas públicas e associativas do Distrito Federal.

Metodologia

A formação do grupo acontece em duas frentes:

- Oficinas realizadas semanalmente no contraturno das aulas regulares com os estudantes da universidade e da escola pública;
- Encontros semanais com a equipe do projeto e parceiros (professores da universidade, professores da escola pública, estudantes da universidade e convidados). Nessas rodas a teoria e a prática caminham juntas. Tão importante quanto a leitura e discussão sobre práticas transformadoras existentes como a Escola da Ponte e a EMEF Amorim Lima ou concepções de infância, está presente a vivência de oficinas e reflexões do fazer nos espaços de interação com as crianças. Dessa forma, essa formação acontece no dia-a-dia, na decisão dos envolvidos no processo de recriar constantemente suas práticas buscando diálogo, colaboração, se fazendo e contribuindo para que todos sejam sujeitos do seu próprio processo de aprendizagem. Essa ideologia a qual nos propomos não pode ser ensinada, ela é, antes de tudo uma vivência, uma práxis.

Desafios

Durante essa vivência, os envolvidos se deparam com contradições no seu fazer pedagógico e com o conflito de mudar hábitos e atitudes no seu cotidiano. O trabalho deve estar imerso em princípios e valores que não são os da escola atual e, a partir do momento em que não há respostas prontas ou certezas absolutas, o erro e o acerto tomam-se parte de discussões e (re)elaborações constantes. Dialogar, colaborar com o outro e trabalhar coletivamente é base para a transformação educativa, onde “as minhas crianças, a minha sala e o meu planejamento” não existem mais. Além do coletivo assumir grande importância, o (re)pensar e (re)construir novas formas de agir tomam-se elementares ao projeto.

Perspectivas

Experimentar a autonomia, a solidariedade e a responsabilidade toma-se essencial na formação do educador, do educando e de todos profissionais que participam do projeto. Vivenciar novas relações no espaço escolar, de parceria e respeito mútuo, abrindo espaço para os desejos, as curiosidades, as experiências, o compromisso e a liberdade causam mudanças em todos os envolvidos. A prática pedagógica e as transformações que o projeto causa em nosso posicionamento não se restringem ao espaço escolar, são atitudes em relação a vida.

Equipe

Interdisciplinar. Reúne professores de duas unidades da Universidade de Brasília (Faculdade de Educação e Instituto de Psicologia), estudantes de graduação e pós-graduação das licenciaturas, jovens profissionais da educação, pais e educadores de escola associativista e da rede pública do Distrito Federal.



ANEXO “H” – Entrevista realizada com Gabriela Almeida e Juliana Arraes

Entrevista realizada no dia: 09/05/2012 às 18h30min na grama ao lado do Café do Hildebrando na Faculdade de Educação – UnB. Concedida a Rafaella Cerveira.

1 – Qual o seu nome ?

Juliana Duarte Arraes

Gabriela Freitas de Almeida

2 – O que é o GEPEPI?

Juliana: Então... O GEPEPI é a sigla né? Que significa Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação e Práticas Inovadoras. Conceitualmente é tudo isso misturado, mas eu acho que o GEPEPI é um encontro... Assim... De mais de um ano, um encontro duradouro de pedagogas. E ao longo desse um ano, de mais outras pessoas que passaram, né? E ficaram e outras que foram... Que querem pensar educação de forma diferente e querem trazer essas reflexões que pensam em grupo para algo na vida, na prática profissional... Até porque todo mundo do GEPEPI trabalha com educação.

Gabriela: O GEPEPI surgiu porque estávamos chateadas com os nossos trabalhos chatos e queríamos fazer algo que acreditássemos muito, aí a gente ia fazer uma associação, queríamos ir para prática... Queríamos Agir... Ação! Aí a gente se juntou. Um grupo de pedagogos, algumas pessoas participaram, mas não continuaram. Quem ficou mesmo fomos nós e mais outras, né? risos

Rafaella: Nós quem?

Gabriela: Nós: Mônica, Ju, Gabi, Rafinha, Josi, Dani, Aline, Aracy e Carol que está sempre virtualmente, mas tá presente... Outras pessoas passaram, foram em algumas reuniões, mas não ficaram tanto. Enfim, o GEPEPI acho que é um grupo de pessoas que sonham, que querem fazer alguma coisa, assim... Por mais que as condições não possibilitem isso muitas vezes, como agora para mim.

3 – Como o grupo ficou sabendo do projeto autonomia?

Gabriela: Na palestra do Pacheco. Quando chamaram uma palestra com o Pacheco na 304 norte e a gente já estava pensando como agir, e o Pacheco é uma pessoa que atrai pessoas, que aglutina, né? E depois da palestra chamaram uma reunião com uma galera que estava interessada em colocar isso em prática, aí a gente pensou “Esse é o nosso espaço”, e a gente foi ver o que realmente era essa proposta. Depois a gente foi descobrir que esse grupo tinham pessoas conhecidas - pelo menos eu, Gabi - conhecidas da Vivendo. Depois descobrimos que eram antigos pais saindo da Vivendo que queriam continuar uma proposta educativa diferente, digamos assim, com seus filhos. Depois o Projeto Autonomia se delineou diferente, mas o início acho que foi assim... Os pais da Vivendo.

Juliana: Eu lembro também que um pouco antes dessa palestra com Pacheco, você Rafinha e a Cacá nos trouxeram informações de que tinham outras pessoas se organizando, se reunindo, professores e outras pessoas da UnB... Pais e professores da UnB estavam se organizando para pensar uma outra proposta...Acho que foi depois da palestra que o grupo resolveu entrar de vez nessa história do Autonomia. Na verdade não lembro bem como você e a Cacá ficaram sabendo do projeto.

4 – Por que resolveram participar do Projeto Autonomia?

Gabriela: Eu acho que a gente já queria participar de alguma, de um espaço de ação...De sair do blá blá blá apenas... Queríamos ir para o meio do povo, né? Acho que é isso, a gente tava procurando e achou um espaço que isso poderia se possível.

Juliana: É Acho que foi a sintonia mesmo, acho que veio a calhar com o que a gente tava buscando e esse grupo se organizando... E as coisas foram se afinando. Acho que foi o primeiro espaço objetivo... Assim... Que a gente viu para o GEPEPI está se engajando... Como grupo.

Gabriela: Acho que houve outros espaços, mas faltou um “vamos lá”, né? “Vamos fazer!” Aí como já tinham outras pessoas de fora do GEPEPI nesse “vamos fazer” do Autonomia aí surgiu “o fazer” mais fácil com o Autonomia.

5 – Como surgiu a parceria e aproximação com o Projeto Autonomia?

Gabriela: Ixi... Vamos pensar... Difícil... Início... Teve a reunião com o Pacheco, da reunião com o Pacheco fizemos algumas reuniões com o grupo na 304 norte... E foi se delineando um encontro de várias pessoas que queriam atuar, fazer alguma coisa, aí pensamos em chamar os professores das escolas, para não construir uma proposta longe dos professores das escolas...Aí pensamos em um curso ou espaço de discussão para bolar um projeto pedagógico com os professores... Era para bolar com os professores. Mas Ah! No início, antes disso, o Rodrigo Globitz nos mandou um projeto com várias ideias da escola da ponte e foi a partir desse projeto que a gente discutiu em como montar isso junto com os professores. Aí pensamos em montar oficinas de discussão com os professores... Então nosso foco foi fazer um projeto para montar um espaço de discussão com os professores para montar o projeto nas escolas.

Juliana: E eu entendo que Isso tudo foi uma construção coletiva nas reuniões após a palestra do Pacheco. Foi quando foi ficando mais explícito o que poderia ser esse Projeto Autonomia, veio essa proposta pedagógica que o Rodrigo Globitz tinha sistematizado aí o grupo GEPEPI foi se aproximando dessa proposta, nós tínhamos muitas dúvidas e questões sobre essa proposta, de como aconteceria na prática e depois quando engatamos junto com o grupo da UnB mais os pais os grupos de trabalho foi que começamos a perceber de que forma o GEPEPI poderia atuar, aí foi onde o espaço de formação com os professores foi ficando mais próximo.

Gabriela: Acho que nessa época nem estava tão assim o grupo da UnB, era muito mais os pais que chamaram o Pacheco e as pessoas interessadas que foram convidadas pós-palestra.

Juliana: É, não era o grupo da UnB, era um grupo de pessoas interessadas...

Gabriela: Nas reuniões iniciais eram as pessoas que foram na palestra e foram se junto. Depois teve uma confusão da greve dos professores e o ano não começava... O ano não começava... E algumas pessoas foram se desmobilizando e quando começou o ano mudou quase todas as pessoas da 304 norte, lembro que isso mudou os planos iniciais das pessoas que estavam participando, porque a ideia era começar o projeto na 304 norte, por isso os pais inclusive colocaram os filhos na 304 norte. Depois surgiu uma pessoa na 209 sul, que inclusive fizemos oficina nessa escola também.

Gabriela: Aí quando deixamos de ser um pouco da 304 norte as pessoas foram se murchando um pouco, perdendo aquele gás, sabe? Principalmente os pais porque não teriam os filhos no meio. Aí o que aconteceu que foram surgindo outras pessoas e a UnB entrou mais forte, assumindo mais forte a proposta.

Juliana: A UnB entrou mais forte para desenvolver o projeto com os alunos daqui e os professores da escola.

Gabriela: Ao mesmo tempo aqui na UnB estavam em um processo bem burocrático interno de reconhecimento do Projeto Autonomia como projeto de extensão e pá- pá-pá...

Juliana: Mas acho também que o primeiro passo para efetivar o projeto no grupo aqui da UnB foi a construção do curso, porque acho que depois da construção do curso as pessoas começaram a ver esse espaço da plataforma moodle, das pessoas entrarem, de ter que ter a mediação de professores, das pessoas terem que se responsabilizar com a proposta pedagógica mesmo, aí eu acho que fortaleceu a proposta dos projetos aqui na FE.

Gabriela: Foi isso mesmo, porque depois que morreu em um espaço veio para a UnB e houve outras possibilidades. Foi feito o curso e no início o GEPEPI estava envolvido na elaboração do curso, nos grupos de trabalhos...

6 – Quando você se agregou quais os grupos no Projeto?

Juliana: Foi bem no início... Tinham os pais... Eu lembro que no início entre elaborar e consolidar o projeto a gente teve uma estratégia de divulgar para o máximo de pessoas na rede da secretaria do DF, para o maior número de pessoas que quisessem implementar nas escolas. Foi até a Alexandra que puxou esse mapeamento de interessados... Tinha certa urgência. Acho que de grupo específicos eram os ex-pais da vivendo, a gente (GEPEPI) e o pessoal da UnB. Lembro que divulguei para um grupo de pessoas da FE já formadas que estavam na rede pública na época... Se eu achar te mando.

Gabriela: Tinha um grupo... Uma casal jovem que tinham uma ideia de atividades em contraturno, acho que já estavam se aproximando do pessoal da casa dos pássaros... Ou eles já estavam? Não lembro... Vou procurar nos meus e-mails se achar também e te mando.

7 – Como você observa a importância de cada grupo dentro do projeto?

Gabriela: Então, acho que cada grupo tem um interesse, uma vontade e um ponto de vista diferente. Lembro que no início a gente tinha umas discussões que me pareciam absurdas... que ficava pensando como uma pessoa poderia pensar daquele jeito, tão diferente do meu. Acho que o grupo vai ensinando pra gente a se adaptar, a perceber que as coisas não são tão óbvias, que é necessário discutir e pensar cada detalhe.... A parte de conhecer o que as outras pessoas estavam fazendo também é super interessante.... perceber que a gente não tá sozinho, que tem um grupo, dá uma força maior pra qualquer pessoa e facilita a implementação das

propostas...quando um não pode, o outro faz....

Juliana: Então, os diferentes grupos no Projeto Autonomia são: as escolas (professores e direção, que são grupos diferentes em alguns pontos, mais iguais em outros), alun@s, pais, UnB (professores e estudantes, que também são grupos diferentes em alguns pontos, mais iguais em outros) e o GEPEPI. Eu também vejo parecido com o que a Gabi disse. Cada grupo desse contribui com os seus acúmulos e saberes, na mesma medida em que demanda do projeto autonomia ações ou respostas que dialoguem com seu anseios, suas dúvidas ou críticas, enfim, ao que cada grupo "foi buscar lá", mesmo compartilhando um objetivo maior com todos. Na teoria, acho que a importância de cada grupo tá no fato de todos conseguirem construir uma dinâmica onde essas "respostas" podem estar no saber um do outro, nas reflexões um do outro. A pergunta e a matéria-prima da resposta tá dentro do próprio grupo maior, feito por essas realidades diferentes e complementares.

Na prática, só quem vive essa relação por dentro, atualmente, é quem acho que pode avaliar melhor se existe uma relação de fato complementar, ou se acontece de haver a sobreposição de um grupo por outro, ou o sentimento de "falta" de algum grupo, enfim... O que tb acho que é próprio de um processo que não tem receita, que tá se fazendo no dia-a-dia e tal...

8 – Como ocorreu a escolha das escolas públicas que o projeto visitou para buscar parceria?

Juliana: Acho que não fomos nós que escolhemos as escolas, as escolas que nos escolheram... Escolheram o projeto. Foi nessa onda de divulgar o projeto e a partir desse interesse, as escolas se ofereceram para desenvolver o projeto.

Gabriela: Acho que uma coisa importante é que não foram só os professores, foi a escola... As escolas abertas, até porque tinham alguns professores interessados que não deu para desenvolver a proposta porque a escola não estava aberta, não para fazer, mas para acolher e mudar a escola.

Juliana: Agora teve uma coisa curiosa, acho que foi na 304 norte, que teve uma resistência que falaram que já tinha tanta coisa diferente na escola, que o projeto seria apenas mais uma coisa... Vocês lembram isso?

Gabriela: Então, acho que teve uma mudança de direção, não uma resistência... A 304 norte tinha uma direção e depois mudou tudo, a direção e muitos professores. Não sei dizer nem se ainda era a mesma escola, já que muita gente mudou. Então em um mês tinha uma gestão e tinha um “vamos fazer” e depois “pera aí” principalmente porque esses novos não participaram da construção desde o início, de repente por isso pode ter ocorrido essa recusa. Na verdade nem sei se foi essa a escola que a Ju falou...

9 – Como foram pensadas as metodologias nas visitas as escolas e como ocorreram essas visitas?

Juliana: Hum... Isso foi legal. Lembro de reuniões que a gente fazia pela noite pensando em como divulgar a proposta de uma forma atraente e ao mesmo tempo fosse participativa. Então no lugar de chegar e fazer uma palestra com uma fala direta, unidirecionada, tipo “isso é o Autonomia, participe do Autonomia pois ele vai ser bom por isso, disso ou aquilo”, o legal era que nós, pelo menos foi o que discutimos em uma das oficinas para construir essas metodologias, o legal era que colocaram na propostas uns dos dispositivos que o projeto tem para trabalhar com as crianças, colocaram esse dispositivo na oficinas de apresentação do

projeto nas escolas, né? Agora não lembro... Você lembra, Gabi?

Gabriela: Eu lembro...Então.. Eu participei da construção da metodologia... Primeiro foi sugerida uma palestra, depois a gente pensou: “Não!Pera aí! vamos fazer uma coisa mais vivencial, uma oficina”. Foi até em uma reunião em uma escola da asa sul. Eu tava na construção da metodologia na parte de desenvolver nas escolas eu não estava. Até decidir eu estava. A gente pensou em ensinar a metodologia da escola da ponte que estava no projeto escrito inicialmente do Autonomia, fazendo eles nas apresentações.

Rafaella: Por exemplo?

Juliana: A pesquisa, né? E tinha outras...

Gabriela: Acho que não usamos o “Gostei e Não gostei”... Usamos o “Não sei e Quero saber”... E tinha mais um, né?! Acho que era o “Posso ajudar?”

Juliana: Eu lembro que usamos o “Não sei e o quero Saber”, aí a gente elencou alguns assuntos que a gente achava que a escola ia querer saber mais sobre, então tinha desde “Lei de responsabilidade fiscal” até de “De onde vem as estrelas?” Coisas que a gente poderia colocar na mesa e a partir daí elas poderiam escolher para aprender mais...Tipo um cardápio mesmo.

Rafaella: Alguém foi em alguma apresentação?

Gabriela: Não...

Juliana: Acho que a Cacá.

10 – Como foi pensando e para que foram pensados os espaços presencial e virtual do curso ?

Juliana: Pelo que lembro a ideia inicial era o espaço virtual, pois tínhamos que otimizar o tempo mesmo para poder engrenar o projeto, otimizar assim...Apresentar as pessoas e ter uma formação mínima, para ter um respaldo mínimo de como começar. Aí teve uma discussão que só o virtual não daria conta dessa interação, pois era uma visão muito participativa, de vivência mesmo. Então depois com o projeto de extensão onde o curso do moodle o recebeu ampliou o formato para receber as pessoas presencialmente de 15 em 15 dias para ter um bate-bola, saber como foi a semana, o que as pessoas acharam, coisas que o grupo achava que só o virtual não conseguia. Apesar de que o virtual foi pensando de uma forma diferente, muito leve. A Alexandra e outras pessoas se engajaram para ter outras linguagens nesse espaço virtual... Poesia, vídeos, imagens... Lembro que era para ficar além de apenas troca de mensagens e leitura de texto... Outra forma de aprender.

Gabriela: Lembro que nesse processo teve uma discussão de quais horários seriam... Manhã, tarde e noite? Lembram?

Juliana: Acho que era porque tinha muita gente querendo fazer e a turma não comportava mais...Aí rolou duas turmas.

Gabriela: Então ele desde o começo foi pensando para ter presencial, né?

Juliana: O curso de extensão foi pensado para ser híbrido. O presencial eram menos encontros... O que lembro era isso...

11 – Quais foram as conquistas do Projeto Autonomia?

Gabriela: Juntar gente... Acho que isso sempre é uma grande conquista.

Juliana: É... Acho também que foi uma conquista a FE pelo projeto 3 topar uma proposta como essa de intervenção nas escolas... Pelo que conheço de projetos 3 acho que a metodologia de projetos é uma das coisas mais inovadoras na formação dos pedagogos. Mas eu acho que foi uma conquista esse formato diferenciado de fazer uma coisa construída junto com os professores, os estudantes não saem da UnB para ter uma prática na escola que já está toda consolidada, que as pessoas sabem onde estão pisando... Os estudantes também sabem... eles estão alí para entrar no jogo, sabe? Não, eles estão alí todos para construírem ao mesmo tempo, entendeu? Acho que foi uma conquista isso acontecer assim. Acho que foi uma conquista também outras escolas se abrirem para essa proposta, porque todos estão apostando nesse desejo como a Gabi falou no início, esse desejo que o GEPEPI também tinha de fazer diferente. Ninguém que entrou tinha uma receita para fazer o projeto.

Gabriela: Duas coisas importantes... A sociedade entrar na universidade! Acho que é um fator interessante de ser visto, sabe? Pois geralmente a UnB é muito distante sabe... Não sei como é essa questão de não saber como será o final... No projeto Filosofia na Escola que eu participei a gente era acostumado com isso... De não saber aonde isso vai chegar... E tinha muito isso de não ficar frustrado de não chegar lugar algum, sabe? De Não saber o final da estrada, sabe? E agora no mestrado que eu me proponho a estudar essa escolarização... Institucionalização das coisas sabe? Eu me pergunto quais as consequências disso para o Projeto Autonomia... Do Autonomia que não era da UnB no começo, sabe? Será que a institucionalização trouxe para esse espaço diferenciado que a sociedade saiu um pouco, sabe? Eu não sei como tá hoje, mas quantos pais participam hoje, sabe? Eu fico me perguntando isso...

12 – Quais eventos desencadeadores?

Juliana: Acho que a aproximação com o Pacheco...

Gabriela: O grande desencadeador foi a palestra do Pacheco na 304 norte que fez juntar gente... Porque sendo ele uma pessoa conhecida que é referencia para muitas pessoas que pensam em um educação diferente, logo ele reuni gente. E depois fiquei sabendo que uma palestra dele na Vivendo que fez os pais pensarem em como fazer alguma coisa na escola pública para esses filhos que cresceram e não podiam estudar mais na Vivendo... Crianças que cresceram...Então eu coloco outro evento desencadeador as crianças crescerem, pois desestabiliza as pessoas...Você não pode mais ficar do jeito que tá...Começa a pensar o que fazer para mudar.

Juliana: Eu acrescento que além da vinda do Pacheco a relação que o projeto construiu com ele... A aproximação dele com o projeto. E pelo perfil dele de construir essa relação de bate-bola com o projeto... Não uma coisa a seguir e copiar, mas de discutir a proposta com ele também... Da experiência sendo discutida e repensada. E do grupo do Autonomia de buscar o seu caminho. Ah! E o fato do projeto ter se mantido até agora e está já tentando implementar na escola...Na sala de aula...

13 – Quais eventos desafiadores?

Juliana: Acho que essa relação que se perdeu com os pais e sociedade que tinha desde o começo pelo fato do projeto se desenvolver apenas no diurno.

Gabriela: É lembro que a gente tentou se responsabilizar pelo turno da noite, mas precisávamos do espaço da UnB e para conseguir esse espaço precisávamos de um professor responsável...

Juliana: Acho que essa foi uma perda da vinda do projeto para UnB. Mas sempre tem o bônus e ônus...

Gabriela: Essa questão é bem importante.

14 – Quais dificuldades?

Gabriela: Acho que o GEPEPI em si foi à questão do tempo... De não poder acompanhar, mesmo querendo...

Juliana: O tempo e acompanhar o processo pelo moodle... Como observadora... Até porque acaba que você não entende o contexto do que está acontecendo, já que você não participou das vivências... E também porque a parceria ficou mais forte entre Escola e UnB e tem um horário para isso acontecer, né? Manhã e Tarde, e nesse horário que não está nesses espaços tá trabalhando...

Gabriela: É isso... A institucionalização acaba gerando com a gente já falou, possibilidades e problemas...

Juliana: É essa questão do tempo... Horário... Entra também na questão dos pais... Que acaba não tendo a relação com os pais e sociedade...

Gabriela: E acaba ficando uma coisa só entre instituições...

15 – O que o projeto representa para você?

Juliana: Acho que represente teimosia... Aquela teimosia criativa... Sendo bem poética como o projeto merece, a educação merece... Persistência de um coletivo... Possibilidades... Uma construção de algo que não vem pronto... De pessoas que acreditam e não deixam a peteca cair apesar de várias dificuldades. E da esperança de que a secretaria vai me chamar e eu vou poder ter no mínimo uma referência de um grupo inovador aqui na educação do DF.

Gabriela: Acho que é a possibilidade... Mas é difícil porque minha visão é do projeto inicial... Hoje eu não sei como ele está... Então com essa visão acho que é essa questão do Real, de mudar, do agir... De não ficar só na discussão e no papel...

16 – O que o projeto representa para educação no DF?

Juliana: Agora sim eu acho que é possibilidade com P maiúsculo... Acho que representa uma grande possibilidade, na verdade acho que já representa uma realidade acontecendo... Só de você reconhecer que existem professores críticos que estão pensando em uma nova proposta e não silenciar essas pessoas e ter que ouvi-las... Ter que dar um espaço para elas trabalharem, saca? Isso com um tempo, dedicação pode gerar uma escola diferente, uma realidade diferente, sabe? Acho que representa isso... Uma grande possibilidade dessa coisa acontecer.

Gabriela: Fico pensando e acho que o professor tem um papel bem diferente, assim... Tem o papel dele como professor na sala de aula construindo pessoas, saca?! Ele está alí participando da vida daquelas pessoas, saca? Primeiro é isso e depois essas pessoas estarão participando de outros espaços... E a educação tem esse papel reprodutor do que se faz ali... Sendo essa

reprodução boa ou ruim... Ou que a gente considera essa reprodução boa ou ruim... Então esse é um dos papéis que o projeto representa para a sociedade hoje... E é um ponto de encontro... Acaba sendo um ponto de encontro para as pessoas que não conseguem fazer isso em outras escolas, sabe? As pessoas se veem... Se olham... Se enxergam... Acho isso interessante.

ANEXO “I” – Entrevista realizada com Mônica Padilha

Entrevista realizada no dia 16/05/2012 na Faculdade de Educação da UnB na F5 SALA 10 às 13h30min. Concedida a Rafaella Cerveira.

1 – Qual seu nome?

Mônica: Mônica Padilha Fonseca (Cacá)

2 – O que é GEPEPI?

Mônica: Ele é um grupo de estudos e pesquisa em educação e práticas inovadoras e... O GEPEPI é um grupo que se formou com pedagogas formadas na UnB, ou formandas, que viram a necessidade se reunir para atuar em conjunto com pessoas que pensassem educação de uma forma mais ou menos parecida... Vou falando como formou o grupo também, pode?

Rafaella: pode...

Mônica: O GEPEPI então surgiu com a vontade de atuar em educação com práticas diferentes das tradicionais, né? Então a ideia era ao mesmo tempo estudar sobre iniciativas, experiências diferentes em educação de preferências nas escolas e também de atuar fora da universidade, né? Depois de formadas continuar se reunindo para não perder essa atuação na educação de forma militante.

3 – Como grupo ficou sabendo do Projeto Autonomia?

Eu fiquei sabendo do projeto pelo meu irmão que tinha dois filhos na 304 norte e ele me falou que estava surgindo lá na 304 norte um movimento para transformar a escola e fazer um novo projeto baseado na escola da ponte, ele também comentou que a professora Alexandra tava envolvida nesse projeto. Como a Alexandra foi minha orientadora na graduação eu entrei em contato com ela, juntamente com você, para conhecer o projeto e saber se iríamos nos envolver. Fomos em um evento sobre Museu no espaço perto da Biblioteca. Então nos mostramos interessadas e ela nos contou um pouco sobre o Projeto...Que eram ex-pais da Vivendo que estavam querendo realizar por meio da escola pública uma mudança da escola para os filhos deles e tal...E aí ela nos chamou para uma reunião na 304 norte e a gente comentou que o grupo também estava formando...Nem nome tínhamos ainda...E o Autonomia também estava se formando... Depois disso... Não lembro muito bem se foi a Alexandra que marcou uma reunião com o Rodrigo ou fui eu... Mas eu acho que eu mandei um e-mail para o Rodrigo falando a mesma coisa que falamos para a Alexandra aí ele mandou o projeto e a gente leu e marcamos uma reunião no Sebinho da 406 norte. Então foi o Rodrigo, Dioclecio, Eu e vc ... Falei que tava até concorrendo ao mestrado e eles falaram que seria muito bom ter alguém do mestrado e tal... Falamos que achamos interessante o projeto e tal...E eles nos chamaram para uma reunião na 304 norte. Fomos em algumas reuniões pela noite ...Acho que foram umas 2..3... Inclusive foram reuniões pensando da 1ª vinda do Pacheco para conversar sobre o Autonomia...

4 – Por que vocês resolveram participar do Projeto Autonomia?

Então... O GEPEPI tinha a ideia de realmente atuar em algum espaço educacional diferente... Até porque na época tinha muita gente do grupo formando..Saindo do emprego... A gente até queria montar cooperativa ou algo assim de espaço para atuação, então surgiu o Autonomia e era um espaço da escola pública e tinha um pessoal que a gente já conhecia e podia atuar... Além de atuar a gente poderia ou pesquisar e nos estudos ajudariam de alguma forma para o projeto...

5 – Quando você se agregou quais grupos estavam no projeto?

Quando entrei eram inicialmente os pais da Vivendo... Eles eram os primeiros, eles que puxaram o projeto... Depois eles entraram em contato com os professores da UnB da FE e do Instituto de Psicologia, mas vale a pena lembrar que esses professores da UnB também tinham de uma forma ou outra alguma ligação com a Vivendo..Ou ex-pais...Ou coordenadores da Vivendo...É... O GEPEPI que entrou como grupo também que fortaleceu o Autonomia... Também tinham algumas professoras ali da 304 norte...Mas que também foi rápido..Não conseguimos envolver muito as professoras da 304... E tinha também algumas estagiárias da psicologia que já eram envolvidas com as professoras da Psicologia... Acho que é isso... Aí depois da palestra do Pacheco na 304 a gente passou uma lista e pegou e-mail com pessoas interessadas em participar do projeto..Então a partir desse 1º movimento surgiram outras pessoas envolvidas...Aconteceu uma reunião ampliada e surgiu por exemplo o Bruno e a Natália que tinha um projeto de contraturno com algumas crianças...Teve um pessoal que passou rapidamente do Política na Escola e outras escolas parceiras...209 sul, uma do lago sul...e uma outra professora da 304 norte..Ah e o Pacheco...Acho que foi isso.

6 – A importância de cada grupo dentro do projeto?

Os pais foram fundamentais...Eles que começaram e foram fonte propulsora para que o projeto fosse implementando,né? Por que eles queriam que os filhos deles já estivessem nessa nova concepção de educação né? Eles foram imensamente importantes para que o projeto fosse implementado, e trouxeram a urgência de sua implementação... Os professores da UnB foram importantes para entrar na discussão da educação, trazer um pouco a contribuição da acadêmica... De experiências que já participaram... E esse apoio institucional da UnB que trouxe os estagiários e bolsistas para atuar no Projeto... Além disso, a UnB depois acabou sendo o agregador, né? E os bolsistas, estagiários foram importantes para atuar dentro da escola com as professoras para o projeto acontecer, além claro da contribuição nos debates e empolgação... O grupo que é um dos principais e tem que se fortalecer é o da escola, das professoras pois é esse espaço que queremos mudar, né? Então precisamos do envolvimento das professoras e a construção junto com elas para que o projeto aconteça realmente... Ah e é claro o GEPEPI, que principalmente no início teve um papel muito importante de sistematização do Autonomia e também pelo fato de atuarmos como grupo muitas vezes a gente leva uma discussão mais pensada porque antes de levar para o grupão do Autonomia a gente já tinha discutido com o nosso grupo todo do GEPEPI, inclusive com aquelas que não participavam diretamente no autonomia, acho que a atuação em grupo ajuda bastante, quando uma não pode ir a outra ia e repassava o que estava acontecendo... E como pessoas formadas e formandos já tínhamos uma discussão grande sobre a escola, além do fato de muitas pessoas do GEPEPI terem participado de movimento estudantil e movimentos de extensão, acostumadas a atuar em espaços de trabalho coletivo...

7 – Como ocorreu a escolha das escolas públicas que o projeto visitou para buscar parceria?

A 304 surgiu inicialmente por que muitos pais da Vivendo já tinham colocado os filhos lá e também porque a 304 era uma escola diferente que já tinha avançado em questões como gestão democrática, trabalho em grupo... Então foi uma escola estrategicamente boa por causa dos pais e dos avanços que já tinham lá... Depois da vinda do Pacheco entramos em contato com algumas professoras de outras escolas que assistiram o encontro e mães interessadas que tinham filhos em escolas públicas.. Me lembro de uma mãe que fazia Yoga, Katia, que propôs a escola do filho dela, 209 Sul, se não me engano... E foi meio isso... Fomos perguntando em escolas que a gente conhecia e tal... A escolha foi meio assim, por pessoas envolvidas e interesse. No começo até rolou uma discussão de ir nas regionais e ver as escolas interessadas e fazer as visitas e tal... Mas vimos que não era muito viável e tal.

8 – Como foi pensada a metodologia das visitas na escola e como elas ocorreram?

A partir do grupo ampliado algumas pessoas ficaram responsáveis em pensar em uma metodologia para as visitas, lembro que estavam a Gabi, as Amandas da Psicologia, elas pensaram que seria interessante usar alguns dispositivos da própria escola da ponte nessas reuniões. Assim, combinamos de realizar uma dinâmica de apresentação, e outra que cada um escolhia um tema de interesse e se reunia com as pessoas que tiveram o mesmo interesse, a partir daí eles conversavam sobre o assunto, e depois colocavam em um quadro o que poderia ensinar e o que gostaria de aprender. Depois abrimos para uma discussão sobre a atividade. E por fim, a ideia era apresentar um vídeo da escola da ponte, e saber se os professores se interessavam em participar do projeto. Na 304 que foi onde eu participei não deu tempo de passar o vídeo, e sentimos que poucas professoras se interessavam, que já havia muitos projetos na escola, como o de matemática do professor Cristiano da FE. A questão é que o projeto autonomia não podia ser visto como “mais um projeto” na escola, mas como uma toda reformulação da estrutura da escola.

9 – Como foi ocorreu a construção do PEAC e Curso na UnB?

O projeto de extensão veio como uma forma de formalizar a parceria da Unb com as escolas. Uma das condicionantes para a vinda do Pacheco para ajudar no projeto era que 3 escolas, ou 3 turmas, não me lembro direito, topassem fazer o projeto. Para isso era importante a entrada de estagiários para auxiliar essas professoras, afinal era muito difícil mudar radicalmente a metodologia da sala de aula sem apoio. Para entrar na escola, é necessário uma parceria formal. Por isso a criação do PEAC. O curso, foi a forma que encontramos de fazer o encontro entre as professoras e esse “apoio”, que seriam as/os estagiárias/os, as professoras da UnB, os pais, o GEPEPI em quem mais estivesse envolvido. Inclusive, o curso de extensão foi sempre pensado em ser um ambiente aberto a diversos parceiros, e por isso tivemos a participação da escola dos pássaros, vivendo e aprendendo e outros...

10 – Como foi pensado o e para que foram pensados os espaços presencial e virtual, do curso?

Antes da criação do curso, o grupo do Autonomia já pensava em um espaço virtual para debates e organização do projeto. Assim, pensamos que com um espaço presencial seria o momento das professoras a partir de suas necessidades colocar como estava a implementação do projeto para que conjuntamente atuássemos para resolvê-los. E com a atribuição dos horários e disponibilidade o espaço virtual serviria para que as pessoas entrassem nele de forma mais flexível com seus horários disponíveis, e também para que as pessoas que não pudessem participar presencialmente pudessem continuar atuando no projeto, principalmente os pais e pessoas que trabalhavam, visto que o curso era no turno da manhã e tarde. Em um momento até pensamos em realizar um curso noturno, mas não conseguimos.

Os espaços, tanto presenciais como virtuais, foram pensados de maneira coletiva, inclusive o gepepi participou dessas duas construções. Lembro marcadamente das professoras Alexandra, Simone, Fátima, Tadeu, Regina, Amanda Om e Amanda Lima, Tamine, Regina da 209 sul, além da Rafinha, eu, Josi e Carol participando dessas reuniões.

O espaço virtual foi primeiramente pensado pela professora Alexandra, que com a ajuda do Tadeu, Tamine, Rafinha, Josi e Eu, colocamos no ar pelo moodle. Fizemos várias revisões até a versão final do espaço virtual.

11 – Quais as conquistas do Projeto?

A principal conquista foi a criação de um espaço que aglutinasse pessoas, grupos, escolas e projetos que acreditam na mudança da escola pública, e principalmente de sua estrutura pedagógica. Além disso, da criação de um espaço de atuação da verdadeira práxis, atuando e refletindo sobre sua construção.

12 – Quais eventos/marcos/momentos desencadeadores (importantes) do Projeto?

Todas as vindas do Pacheco aqui foram marcantes. Primeiramente a visita do Pacheco lá na Vivendo no seminário que impulsionou os pais a pensarem em um projeto para depois da vivendo. A sua segunda vinda aglutinou novas pessoas, e sua condicionante de atuar com um número x de escola, nos fez irmos atrás de outras escolas e criar o projeto da UnB. O curso também foi um marco, que a partir dele o projeto tomou um corpo formal, que de certa forma fez com que a idéia não morresse.

13 – Quais eventos/marcos/momentos desafiadores do Projeto?

A construção do curso; As visitas às escolas para convidar as professoras para se integrar no projeto.

14 – Quais desafios do Projeto Autonomia?

Envolver as professoras, outros servidores das escolas e os pais.

15 – Como ocorreram as atividades e participação presencial do Projeto? Como eram construídas as atividades para esse espaço? Você lembra de algum momento importante?

16 – Como ocorreram as atividades e participação do espaço virtual do projeto? Como eram construídas as atividades para esse espaço? Você lembra de algum momento importante?

A cada encontro eram realizadas reuniões em que fazíamos uma avaliação do encontro e planejávamos o próximo. Todas as atividades eram pensadas de forma coletiva nessas reuniões, que estavam principalmente as professoras e professor da UnB, além das bolsistas de psicologia e integrantes do gepepi. Em diversos momentos pensávamos em convidar os próprios participantes do curso para o planejamento, mas acabava que não acontecia.

17 – Qual sua visão do 1º semestre do Projeto Autonomia?

O primeiro semestre avaliamos que o curso na parte virtual ficou subutilizado. Poucas pessoas entravam ou interagiam. Fizemos ao final do semestre uma avaliação do porque disso, e pensamos em rever essa estratégia para o próximo semestre.

Presencialmente os grupos da manhã e tarde eram muito diferentes. Pela manhã tínhamos um grupo mais heterogêneo, com participante da casa dos pássaros, vivendo, Bruno e Natalia, e poucas professoras da escola do Lago Sul. A tarde tinha-se basicamente as professoras da 209 sul e os estudantes de projeto 3. Nós no gepepi participávamos de ambos turnos, lembro-me da maior participação minha, rafinha e josi.

18 – O que representa o Projeto Autonomia para você?

Representa um espaço de construção coletiva de um sonho.

19 – O que representa o Projeto Autonomia para educação no DF?

Acredito que se conseguirmos concretizar a experiência do autonomia em uma escola ou mesmo em algumas salas de aula, teremos um argumento concreto de que é possível a mudança na estrutura pedagógica das escolas públicas. Isso é muito significativo, e pode ser contagiante.

ANEXO “J” – Entrevista realizada com Tamine Cauchioli

Entrevista realizada no dia 16/05/2010 na residência da Tamine em sua casa na 408 Norte às 18h. Concedida a Rafaella Cerveira.

1 – Qual o seu nome?

Tamine Cauchioli Rodrigues.

2 – Como você se juntou ao coletivo do Projeto Autonomia?

Tamine: Eu me juntei oficialmente quando o projeto entrou na UnB, mas eu já acompanhava o movimento desde que o Pacheco foi em 2009 na Vivendo... Que nesse momento os pais que estavam com as crianças no último ano da Vivendo se juntaram para pensar uma estratégia para da continuidade com os filhos... Pensar em uma escola, fazer outra associação... E era um grupo que já tinha esse nome, Autonomia, desde o começo... Aí esse grupo foi crescendo... Crescendo e chegou um determinado ponto que se dividiu em pais que optaram pela rede pública, mesmo sabendo que esse processo seria mais demorado, né? Esse processo de adaptação... Aceitação... Transformação... E outro grupo eram os pais que não estavam dispostos a se arriscar, né? Aí se formou outro grupo. A partir disso esse grupo que optou pela escola pública chegou à UnB e uniu forças para implementar na 304 norte... Mas aí quando começou a se encaminhar tudo para 304 norte... Foi quando entrei.

3 – Como foram essas primeiras reuniões ainda na Vivendo?

Tamine: Nas primeiras reuniões dos pais na Vivendo eles discutiam muito como era na Escola da Ponte... Estratégias de como fazer... Eram mais estudos e pensar quem poderiam convidar... Quem chamar para unir forças... Era meio que isso. Aí se chegou a essa conclusão né? ou montava uma outra associação ou encaravam esse processo de transformação para mudar a escola pública... Que talvez ficasse por mais tempo...

4 – Porque você resolveu se unir ao grupo?

Tamine: Acho que o principal motivo é porque estava dentro da Vivendo e já estava como estagiaria em uma turma de fim da Vivendo... O ciclo 4, né? E eu via esse desespero e aí o que fazer com o fim da Vivendo... E meio que surgiu como esperança, né? De construir uma coisa diferente... Em acreditar em uma nova possibilidade de que não se acabaria na Vivendo. E depois me ajudou a permanecer foi porque eu estava na UnB e podia aproveitar como matéria, mas a ideia ainda me dá esperança.

5 – Quando você se agregou quais os grupos que estavam no projeto?

Tamine: O pessoal da 304 norte... Estava bem misturado... Lembro que da UnB feio primeiro foi o Tadeu, depois a Alexandra e tinha o pessoal da psicologia... Mas ainda estavam separados... E os pais da vivendo... Tinha um pessoal da Política na Escola... Vocês do

GEPEPI ainda não tinham entrado...

6 – Qual a importância de cada grupo para o Projeto Autonomia?

Tamine: Todos foram importantes o tempo que permaneceram... De repente o projeto ajudou os grupos individualmente, eles perceberam algo para a vida deles... Acho que fortaleceu o grupo do Autonomia também, mostrou várias pessoas interessadas nas ideias, a ideia comoveu e fez parte da pessoa....Deixar uma certa credibilidade também, mesmo que tenha passado só um pouco como aconteceu com o pessoal do Lago, sabe? Saber que deixou pequenos legados...Que tocou...

7 – Como ocorreu a escolha das escolas públicas que o projeto visitou para buscar parceria?

Tamine: foi...Esse grupo pensou nessa divulgação por referência... Que tinha alguém conhecido para visitar... Acho que foi isso, uma ligação. Mãe que tinham filhos na escola e gostariam de levar o projeto.

8 – Como foram pensadas as metodologias para as visitas nas escolas?

Tamine: foi pensado muito em como passar o plano para transformação, sabe? Não sei se foi tanto uma atenção para a ideia do projeto, era mais o plano. A estratégia era mais como convencer as pessoas que isso era real, que podia acontecer... Acho que até foi um problema de quando aconteceu lá na UnB... Eles ficaram com medo porque a gente já fala que devia ser assim e assim e muita gente assustou... Assustou assim, quem conhecia a Escola da Ponte levou um susto porque tinha uma fórmula pronta e quem queria a fórmula pronta depois viu que não era pronta e também assustou, saca? Aí o povo achava que iria construir e era receita... Aí saiu e quando mostraram que não era fórmula pronta o pessoal que queria também assustou.

9 – Como surgiu a ideia do projeto de extensão e do curso da UnB?

Tamine: Acho que foi meio que para conseguir espaço para o projeto, verba e pessoas também, né? Acho que foi meio isso... Não estou lembrando...

10 – Como foram pensado e para que foram pensados os espaços do curso presencial e virtual na UnB?

Tamine: O virtual acho que foi pensado também por causa do horário, sabe? Acho que foi tipo um espaço também para que não podia ir de dia poder participar, acompanhar... E o presencial foi pensando para discutir... Transformar...Elaborar...Conhecer as práticas. Acho que o virtual também surgiu como uma possibilidade de registro... De guardar... E mostrar material e possibilidades existentes... No 2º semestre era mais para o pessoal divulgar também a prática e falar o que já estava acontecendo... Ouvir a escola também... Da escola começar a produzir e organizar...

11 – Como foram as conquistas do Projeto ?

Tamine: Não ter acabado foi uma grande conquista, sabe? Outra conquista foi entrar e chutar a porta da universidade... Levar essa discussão para universidade que antes não tinha sabe? Acho que mesmo não mudando uma escola ainda. Acho que foi isso sabe, depois que o Klobitz saiu que ele era o puxador e viu que na escola do filho dele não ia acontecer... Viu que não precisava ser tão rápido assim ...Poderia ter uma discussão..Aí a Fátima e Alexandra montaram o projeto 3 e 4 que vinha da mesma ideia do Projeto Autonomia.

12 – Quais foram os eventos desencadeadores?

O fato do projeto ter sido iniciado por pais, as palestras do Pacheco, ter levado a discussão para universidade, levar o Pacheco para dentro da escola, ele falar com os professores e eles comprarem a ideia...

13 – Quais as dificuldades ou eventos desafiadores?

Tamine: Umas das dificuldades acho que foi essa questão de desconstruir para construir... De repente essa é uma grande dificuldade, por isso alguns preferem logo construir algo novo mesmo.. Que acredito ser um o pouco menos difícil... Desconstruir concepção da educação... De papel do professor... Desconstrair é muito difícil, saca? Você entrar em uma instituição tão rígida e meter o pé na porta e desconstruir? E a questão de querer mudar a escola, mas pelo meio virtual, saca? Também pode ter gerado alguma desmobilização... Não sei... Acho que também um pouco de não ter muita ação , era mais observação da maioria do pessoal na escola...

14 – O que representa o projeto Autonomia para você?

Tamine: Uma entrega a educação, ao que a gente acredita como educação... Aonde eu quero caminhar, sabe?! Significa isso, essa decisão e essa experiência... Que é possível uma educação de outra maneira e a decisão de lutar por essa causa.

15 – O que representa o Projeto Autonomia para a educação no DF?

Tamine: O Autonomia mostra outras opções... Não sei se é essa a outra maneira, mas só por saber que existem outras e que você pode fazer... Outras opções já é essencial para qualquer mudança. Não sei se pensar em outro modelo de educação seja a opção, saca? Será que pensar ainda em modelos é certo? Não sei... Mas só em pensar que podem outras já é ótimo.



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

PROJETO AUTONOMIA:

Uma história em construção no Distrito Federal

RAFAELA SOUZA CERVEIRA

BRASÍLIA – DF
OUTUBRO DE 2012